



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Belém/PA

2012

LESLY GUIMARÃES VICENZI DE OLIVEIRA

**CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DO CUIDADOR SOBRE O
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso.

Belém / PA

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Oliveira, Lesly Guimarães Vicenzi de

Circulação de crianças: o olhar do cuidador sobre o desenvolvimento emocional / Lesly Guimarães Vicenzi de Oliveira ; orientador, Janari da Silva Pedroso, - 2012.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2012.

1. Cuidadores de crianças. 2. Crianças - Desenvolvimento. 3. Família. 4. Emoções.
I. Título.

CDD - 22. ed. 155.4

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

NOME DO AUTOR: LESLY GUIMARÃES VICENZI DE OLIVEIRA

**CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DO CUIDADOR SOBRE O
DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL**

Dissertação Aprovada em: 07 de dezembro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Janari da Silva Pedrosa (Orientador)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª. Dra. Carmem Izabel Rodrigues
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dra. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke
Universidade Católica de Brasília – UCB /Universidade Nacional de Brasília - UNB

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente às minhas filhas Sofia, Sarah e Surya, pois através de suas próprias circulações me deram força e gás para circular durante um dia inteiro com outras cinco crianças em diversos ambientes. Confesso não ter sido fácil olhar para diante da objetividade, as subjetividades que ali faziam parte, pois o corpo e a mente cansavam, mas não desistia dada a importância da pesquisa que proporcionava repensar o próprio cuidado.

Agradeço à minha mãe (mãe e pai ao mesmo tempo) Marly, que me permitiu ser bebê, criança, mãe e hoje pesquisadora do presente trabalho, pois só consegue-se olhar através dos olhos dos sujeitos participantes se um dia fomos cuidados e olhados como ser em desenvolvimento. Este trabalho também não poderia ter sido realizado sem a força de meu esposo Gimber que soube ser companheiro desde o início até o fim. Ao meu cunhado Bruno um enorme obrigada! Ao meu pai, e irmãos Sandro, Gerson e Junior agradeço por me possibilitar aceitar as diferenças. À minha irmã, Laisa, todo meu amor, por ter sido importante na minha sociabilidade.

Ao meu orientador eterna gratidão, pois através de seu olhar cuidador e com atenção me possibilitou dar asas à minha imaginação e me fez crescer para além desta pesquisa. Confesso que muitas vezes me senti impactada com suas ausências e jeito duro de falar, mas não tolhida e hoje sei o quanto foram importantes estas presenças para o meu crescimento enquanto pesquisadora e profissional.

Aos maravilhosos amigos do LADS, inclusive Roberta Bandeira e Edson Júnior pelos nossos diálogos descontraídos que se permearam de sonhos e aspirações futuras. A grande Prof. Dr. Carmem Izabel que me fez enxergar o quanto nós da psicologia temos que aprender com a Antropologia e outras ciências.

A pesquisadora Julia Bucher que me fez suspirar com os trabalhos orientados no CONPSI (2010). E mesmo sem perceber permearam e muito esta pesquisa. Um abraço especial a todos do colégio, inclusive diretora, responsável pela limpeza, professora, alunos, cuidadores, etc., que me permitiram participar do seu dia a dia na esperança de melhoria de seus cuidados e da pesquisa na capital. Agradeço ao CAPES que me proporcionou melhor qualidade para o desenvolvimento do estudo.

Ao meu mestre Meishu-Sama que me faz crescer muito com sua filosofia e suas frases coerentes, tais qual, “sábio é o homem que, antes de qualquer coisa, procura conhecer a si mesmo...” Não poderia esquecer todas as moças que circularam com minhas crianças me possibilitando circular para a pesquisa. Agradeço o incentivo dado pelo Min. Silvio, Nagela e Tuane. Além de um enorme obrigada a todos os meus novos amigos aqui do D.F. Thereza, Aurélio, Sandra, Gustavo, Erlen, D. Lourdes, Eli, tia Bibi, D. Ana Lúcia, Waldeck, Sr. Edson, Valquíria, Maria Eustáquia, etc., que me ajudaram cada qual em um momento desta nova vida que estou construindo aqui em Brasília. Um agradecimento especial também a todos os participantes indiretos e diretos que não pude citar dado a imensa gratidão que tenho por muitas pessoas.

Crianças: iguais são seus deveres e direitos.
Crianças: viver sem preconceito é bem melhor.
Crianças: a infância não demora, logo, logo vai passar,
Vamos todos juntos brincar...
Não olhem cor nem raça ou religião.
Bons amigos valem ouro,
A amizade é um tesouro
Guardado no coração.

Música: Deveres e Direitos (*Toquinho*)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender a forma como cuidadores, pais e/ou responsáveis, compreendem o desenvolvimento emocional no contexto de circulação de crianças. Para tanto, embasou-se na teoria psicodinâmica sobre o desenvolvimento emocional, cuidador (es) e circulação de crianças. Utilizou-se o método qualitativo, no intuito de capturar dados e informações sobre o fenômeno estudado em sua singularidade (MINAYO, 2010). A dimensão interdisciplinar do presente estudo, calcado na união de conceitos antropológicos e psicológicos, levantou a necessidade de utilizar mais de uma estratégia metodológica, para responder o problema da pesquisa e alcançar o seu objetivo. Desta forma, utilizou-se para coleta dos dados a entrevista semiestruturada com uma dupla de pais e/ou responsáveis por cinco crianças regularmente matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental, além do professor responsável pela referida classe. Fez-se o grupo focal com pais e/ou responsáveis, além da observação de um dia inteiro de cada criança. A análise de conteúdo foi utilizada para avaliar qualitativamente as respostas das entrevistas, ou seja, analisar o material verbal (FRANCO, 2007). Utilizou-se, ainda, do ecomapa e de um viés da perspectiva proposta por Mauss (2001), os quais auxiliaram a montagem da rede social (BOTT, 1976) e a observação participante com registro em diário de campo e posterior análise, ao permitir identificar e interpretar os fenômenos em estudo. Conclui-se que o desenvolvimento emocional na atualidade está ancorado em uma circulação de crianças vigiada, com redes de malha estreita, com poucas relações possíveis sem a escolha dos responsáveis. O ser em cuidado então se sente sufocado, por conseguinte os cuidadores passam a exigir cuidados redobrados de si que os tornam carentes e necessitados de escuta, pois a interdição e o medo gera angústia, ansiedade e futura agressividade. Assim, deve-se ampliar e investir em pesquisas que apreendam a circulação de crianças como forma de investigar como ela está se desenvolvendo emocionalmente na atualidade, para diminuir transtornos psiquiátricos futuros e auxiliar os cuidadores de crianças.

Palavras-chave: desenvolvimento emocional; circulação de crianças; família.

ABSTRACT

The present study aimed to understand how caregivers, parents and/or guardians, understand emotional development in the context of movement of children. Therefore, the research resorted to psychodynamic theory about emotional development, caregiver (s) and movement of children. We used the qualitative method in order to capture data and information about the studied phenomenon in its uniqueness (MINAYO, 2010). The interdisciplinary dimension of this study, based on the union of anthropological and psychological concepts, raised the need to use more of a methodology to answer the research problem and achieve your goal. Thus, it was used for data collection to semi-structured interview with a couple of parents and/or guardians of five children regularly enrolled in the first year of elementary school, and the teacher responsible for that class. There was a focus group with parents and/or guardians, and the observation of a day for each child. Content analysis was used to evaluate qualitatively the responses of the interviews, and analyze the verbal material (FRANCO, 2007). It was used also ecomap and a bias perspective proposed by Mauss (2001), which helped the mounting social network (BOTT, 1976) and participant observation with journaling field and subsequent analysis, to help identify and interpret the phenomena under study. We conclude that emotional development is anchored today in a movement of children watched with close-knit networks with few relationships possible without the assignment of responsibilities. Being in care then feel suffocated therefore caregivers start to demand extra care of themselves that make them poor and needy listening because the ban generates fear and anguish, anxiety and aggressiveness future. Thus, one must expand and invest in research which seize the movement of children as a way to investigate how it is developing emotionally today to reduce future psychiatric disorders and assist caregivers of children.

□

Keywords: emotional development; movement of children; family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 MÉTODO DE PESQUISA.....	13
2.1 A pesquisa qualitativa	13
2.2 A estruturação da pesquisa	14
2.3 Local de pesquisa	15
2.4 Participantes.....	16
2.5 Instrumentos de pesquisa.....	18
2.6 Procedimento	19
2.7 Análise dos dados.....	20
2.8 Categorias molares, moleculares, redes e ecomapa	21
3 CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL	26
3.1 A criança e sua família	40
3.2 A criança e sua rede	46
4 O OLHAR DO CUIDADOR E OS MODOS DE CUIDADOS	50
4.1 O discurso (religioso) e a normatização	52
4.2 As diversas formas de cuidado	65
4.3 A transmissão disciplinadora dos cuidados	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXO.....	92
APÊNDICES	94

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi fruto de um olhar muito cuidadoso sobre o desenvolvimento emocional. Teve como objetivo compreender a forma como nove cuidadores, pais e/ou responsáveis, de uma escola situada na capital de Belém do Pará, compreendem o desenvolvimento emocional no contexto de circulação de crianças. Foram observadas as rotinas de cinco crianças ao longo do dia.

Adota-se o conceito de circulação de crianças de Igreja e Maués (2010) como movimento de novas formas de sociabilidade infantil em todas as classes sociais. Tais autoras acreditam que a circulação de crianças deve ser observada em suas nuances, intermitências e constâncias, mesmo quando um sujeito passa a responsabilidade sobre os cuidados da criança para outro, que a acolhe, nem que seja por alguns momentos. A responsabilidade é repassada de um adulto para outro, mas em campo foram observados outros sujeitos responsáveis que nem sempre são adultos. Notou-se, ainda, que os meios de comunicação se fazem presentes na sociabilidade infantil.

O entendimento do desenvolvimento emocional, na perspectiva psicodinâmica, considera a maturação biológica e o ambiente facilitador (WINNICOTT, 1990; 1975). O desenvolvimento das crianças relaciona-se com os cuidadores na forma de um cuidado que permite um modo de circulação.

Discutir desenvolvimento emocional e circulação de crianças a partir de uma escola remete ao primeiro contato com um dos participantes, quando foi exibido o filme Wall-E, cujo roteiro e direção foram feitos por Andrew Stanton.

O filme se inicia no ano de 2700, tendo como cenário principal o planeta Terra basicamente desabitado. Ele se apresenta como um grande depósito de lixo, no qual o personagem principal do filme, Wall-e (*WasteAllocationLoadLifters - Earth - Levantador de Carga para Alocação de Lixo - Classe 'Terra'*), trabalha sozinho para compactar e organizar todo o entulho, uma vez que seus companheiros de profissão já se encontram estragados. Assim, ele e sua barata de estimação são os únicos habitantes daquele planeta cinzento.

No final, o personagem se apaixona por Eva (Examinadora de Vegetação Alienígena), enviada pelos humanos, os quais vivem se escondendo na galáxia sem ao menos se relacionarem e conversarem, pois se tornaram totalmente individualistas e gordos. Claro que se sabe que o caráter do filme foi demonstrar o quanto nós, humanos,

estamos a nos manipular, ao utilizar, de forma desmedida e por pura futilidade, os recursos que podem acabar e tomar o rumo de nossas vidas.

Mas o fato é que o filme incomodou tanto a pesquisadora a ponto de dar sono, não só pela inércia vivida pelos personagens, mas por essa sensação angustiante suscitada no momento da observação, diante do movimento de todas as crianças. O filme mostra que, no futuro, os humanos possuirão corpos obesos e atrofiados, a ponto de parecerem “balões de água”, devido à falta de exercício físico que os tornaram totalmente inúteis. As extensões tecnológicas inventadas para substituir os movimentos deixaram marcas profundas nos corpos. Tais marcas já estão aparentes emocionalmente nas crianças observadas, quando elas são a todo o momento tolhidas de andar para além dos muros, dentro dos quais são mantidas pelos pais.

Na pesquisa, não se pretende discutir a fusão entre humano e tecnologia evidenciada no filme, mas o fato de as crianças observadas utilizarem os mesmos meios de comunicação para circular. Para estes cuidadores, este fato não passa de uma forma de mantê-los impedidos de se relacionar para além das relações sociais previamente escolhidas. É também uma forma de mantê-los seguros, diante do que julgam necessários.

Neste estudo, o desafio foi organizar as informações dos diversos participantes para uma análise qualitativa. Optou-se pela análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Sistematizou-se em categorias gerais (molar) e específicas (molecular) que foram distribuídas nos capítulos.

O primeiro capítulo, Circulação de criança e o desenvolvimento emocional, descreve como o movimento de circulação influi no desenvolvimento emocional em um novo contexto de sociabilidade infantil. As categorias moleculares foram: “a criança e sua família” e “a criança e sua rede”. A primeira descreve o desenvolvimento emocional da criança na família analisado a partir da perspectiva psicodinâmica. Já a categoria molecular “a criança e sua rede”, descreve como o grupo social do qual a criança e sua família fazem parte interfere na forma como estes cuidadores se relacionam com a circulação da criança.

A segunda categoria molar, denominada “O olhar do cuidador e os modos de cuidados”, descreveu a percepção, crenças, valores e ações do cuidador que refletem sobre os cuidados. As categorias moleculares foram: “o discurso (religioso) e a

normatização”; “as diversas formas do cuidado”; e “a transmissão disciplinar e os cuidados.”

As diversas categorias foram organizadas para compreender as redes sociais da criança e a circulação. As redes e a circulação foram estruturadas a partir do ecomapa (SMARTDRAW, 2012). Compreende-se que depende do modelo de rede para a família possuir maior ou menor pressão por normas dentro do grupo (BOTT, 1976). Assim, a estratégia utilizada pelos cuidadores na rotina de circulação da criança se relaciona com o grupo e reflete no desenvolvimento emocional desta.

Mas para chegar a este ponto de convergência citado acima foi necessário utilizar diversos recursos para coleta de dados, no intuito de observar o mais próximo possível a realidade dos sujeitos pesquisados. Então, foi imprescindível a observação participante (ANGROSINO, 2009), entrevista individual (TURATO, 2003) e grupal (BARBOUR, 2009), além do diário de campo a partir do viés da observação de Mauss (2001), segundo o qual o observador integra o contexto e dele não pode se separar nem no momento da análise.

Cada capítulo que será apresentado a seguir faz parte da história contada a partir do olhar do pesquisador, das crianças e dos respectivos cuidadores. É certo que os relatos não são parte, mas sim o todo metodologicamente estruturado para melhor compreensão das informações apreendidas. Portanto, todos são participantes e integrantes, inclusive o observador.

2 MÉTODO DE PESQUISA

2.1 A PESQUISA QUALITATIVA

O método qualitativo permitiu capturar múltiplas vozes de diferentes agentes envolvidos em algum aspecto do comportamento social, como no caso da presente pesquisa (FLICK, 2009; MINAYO, 2010). O estudo que ora se apresenta visou capturar percepções acerca do desenvolvimento emocional e da circulação de crianças, a partir da visão dos cuidadores.

A dimensão interdisciplinar do presente estudo embasou-se na união de conceitos antropológicos e psicológicos e na necessidade de utilização de mais de uma estratégia metodológica, no intuito de responder o problema da pesquisa e alcançar o seu objetivo. Métodos complementares produziram “insights” adicionais, tais modos são uma forma de triangulação para construção de base de dados, que garantiu comparações instrutivas (ANGROSINO, 2009; BARBOUR, 2009; YIN, 2005). Para tanto, optou-se pela coleta por meio de entrevista semiestruturada (FLICK, 2009), entrevista grupal ou grupo focal (BARBOUR, 2009; FLICK, 2009), observação participante (ANGROSINO, 2009; FLICK, 2009) e diário de campo.

A entrevista semiestruturada foi feita com a dupla de pais e/ou responsáveis de cinco crianças do primeiro ano do ensino fundamental e com a cuidadora professora da respectiva série, no intuito de apreender a realidade percebida, a partir de narrativas individuais. Essa etapa foi importante para fortalecer o encontro entre o pesquisador e o entrevistado e para elucidar o tema da pesquisa (FLICK, 2009).

O grupo focal foi utilizado com pais e/ou responsáveis, pois favoreceu a dinâmica entre indivíduos, teve acesso pessoas relutantes e pouco acessíveis e produziu “insights” dentro do grupo. Trata-se, portanto, de uma ferramenta extremamente importante (BARBOUR, 2009). Ademais, esta forma de coleta de dados é uma técnica importante para pesquisas acerca de um tema pouco conhecido, pois permite o delineamento de pesquisas futuras e a produção de significados sobre determinado tema (SILVA e ASSIS, 2010).

O viés da observação participante foi utilizado no dia a dia de cinco crianças e foi de suma importância na presente pesquisa, visto que ampliou o olhar do pesquisador

sobre a formação da cultura na infância dentro de um contexto inter-relacional entre a circulação de crianças e o desenvolvimento emocional. Desta forma, este tipo de observação permitiu ao pesquisador examinar interações e comunicações em franco desenvolvimento.

A observação não poderia se encerrar apenas na coleta de dados das entrevistas, em sala de aula ou em casa, mas se fez presente ao longo de todo o processo. Visto que existiram apreensões internas e externas da observadora que precisavam ser transcritas, sensações não só no contato com o local e com os participantes, mas nas idas e vindas da pesquisadora para além do campo previamente delimitado como local de coleta de dados.

Para somar a esta técnica então, utilizou-se o diário de campo. Malinowski (1997) registrou em seu diário o sentimento de regressar ao seu meio cultural, seu desânimo, dúvidas e vontade de fugir do local da pesquisa nem que seja por meio de pensamentos, sentimento este que não divergiu do sentido pela pesquisadora muitas vezes no contato e mesmo no retorno ou encontro com os participantes. Então, se anotou além das observações, idéias, frases e esquemas espaciais do campo.

A análise de conteúdo de Bardin (2009) foi fundamental para o desenvolvimento do estudo e visou ao acesso dos significados manifestos e latentes sobre o olhar destes cuidadores, tanto no interior da entrevista individual, quanto na entrevista grupal, bem como na observação. Para coletar e analisar alguns dos dados em campo, foram utilizados os requisitos antropológicos propostos por Mauss (2001), os quais permitiram organizar os fatos de um contexto desconhecido, qual seja, a cultura presente na circulação de crianças. Vale ressaltar que as trocas e relações destas crianças são pouco pesquisadas na perspectiva psicodinâmica.

2.2 A ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa bibliográfica sobre desenvolvimento emocional de crianças buscou-se compreender a relação entre o desenvolvimento e o cuidador no âmbito familiar. Abarcaram-se estudos desde o ano de 2000. Assim, efetuaram-se buscas nas bases de dados Scielo e Pepsic, por serem duas bases com textos completos. Os descritores eletrônicos foram desenvolvimento + emocional, circulação + criança, socialização +

criança, desenvolvimento+ psicológico e cuidador + criança. Estes textos somaram duzentos e dezesseis artigos. Poucas pesquisas empíricas utilizam o inter-relacionamento entre o desenvolvimento da criança dita “normal” no âmbito familiar e outros contextos sociais. Não se encontrou nenhum estudo sobre o desenvolvimento emocional na perspectiva psicodinâmica que aborde desenvolvimento emocional de crianças e circulação.

Pretende-se, então, elucidar de que forma os cuidadores percebem o desenvolvimento emocional das crianças quando estas passam a circular. A circulação de crianças ocorre, por exemplo, no seu ingresso na instituição de educação infantil, momento que demarca visualmente a passagem do contexto familiar para o social.

2.3 LOCAL DE PESQUISA

O local escolhido para a pesquisa foi o C.H (Rua dos Mundurucus), na cidade de Belém (Pará). A diretora da escola se refere ao local como o produto da dedicação da fundadora, sua mãe. A instituição existe há vinte e dois anos no mercado. Atualmente, possui 390 alunos, distribuídos entre o primeiro ano do fundamental e o primeiro ano do ensino médio. Há nove alunos no primeiro ano do fundamental. O método de ensino é positivo, construtivista. Possui dois andares com salas de aulas. No térreo, além destas instalações, há lanchonete e dois banheiros e mais uma nova construção para portadores de necessidades especiais. No segundo andar, além das salas de aulas, há banheiro de professores e, no terceiro, existe um ambiente de recreação para as crianças. A diretoria fica em frente ao único portão de acesso e só pode adentrar com autorização, nem mesmo os pais podem levar as crianças até a sala de aula.

É válido ressaltar que toda a escola, incluindo a fundadora, a diretora e alguns de seus professores, senão todos os funcionários, são membros ativos de alguma Igreja Evangélica. Desta forma, percebe-se uma educação influenciada fortemente pela moral religiosa de seus integrantes. É válido deixar claro que a religiosidade não foi critério de seleção do Local.

2.4 PARTICIPANTES

Os participantes foram escolhidos com base em critérios pré-estabelecidos, tais como: i) o (a) aluno (a) está devidamente matriculado no primeiro ano; ii) ser alfabetizado; iii) aceitar o termo de adesão voluntária à pesquisa, com a assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE); iv) ter interesse em participar das entrevistas de grupo e individual; e, v) permitir que a sua criança seja acompanhada pelo pesquisador ao longo de um dia inteiro. A população pesquisada foi composta pela professora responsável da série em que a criança estudava. Isso porque o referencial utilizado compreende a necessidade de conhecer os cuidadores responsáveis por estes cuidados contínuos e dinâmicos, mesmo que intermitente, pois se sabe que a responsabilidade pelos cuidados é repassada de um adulto para outro (FONSECA, 1995).

A amostra foi não probabilística (BARBOUR, 2009; FLICK, 2009), com a participação de uma dupla de cuidadores responsáveis pela criança, que estava devidamente matriculada na presente escola. Deveriam ter sido escolhidos dez cuidadores, mas apenas oito participaram, em razão da existência de crianças gêmeas. Mesmo assim, tentou-se um número maior de crianças, mas não obteve sucesso, pois dos nove alunos, apenas cinco puderam e quiseram integrar a pesquisa.

O critério do número máximo de participantes responsáveis pela criança se ateu ao tempo, dada a previsão para encerrar a pesquisa. Todos os entrevistados moram no bairro mais populoso de Belém, marcado pela pobreza e violência. Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios. A primeira entrevistada foi a professora Kátia, que possui o terceiro grau. Costuma levar a filha para sair aos finais de semana junto com seu esposo. A renda familiar varia em torno de R\$ 705,00 a R\$1.126,00. Relata que ela contribui para o sustento financeiro do lar, pois o marido faz “bico” (trabalho sem carteira assinada, sem função específica). É casada no civil e no religioso.

A outra participante foi a Sra. Marta, mãe das gêmeas, Pâmela e Susie, com seis anos de idade. A renda mensal da família chega a R\$ 5.000,00. A família recebe auxílio de outro cuidador, uma moça que trabalha na residência e participa dos cuidados com as crianças. Esta não foi entrevistada, mas foi observada. Os pais delas são casados no civil e no religioso há pouco tempo, pois ao “ingressarem na fé Evangélica, perceberam a

necessidade de se unir em laços matrimoniais” (dados da entrevista da mãe). Ambos os cuidadores em entrevista percebem diferenças significativas entre as duas crianças e relatam a todo o tempo tais diferenças, tal como uma criança chorar mais que outra, aprender com mais facilidade, enquanto a outra gosta de desenhar, etc (dados da entrevista mãe/pai). A mãe possui o terceiro grau e o pai, o segundo grau completo. Ambos descrevem que há pouco lazer entre o casal e com as crianças, sendo o pai quem promove na maioria das vezes. A mãe descreve possuir uma dor forte na perna, que a impede de acordar bem disposta pela manhã. Quando as crianças dependem dela para ir à escola, elas não vão, pois “não dá conta” (dados da entrevista da mãe).

A pesquisa contou também com a participação da mãe de Nilson, de seis anos de idade. Mesmo com o imenso interesse e assinatura de dois cuidadores, foi difícil a observação da criança, pois o pai não havia sido informado que teria uma entrevista com uma psicóloga pesquisadora, o que o fez ficar nervoso no dia da entrevista, pois achava que era uma dificuldade da escola. Levou tempo e bastante manejo para concluir a observação, depois de várias ligações e paciência por parte da observadora, pois o pai foi bastante rude no meio do corredor da escola. A renda familiar, como na maioria dos outros casos, está em torno de R\$ 1.126,00 a R\$ 4.854,00. O pai demonstra claramente preocupação em relação às despesas domésticas, justificando a sua ausência do lar e dos cuidados dos filhos, bem como o fato de não ouvir as dificuldades e medos de sua esposa. Possui segundo grau incompleto e a mãe terminará o ensino superior. Os cuidadores descrevem que não há momentos de lazer, nem entre o casal, nem com os filhos. Ambos são evangélicos praticantes.

A mãe adotiva e a irmã, que “parece um pouco mãe” (notas da entrevista), de Carla aceitaram, após muitos diálogos e muito tempo entre o aceite e a primeira entrevista, visto que a irmã queria, mas possuía pouco tempo, e a mãe não estava muito disposta a responder às indagações, tanto que não deixou gravar a entrevista. Apresentam uma renda que varia entre R\$ 1.126,00 a R\$ 4.854,00. A irmã trabalha e, junto com o pai da criança, contribuem para o sustento financeiro e despesas de criança. A irmã demonstrou muita preocupação nos cuidados diários e com o futuro da criança. Ambos os cuidadores não são filiados a nenhuma religião, mas deixam claro que o fato da escola possuir fundamentos evangélicos as tranquiliza. Ambas relatam que não possuem muitos momentos de lazer. A irmã está terminando o ensino superior e a mãe, tem segundo grau incompleto.

Os cuidadores de Nilson foram a mãe e a avó, as últimas a aceitar participar da pesquisa, sendo que a avó faltou várias vezes à entrevista. Por essa razão, a pesquisadora decidiu fazer as perguntas no domingo na casa da entrevistada. Ambas faltaram ao grupo focal e só permitiram a observação da criança meses depois, em um sábado, durante poucas horas. Apresentam renda que varia entre R\$ 1.126,00 e R\$ 4.854,00. A avó e o pai contribuem para o sustento financeiro. A família como um todo é evangélica e praticante. Os pais são casados no civil e religioso e a avó, separada. A mãe cursa ensino superior e a avó possui o fundamental. Ambos os cuidadores possuem pouco lazer, o qual, em sua maioria, envolve momentos religiosos.

2.5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Neste estudo, utilizou-se primeiramente a entrevista semiestruturada com o professor da classe para coleta dos dados; depois, a observação das crianças em sala de aula, concomitante com a entrevista dos pais e/ou responsáveis por cinco crianças regularmente matriculadas. A seguir, procedeu-se à observação de um dia inteiro de cada criança. Por fim, fez-se o grupo focal com pais e/ou responsáveis.

Para a entrevista semiestruturada, com base em Turato (2003), utilizou-se gravação em Pen Drive gravador, com os cuidadores pais e/ou responsáveis e a professora. Apenas um sujeito entrevistado não quis ser gravado, mas teve sua entrevista escrita. O material é constituído de três partes. A primeira é composta por dados pessoais e questões semidirigidas sobre a rotina e os cuidados com a criança. A segunda destina-se a dados pessoais do entrevistado e a terceira contém perguntas semidirigidas sobre a rotina de circulação do cuidador, bem como a compreensão sobre cuidados, família e desenvolvimento emocional. A entrevista teve o intuito de levantar dados pessoais, investigar concepções sobre cuidado, família, desenvolvimento emocional e analisar as redes estratégicas utilizadas nos cuidados.

Em um segundo momento, apenas os cuidadores pais e/ou responsáveis participaram de uma entrevista em grupo, com duração de duas horas, no intuito de conhecer um pouco mais os indivíduos em grupo, como se dão os diálogos entre eles em relação a percepções do desenvolvimento emocional, cuidador e contextos sociais. Esta entrevista grupal também foi gravada. O objetivo consistiu em visualizar, por

intermédio de trocas dialógicas, as vivências e percepções de cuidadores sobre o desenvolvimento emocional em plena circulação (FLICK, 2009).

Utilizou-se também o ecomapa que identificou, por meio de representação gráfica, as relações e ligações da família e/ou do indivíduo com as pessoas e estruturas sociais em que habita. Além da observação participante, com transcrição em diário de campo, no intuito de percorrer com as crianças todos os ambientes pelos quais circulam, ao longo de um de seus dias com seus diversos cuidadores, para focar como funciona a rede de socialização da criança e a construção de sua cultura. Esta estratégia teve o intuito de compreender os fatores sociais e ambientais que abarcam o desenvolvimento e o comportamento da criança, não só na sua família nuclear, mas nos diversos ambientes nos quais a criança circula (ANGROSINO, 200; FLICK, 2009).

2.6 PROCEDIMENTO

Primeiramente, a pesquisa foi submetida à avaliação e à autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Instituto de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Pará, e teve como anexos o Termo de Aceite da Instituição envolvida (apêndice A). Infelizmente, demorou três meses para recebermos o retorno do Comitê para dar início à pesquisa, o que culminou no final das aulas do segundo semestre letivo e em algumas alterações no que tange à observação de duas crianças, que não foram para escola e só foram observadas no dia a dia no lar e em algumas de suas atividades diárias longe da escola.

O primeiro contato com a escola ocorreu no dia 23 de junho de 2011. No dia 29 seguinte, a diretora recebeu o pesquisador e aceitou participar da pesquisa. Foi necessário apenas aguardar a resposta do comitê de ética. Como a diretora não pôde reunir os pais para comunicação sobre a pesquisa, propôs-se a enviar uma carta convite em setembro de 2011.

A resposta demorou a chegar. Então, a pesquisadora conversou com alguns pais em frente à sala e, mesmo não obtendo resposta imediata, decidiu iniciar a entrevista com a professora, pois nem ela sabia do que se tratava a pesquisa. A entrevista em grupo ocorreu em dezembro.

Alguns pais rapidamente se prontificaram a participar, mas outros não entenderam ou não tiveram interesse, então a pesquisadora pediu o telefone de todos os pais e ligou para cada um, explicando sobre a pesquisa. Demorou cerca de seis semanas para obter o aceite dos dez responsáveis, razão pela qual se optou por intercalar as observações específicas de cada criança e do grupo em sala de aula. Após as observações grupais na escola, as entrevistas foram marcadas. Neste momento, os pais e/ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Então, foi agendada a observação individual em plena circulação, inclusive do ambiente doméstico e, em seguida, o grupo focal.

É válido ressaltar que não houve uma linearidade entre o momento destinado apenas a entrevistas e a etapa de observação no lar, conforme proposto anteriormente, e nem se pôde priorizar apenas a escola como local de entrevista, visto que houve várias intempéries ao longo do processo. Mas este manejo necessário não impediu o bom desenvolvimento do estudo, que culminou nos resultados ora apresentados.

2.7 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de conteúdo de Bardin (2009) foi utilizada para avaliar qualitativamente as respostas das entrevistas e a observação, ou seja, buscou-se analisar qualitativamente o material através de categorias (FRANCO, 2007).

A análise de Conteúdo (AC) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a inferir sistematicamente e descritivamente o conteúdo das mensagens. As categorias pretendem tomar a totalidade do texto, segundo o critério de classificação e recenseamento, na presença ou na ausência de sentido. Assim, são concluídos os elementos significativos da mensagem, sejam estes quantitativos ou qualitativos (BARDIN, 2009).

Segundo Bardin (2009), esta técnica é imprescindível para articular teoria e prática, principalmente quando se pretende investigar as causas a partir dos efeitos. A presente pesquisa utilizou-se das categorias temáticas para estruturação dos dados levantados. As categorias foram criadas *a posteriori*, e emergiram do discurso e da observação, sendo necessária constante ida e volta do material de análise à teoria. É interessante notar a “convergência dos sentidos” entre os participantes (FRANCO,

2007). Não se obteve uma sequência lógica como resultado das categorias molares e moleculares, descritos no próximo subitem, mesmo em se tratando da entrevista, pois esta foi semiestruturada e priorizou-se a não fragmentação do discurso.

A preparação do material se fez pela “edição”, leitura e releitura de todos os dados coletados na observação, nas entrevistas e no diário de campo. As categorias foram semânticas, representadas por temas. As categorias temáticas (esboço encontra-se no apêndice) foram divididas em molares, cada qual com suas respectivas moleculares. Estas só puderam ser definidas, pois já havia sido levantada grande parte da pesquisa bibliográfica da pesquisa que auxiliou encontrar as nuances por detrás de palavras, frases, gestos e comportamentos de todos os participantes e de seu entorno.

Além deste método de análise dos dados, fez-se necessário a incorporação do ecomapa para observação das redes de circulação de crianças (MELLO, 2005), o que acresceu na análise de conteúdo e observação participante.

2.8 CATEGORIAS MOLARES, MOLECULARES, REDES E ECOMAPA

As categorias molares e moleculares foram organizadas conforme sugerido pelo método de Bardin (2009). Paralelo a esse, há o entrelaçamento do viés do pensamento de Marcel Mauss (2001) sobre o fato social capturado durante a observação participante, não só quando houve a circulação do pesquisador com as crianças, mas durante todo o processo.

Verifica-se, ainda, a demonstração de alguns requisitos do ecomapa (SMARTDRAW, 2012), que facilitou a esquematização da “rede social” que permeia a construção desta realidade (BOTH, 1976) e aprofunda as categorias. Isso porque permitiu visualizar a natureza das relações com o meio, mostrando-nos o equilíbrio entre as necessidades e os recursos utilizados pelo ser e/ou grupo.

Existem três diferentes dimensões para cada ligação no ecomapa. O primeiro é a força de ligação, relação ou contato, que pode ser fraco, tênue/incerto ou forte. O segundo é em relação ao apoio que pode ser total ou equilibrada, muito apoio ou pouco apoio, o que gera desequilíbrio de energia na troca relacional. Ademais, a qualidade da energia pode ser estressante. Acrescentou-se a isto a relação de insegurança, pois o que

se pretende conhecer é a percepção dos cuidadores sobre o desenvolvimento emocional da criança.

Na ilustração, encontra-se também um círculo grande e mais escuro, que significa às pessoas que o observador tomou conhecimento profundo ou superficial, por meio da observação ou entrevista. Há, ainda, círculos semipontilhados, que remetem às pessoas próximas que participam quase cotidianamente da vida da criança. Algumas relações tiveram uma coloração vermelha ou azul apenas para facilitar a visualização gráfica.

Sendo assim, parte-se da criança enquanto sujeito e, portanto, sua rede é formada por atividades diárias, não apenas com seus familiares, mas com todo o seu entorno. Claro que se acrescentou a sistematização e a coordenação do que foi observado. Acresça-se que a apreensão interna teve que ser transposta nos termos da apreensão externa (MAUSS, 2001).

Assim, as áreas incluídas no ecomapa (SmartDraw, 2012) para compreensão da circulação e do desenvolvimento emocional em rede foram as seguintes:

- 1- Parentes, parentela e amigos próximos, além de animais e outros cuidadores importantes;
- 2- Escola: inclui a relação com professora e amigos. No ecomapa da professora, são incluídas a relação dela com as crianças e a coordenação;
- 3- Provas: como se relacionam com esta atividade necessária à avaliação de desempenho, a partir do primeiro ano. E como a professora se relaciona com esta forma de avaliá-los;
- 4- Nascimento: como foi? Como os familiares encararam e se relacionaram com esta criança. No caso da professora, como foi o nascimento de sua filha e como encara os cuidados com ela a partir disto;
- 5- Situação econômica: como afeta suas relações?
- 6- Observador: como se relacionou com este sujeito que entrou para observar em sua vida?

Marcel Mauss (2001) descreve que o observador é parte da observação que é objeto e sujeito. Deve-se apreender a subjetividade tanto a nível consciente quanto inconsciente. O observador deve observar como se fosse o próprio sujeito.

- 7- Família Materna: qual tipo de relação e que energia tem a relação entre a criança e os parentes maternos? Em relação a professora, como é a relação dela com a família de origem?
- 8- Família paterna: que tipo de energia é trocada entre criança e estes parentes. No caso da análise da professora, como é a troca dela com a família de seu marido.
- 9- Cuidado/Cuidador Familiar: quem é o cuidador? Como se sente e como a criança se relaciona com este?
- 10- Afazeres domésticos: que tipo e que impacto ocasiona no dia a dia?
- 11- Trabalho: como se relacionam com trabalho de casa e com quem os auxilia? Professora é o seu trabalho na escola como um todo.
- 12- Aula Extra: existe? Professora ministra aula extra? Se sim, isto significa outra forma de renda e outra atividade extra classe.
- 13- Vizinhos: como é a interação com este grupo ou pessoa?
- 14- Igreja: este grupo é constante na vida?
- 15- Passeios: existe passeio além da igreja? Se sim, busca-se saber frequência e energia despendida.
- 16- Passeios da igreja: que impacto tem esta atividade?
- 17- Brincadeira na rua: Se existe como se relaciona com as outras áreas? Em relação à infância da professora também é importante saber, pois o sujeito cuida a partir de sua vivência do cuidado.
- 18- Brincadeiras em casa: Como o sujeito se relaciona com isto e que impacto tem nas atividades diárias da casa?

19- Computador: como relaciona com este meio de comunicação e que impacto pode ter no desenvolvimento e relacionamento?

20- TV: como utiliza esse meio de comunicação e que impacto possui no desenvolvimento e relacionamento?

21- Dificuldade observada: esta área é necessária, pois se observou que gera estresse e/ou dificuldade.

A professora também teve seu ecomapa (figura 1) realizado e pôde-se averiguar com maior precisão algumas de suas relações e redes, bem como de que forma podem interferir ou interferem no dia a dia em sala de aula. Mauss (2001) descreve que, para se compreender algo, deve-se partir do prisma de que o ser é sempre social. Portanto, o social e o individual estão intimamente relacionados.

Ao capturar esta relação, percebe-se que existem três pontos que devem ser destacados e que foram acrescidos na observação e na montagem da rede e do ecomapa. Os pontos destacados são os seguintes: i) modalidades do ser social, que se referem ao ser humano ligado ao jurídico, econômico, estético, religioso, etc; ii) momentos históricos, tais como nascimento, infância, educação, adolescência, casamento; e, por último, iii) expressões, desde reflexos, secreções, acelerações, abrandamentos, inclusive representações inconscientes, conscientes, individuais e coletivas que se apresentam. Então, devem ser considerados aspectos físicos, psíquicos, fisiológicos e sociológicos, pois tais aspectos permeiam a vida em sociedade (MAUSS, 2001).

Sendo assim, o início desta esquematização encontra-se no próximo capítulo, qual seja, “circulação de criança e o desenvolvimento emocional”, mas não se esgota nele. Assim, têm-se a primeira categoria molecular denominada “a criança e sua família.” Observou-se, tanto nas entrevistas, quanto na observação, que o desenvolvimento emocional das crianças é dificultado, ao mesmo tempo em que há um pedido por parte das crianças para que as deixem construir fora do ambiente encarado por estes cuidadores como seguro para o desenvolvimento destas. Outra categoria molecular é “a criança e sua rede”, a qual descreve com mais detalhes como a rede que compõe a realidade da criança em franco desenvolvimento interfere na circulação. De acordo com Bardin (2009), as categorias emergem da fala, do discurso e da observação.

A outra categoria molar, “o olhar do cuidador e os modos de cuidados”, refere-se à forma de cuidado, que é diferente e, mesmo que convivam em sociedade, existem afinidades. As respectivas categorias moleculares foram: i) o discurso (religioso) e a normatização onde a naturalização da desigualdade, as diferenças são marcadas por uma repugnância, que aparentemente passa ser tão natural quanto cotidiana; ii) as diversas formas do cuidado; e, por fim, iii) a transmissão disciplinar dos cuidados, a qual descreve a existência de gerações que estão em contato direto e indireto com estes cuidadores e com estas crianças. Isso acaba por fortalecer crenças a respeito de como deve ser o desenvolvimento delas e, ao mesmo tempo que comparam, tentam infrutiferamente evitar que surjam novas formas de se relacionar, que exigem tanto cuidadores quanto cuidados. Percebe-se o quanto o cuidador, seja na família ou na escola, encontra-se desamparado nos cuidados diários de casa e em seu entorno social.

Diante de todos esses dados coletados e da metodologia escolhida, parte-se para os capítulos para melhor visualizar a gama de informações coletadas. Frise-se que nem todos os dados - do ecomapa, da tabela e da observação - serão citados no corpo do trabalho, devido ao espaço que corresponde à dissertação final. Encontram-se ao longo desta, frases, gestos, ou momentos mais marcantes na visão do pesquisador.

3 CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

A circulação é encontrada em “toda transação pela qual a responsabilidade de uma criança é transferida de um adulto para outro” (FONSECA, 1995, p. 116). A circulação de crianças para a autora é uma realidade apenas de grupos populares, mas Igreja e Maués (2010) retrata esta realidade na classe média de Belém (PA).

Fonseca (2002) ressalta que a circulação de crianças pode ser mal interpretada por alguns indivíduos das camadas mais abastadas, devido à adoção da família nuclear como norma hegemônica. Diante disso, qualquer desvio é visto como desorganização familiar. Todavia, antes de considerar que qualquer desvio da norma é patológico, como na visão de um psicólogo que se centra no indivíduo, toma-se como base a dinâmica familiar e individual escrita pela teoria psicodinâmica, que concebe o sujeito em sua teia de arranjos possíveis, em que o todo não resulta na soma das partes.

É dentro desta perspectiva que este pensamento mais amplo passa a existir. Inclusive, permite acrescentar que não é só em camadas mais abastadas que existe este pensamento da família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, como norma hegemônica. No exemplo de Carlos, foi encontrado algo semelhante, quando sua avó (D. Jô) relata que tentou suprir a falta dos pais, que não puderam estar muito presentes na vida da criança do zero aos três anos, pelo fato de seu pai trabalhar em padaria e a mãe, em farmácia (notas da entrevista da avó). Esse fato parece ter sido mais uma força para a ligação entre ambos. Mesmo assim, sem perceber, D. Jô rememora este fato, ao responder a pergunta sobre quem corrige o comportamento da criança. Na visão dela, uma avó não poderia corrigir um neto, pois essa é uma tarefa do casal. Porém, ela deixa claro que exerce este papel apenas em função das circunstâncias.

A entrevistada responde e remonta sua história para explicar o que considera uma aparente desorganização familiar. Sendo assim, em um contexto psicodinâmico que considera o ciclo de desenvolvimento humano, pode-se dizer que todos passam a circular: crianças, jovens, adultos. Portanto, tudo circula e a todo o momento, inclusive conceitos sobre cuidado, como no caso acima.

Serra (2003) faz um estudo minucioso sobre a circulação de crianças no contexto migratório brasileiro, desde o momento em que a criança passa a não mais residir com a mãe até a adoção. O presente estudo não se refere a esta circulação de crianças.

Conforme referido por Fonseca (2002), a circulação de crianças não necessariamente deve estar assimilada a um problema social ligado à adoção. Todavia, Serra (2003) entende este conceito como parte da diversidade social e do ciclo de vida familiar. A pesquisa se alinha ao pensamento de Fonseca (2002), a qual exemplifica o caso de uma menina que considera como mãe três mulheres diferentes, porque cada uma delas foi responsável pelo seu cuidado em algum momento.

Este estudo se refere à circulação que ocorre todos os dias, não só com crianças da classe pobre, que se mobiliza muitas vezes para além da rede de parentesco para auxiliar com as crianças. A pesquisa reflete também a classe média, que aciona outros grupos para cuidar desta criança, seja a creche, a babá, ou outras tantas atividades das quais a criança participa e circula (IGREJA e MAUÉS, 2010).

Cada um desses locais possui um sujeito que pode, ou não, ser adulto que cuida da criança de diferentes formas, mesmo que por apenas algumas horas do dia. Estes lugares em que a criança circula não fazem parte da família nuclear, mas devem ser considerados, se o ambiente de cuidado for referendado pelos pais e/ou cuidadores e pela criança. Sendo visto como referência por este (s) sujeito(s), pode haver uma figura de apego, que substitua a tal díade mãe-bebê tão citada pela psicanálise clássica. Além destes cuidadores, acrescentam-se os meios de comunicação, tais como a TV e o computador, que também cuidam, informam, transmitem e trocam informações com quem os assiste ou utiliza assiduamente.

Maués (2004), ao descrever a história de um menino de doze anos de classe média urbana, cita o vai e vem do menino, devido à separação de seus pais. O casamento e o recasamento de seu pai o fez circular entre as casas, além de outras atividades extracurriculares que fazem uma ciranda no desenvolvimento desta criança. A autora afirma haver necessidade de observar se há uma moradia, uma base fixa, na qual a criança fica mais tempo. Devem ser considerados outros lugares, sucessivos e regulares, nos quais a criança frequenta por determinados períodos, com personagens específicos e trocas individuais ou coletivas que podem ser significativas. Estes contatos integram o ser humano e o constroem enquanto ser social.

Para Maués (2004), tais lugares, mesmo que intermitentes passam a ser permanentes e, em sua constância, se tornam duradouros. É neste contexto que se inserem muitos filhos. Esta circulação de crianças não é como a adoção, mas há uma

transferência de direitos parcial e temporária, a qual deve ser considerada quando se entende que o desenvolvimento emocional está intrinsecamente relacionado ao modo como se dão estes primeiros contatos. A autora relata que não se deve pensar que a circulação de crianças é um movimento traumático, mas uma realidade da organização familiar. É assim que a circulação de crianças deve ser observada, apenas enquanto fenômeno, sem carga emotiva negativa. Se positiva ou negativa, só o contexto particular de cada um poderá refletir

Para fundamentar ainda mais a circulação, o ecomapa (SMARTDRAW, 2012) foi de fundamental importância para a visualização da rede social e o conhecimento do desenvolvimento emocional. Quando a criança circula, se relaciona socialmente e se desenvolve emocionalmente no contato com o meio, formando uma teia, uma rede (BOTT, 1976).

Esta rede (BOTT, 1976) quando ilustrada através do ecomapa (SMARTDRAW, 2012) facilita a visualização sobre as várias formas na maneira pela qual os cônjuges agem na vida doméstica, que refletem suas diferenças nos papéis conjugais que fazem com que recrutem mais ou menos os parentes ou instituições para participar do cotidiano e, conseqüentemente, da vida da criança. Há relação em que os pares fazem atividades independentes e separadas, o que gera pouca divisão dos afazeres domésticos e diferenças nos cuidados. Percebe-se um pouco mais esta dependência entre parentes que não compõe a família nuclear apenas no gráfico de Carla (figura 3), que só não se aprofunda mais a relação entre os parentes da vila, pois esta é vista pela irmã Fátima com insegurança, por haverem muitos meninos.

Porém, ao mesmo tempo percebe-se que quando há necessidade de sair e não levar a criança é com uma sobrinha vizinha que D. Valquíria (mãe) conta para cuidar. Até mesmo porque seu marido sempre viaja (notas da entrevista e observação). Assim, o trabalho da autora sobre os papéis conjugais se fez presente apenas para observar e citar quando necessário as formas e divisões de tarefas para compreensão dos cuidados dispensados por estes para com as crianças.

respectivos vizinhos. Percebe-se o quanto todos sentem estresse e por vezes insegurança no trato com eles por puro medo que circunda o bairro onde moram, que cobra cuidados redobrados, razão pela qual evitam qualquer forma maior de contato. Entretanto, este comportamento não apenas fica presente ao entrarem em casa e fecharem as portas e janelas, mas se torna presente em sala, quando a professora evita que seus alunos vão ao banheiro no momento em que existem alunos mais velhos nos corredores da escola ou até mesmo em suas explicações sobre as diferenças entre homens e mulheres, ao utilizar “Adão e Eva” e a simbologia da maçã como pecado original (notas da observação).

Desta forma, não só as crianças se distanciam e vivem apartadas do mundo, como também estes cuidadores, os quais, em razão do medo, ficam presos aos seus valores e imprimem em seus filhos uma insegurança desde muito jovens (dados do diário de campo).

É certo que a pesquisa foi realizada com crianças de cinco e seis anos de idade, mas é provável que esta insegurança tenha nascido muito antes deste contato com o olhar do observador. Vê-se o quanto o gráfico facilitou a compreensão sobre a circulação e o desenvolvimento emocional. Assim, é importante saber que Winnicott explica o termo saúde partindo do princípio da idade maturativa individual, aliada ao ambiente facilitador, o qual facilitaria tendências herdadas. Frisa o papel do ambiente e do contexto social para o desenvolvimento emocional da criança. Define que as dificuldades experimentadas desde o início da infância e a forma como as crianças e adultos lidam com isto geram pressupostos sobre a saúde psíquica futura (WINNICOTT, 1990; 1975).

No princípio, o bebê não constitui uma unidade em si mesmo, pois há uma organização entre o indivíduo e o meio ambiente. A base da saúde mental é estabelecida nos primórdios da infância pelo provimento de cuidados dispensados à criança por uma mãe suficientemente boa. O bebê depende da disponibilidade de um adulto preocupado com os seus cuidados, isto é, que possa contribuir para uma adaptação ativa e sensível às necessidades da criança, que a princípio são absolutas (WINNICOTT, 1990; SANTOS, 1999).

Então, Winnicott (1990) descreve que as bases do desenvolvimento emocional precoce decorrem de um ambiente suficientemente facilitador que ajuda o lactente a

atingir várias metas, tais como a integração, a personalização e o desenvolvimento das relações objetais. Para o autor, a psicose estaria ligada à privação emocional em um estágio anterior àquele em que o bebê possa perceber essa privação. Isso acarreta uma interrupção no sentimento de continuidade do existir, que nem sequer é experimentada como tal, dada a não diferenciação em relação ao ambiente.

A psique é originada gradualmente, razão pela qual o amor e a compreensão materna são capazes de reduzir os estados de desintegração que a criança normalmente vivencia. Há a necessidade da dedicação materna, tanto do ponto de vista físico (por meio do *holding*), como psicológico (pela relação empática e pela adaptação sensível às necessidades do bebê). Esta dedicação materna funciona como uma espécie de membrana protetora que viabiliza o isolamento primário, fundamental para que se articule um espaço psíquico (WINNICOTT, 1990; SANTOS, 1999).

Por meio de uma adaptação ativa às necessidades da criança, o meio ambiente a torna capaz de permanecer em um estado de isolamento imperturbado, ocupando um espaço em que ela possa desenvolver sua vida de fantasia um mundo secreto, sentido como só seu, aonde mais tarde vai se alojar um aparelho psíquico e uma organização dos processos de pensamento, sem que haja a perda do sentido de self (SANTOS, 1999).

No início da vida de uma criança, é importante que nestes primeiros contatos a criança se sinta livre e tenha um quadro de referência internalizado que a possibilite pôr à prova a instituição parental e o lar. Uma criança dita “normal” usa todos os meios para se impor (faz birras, manipula e tenta dar ordens). Em decorrência da confiança de seu pai e de sua mãe, a criança põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. Estes comportamentos são “normais” na infância (WINNICOTT, 2002).

Quando há falha no desenvolvimento emocional, a criança reage a essa experiência e o sentido do self pode se perder. A criança se afunda no não-senso, isto é, na impossibilidade de atribuir significado, nomear e organizar as experiências sensoriais, bem como o próprio corpo, devido à fenda profunda que o atravessa. Nesse caso, a criança reage à experiência traumática retornando ao estado inicial de isolamento (SANTOS, 1999).

O fracasso ambiental nesse ponto do desenvolvimento acirra o potencial paranóide. O bebê se vê obrigado a defender-se de intensas ansiedades paranóides e, para tanto, organiza defesas igualmente vigorosas. Além disso, recolhe-se para seu próprio mundo interno (introversão patológica), um mundo que ainda não está bem organizado. Para se livrar da perseguição do ambiente, deixa de adquirir o status de unidade, “renunciando” ao compromisso de crescer e conquistar sua própria autonomia. (SANTOS, 1999). Winnicott (1990) afirma que o desenvolvimento saudável está relacionado ao estabelecimento de uma tendência à redução dos estados esquizóides nos momentos iniciais da vida, quando o bebê está sendo gradualmente introduzido à realidade externa.

Um dos sinais de amadurecimento do desenvolvimento emocional é a capacidade de estar só. No início, o lactente é dependente e independente. Inicialmente, a mãe sozinha constitui o ambiente favorável, já que ela necessita de apoio. Nesse estágio, a mãe tem que satisfazer as necessidades do ego do bebê. Ela deve, então, ser sensível às necessidades dele, que inicialmente são demandadas pelas funções corporais (WINNICOTT, 1990).

Este sinal de amadurecimento emocional, no qual a criança consegue ficar só e se torna mais independente, pouco se constata nas crianças pesquisadas. Claro que a psicodinâmica não permite que se determine um período exato para o amadurecimento destas crianças e nem teria como ousar ver maturidade em crianças ainda tão pequenas. No entanto, é notório observar o quanto estas amarras físicas e psíquicas as tornam dependentes deste pequeno mundo, o lar.

Reflete-se, então, na ansiedade de Susie e Pâmela, que não só utilizam a mamadeira, como fazem uso da ponta de uma fralda, ao assistir TV e dormir. Quando veem o filme e assistem a uma cena que alegra ou entristece, correm atrás do pano. Inclusive quando o pesquisador chega à casa delas é o primeiro objeto que apresentam, depois os brinquedos (notas da entrevista e observação). Ou mesmo em Carla, que com seis anos de idade faz uso de fraldas para dormir ao lado da mãe na cama (notas da entrevista).

Fica claro que as crianças utilizam recursos advindos da ajuda disponível no ambiente, frente à ansiedade e ao conflito intolerável. Como não conseguem enfrentar seus próprios medos de frente, até porque seus próprios cuidadores ainda não dispõem

de recursos para enfrentá-los, a não ser se enclausurar, elas se espelham em seus pares adultos e ficam em estado indefeso diante de tamanha angústia de separação.

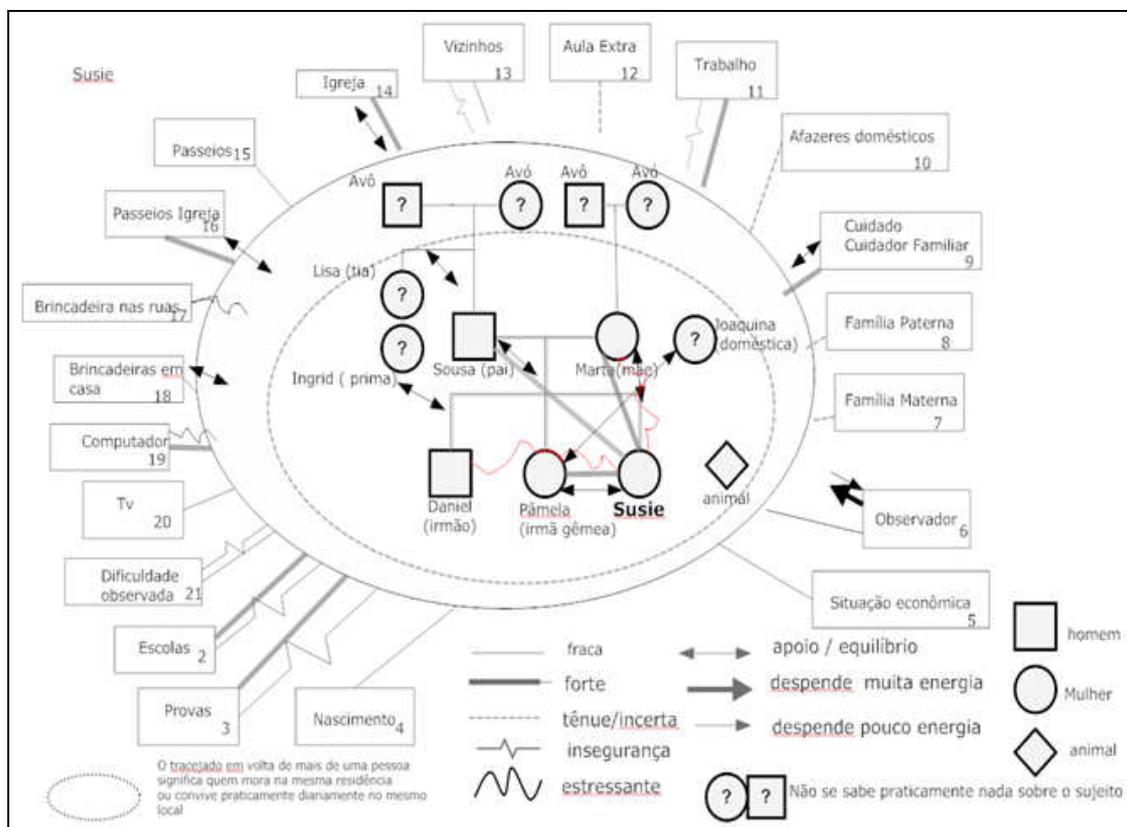


Figura 2: Ecomapa de Susie

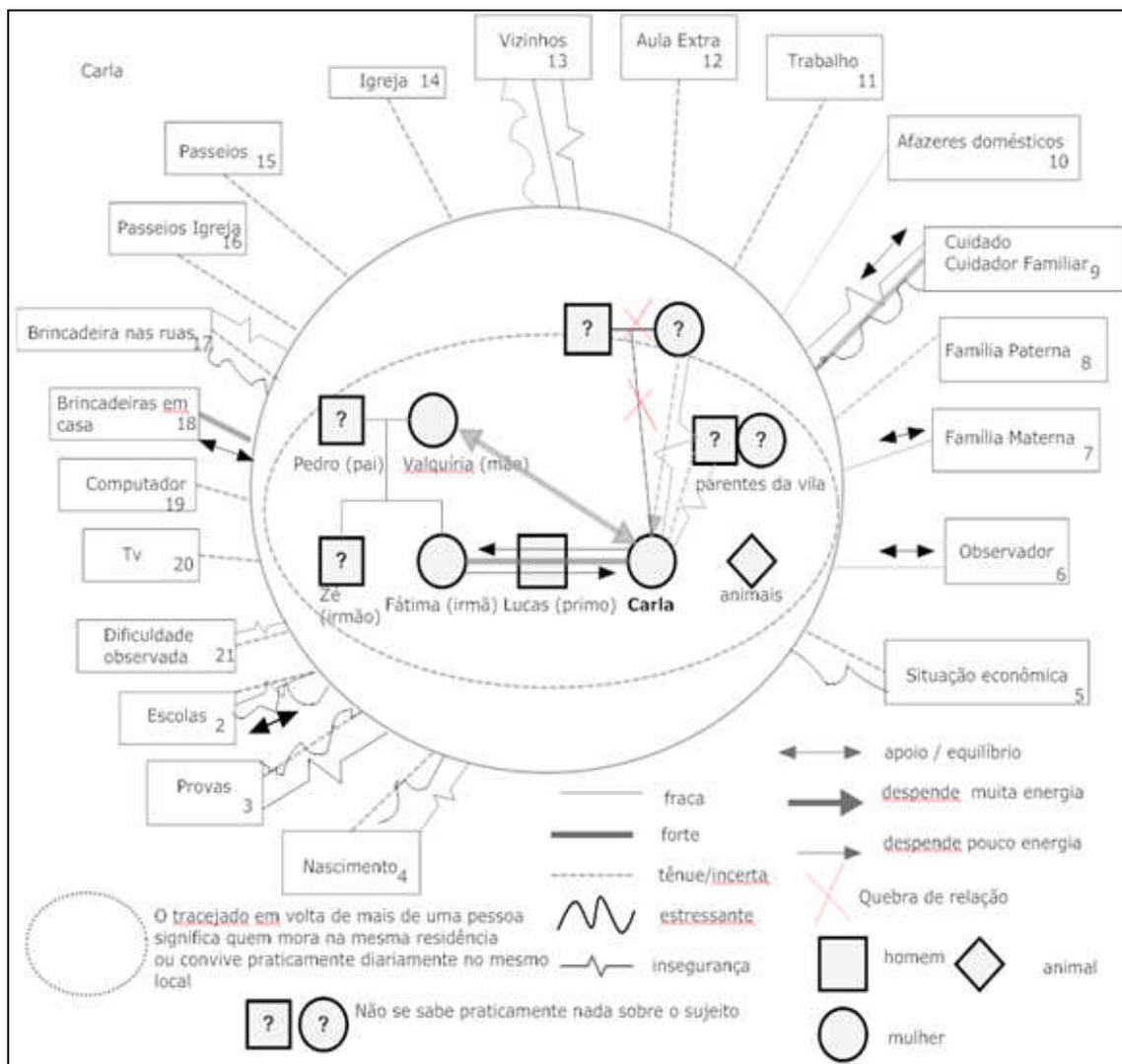


Figura 3: Ecomapa de Carla

É interessante notar nas figuras 2, 3 e 4 o quanto Carla, Susie e Pâmela se sentem inseguras em relação ao período de provas. Todas choram para impedir de fracassarem. A professora em todas as situações tenta amenizar, ao afirmar para Susie e Pâmela que são capazes. Em relação à Carla tenta evitar que faça a prova, porém é impedida pela coordenadora que sinaliza a presença da pesquisadora (notas da observação). É fato notar que a professora tenta de certo modo manter o mais tranquilo possível seus alunos para que não chorem ou sofram (anotações do diário de campo). Em entrevista descreve que pensa no futuro deles e quando fala de sua filha diz que gostaria que fosse admirada, “uma grande mulher.” O que deixa claro que seu desejo de mãe não se separa do de professora, assim o desenvolvimento é contínuo e constante não só para criança, mas para todos os indivíduos em qualquer fase da vida.

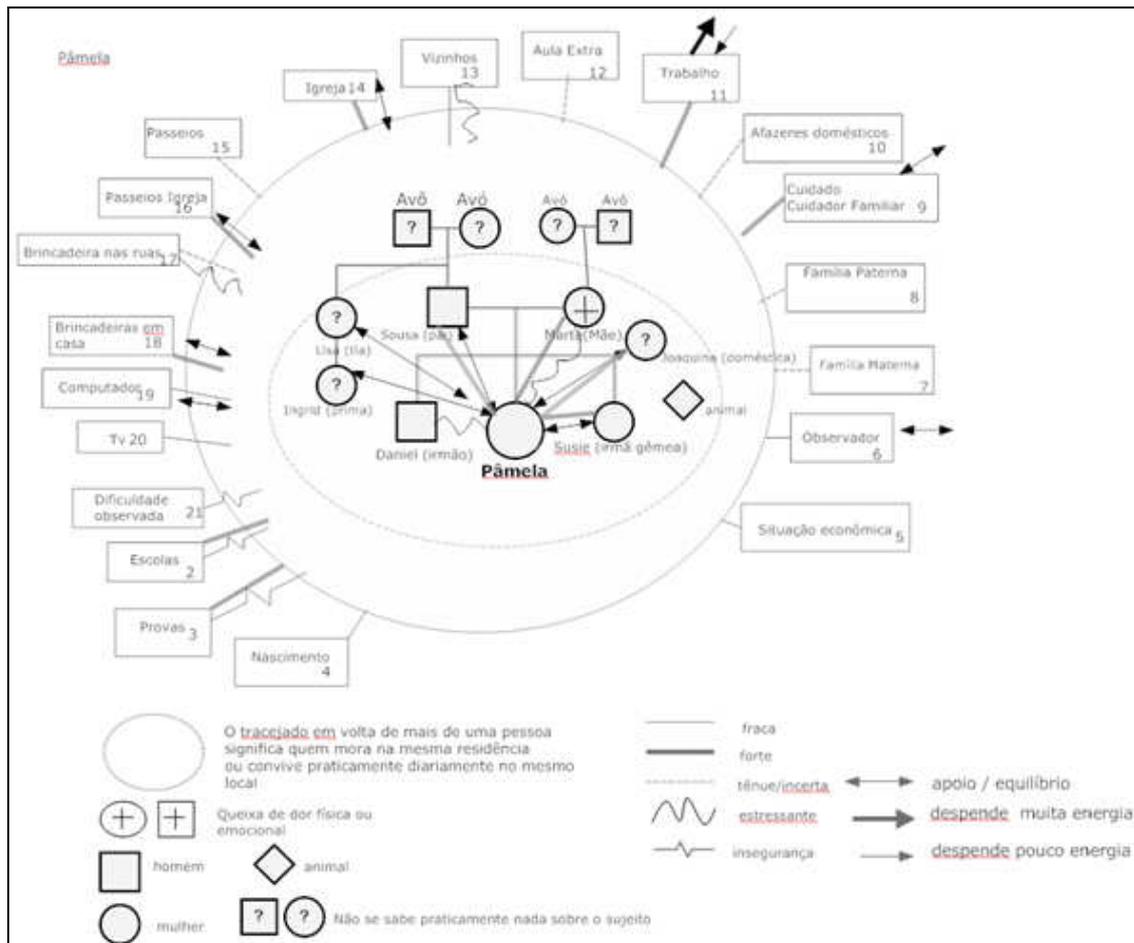


Figura 4: Ecomapa de Pâmela

Deve-se observar também o corpo enquanto artefato. Para se compreender a sociedade, é importante observá-la a partir da forma como impõe o uso do corpo. Mauss (2001) acredita que se adestram crianças, impondo que dominem seus reflexos, inibem-se medos, selecionam-se pausas e movimentos. A educação das crianças é repleta de detalhes, que muitas vezes não são observados (MAUSS, 2001).

O pensamento desse autor, aliado ao ecomapa (SMARTDRAW, 2012) e à rede de Nilson (observação), clarificam esta questão, quando se compara a dificuldade observada pela criança e o medo dos cuidadores em relação à sua brincadeira preferida (bonecos e bonecas imaginários). Esse ato, que de alguma forma ameniza as ansiedades na criança, gera desconforto. Também não é bem visto por seus cuidadores, inclusive seu irmão, que preferem vê-lo jogar bola. Contudo, não percebem que a criança possui um esquema corporal que a impede de se desenvolver habilmente em um jogo de futebol, o que em parte contribui para a preferência por bonecos (as) (brincadeiras em casa).

mais “agressivo no passado” (notas da observação e entrevista). A criança é tolhida em casa a todo o momento, o que clarifica o pensamento de Mauss (2001) sobre o adestramento de crianças, impondo que dominem reflexos, medos e selecionem pausas e movimentos.

Sabe-se que fatores sociais e psicológicos desfavoráveis estariam muito mais ligados aos transtornos mentais do que outras características intrínsecas ao sujeito, pois estes fatores apresentam efeitos cumulativos. A partir destes casos, não se pretende sugerir que terão prejuízos ou transtornos mentais, mas é fato que estas crianças já estão de certa forma se desenvolvendo emocionalmente através do medo, que as impede se expressarem, de chorarem quando necessário (Susie, Pâmela e Carla), de ser agressivo para demonstrar descontentamento (Carlos) ou de brincar de boneco(a) quando o corpo não permite correr adequadamente para “defender ou fazer o gol”(Nilson) - (notas da observação).

Portanto, a desorganização, bem como a falta de percepção familiar ou do contexto no qual a criança está inserida, se reflete emocionalmente nos sujeitos do grupo e influencia seus comportamentos presentes e futuros (HALPERN e FIGUEIRAS, 2004).

Deste modo, fatores ambientais e características psicológicas devem ser considerados para a compreensão do desenvolvimento emocional, observando-se os lugares e tempos diversos. Ou seja, verificou-se uma estreita ligação entre o desenvolvimento emocional e os cuidados dados ao sujeito por seus pares mais próximos, mesmo que seja por encontros intermitentes. Estes que participam e circulam no dia a dia da criança e se relacionam com ela, não apenas em casa, mas em diversos ambientes, tais como, “escola, aulas de dança” (IGREJA e MAUÉS, 2010), ou até mesmo poderíamos pensar numa circulação de crianças no trânsito, seja de moto, bicicleta ou a pé.

Essa visão parte da ótica de Bouvier (2005), segundo o qual os meios de transportes estão a ponto de se tornarem instituições, pois afetam as organizações dos tempos intermediários e são vistos como necessários para o dia a dia dos indivíduos. Os seres na atualidade se relacionam e passam horas em trânsito. A presente pesquisa acrescenta ao pensamento deste autor os meios de comunicação, que são concorrentes da instituição familiar, pois também passam a ser necessários no dia a dia dos

indivíduos e fazem parte dos cuidados não só em casa, mas na escola, além de afetar o tempo e o espaço.

Maués (2004) propõe que sejam feitas pesquisas que incluam a realidade das crianças que circulam pelos espaços com fluxos mais curtos, intermitentes e dinâmicos com diferentes personagens e cuidadores, em distintas hierarquias. Desta forma, podemos perceber que a circulação de crianças existe de fato e a todo o momento está presente. Nesta pesquisa, é objeto de estudo que soma à psicologia do desenvolvimento.

Então, se a circulação é fato dado, pode-se concluir que, ao longo desse processo, o ser se desenvolve emocionalmente e “a realidade admitida como certa se solidifica para o homem na rua e no cotidiano” (LUCKMANN, 2010, p.13). Para o autor, a realidade se institucionaliza naturalmente. O homem não possui uma relação fixa com o ambiente, tal qual os animais. A sua distribuição geográfica também se altera constantemente, não havendo apenas um habitat. Se comparado a um filhote, verifica-se que um bebê se torna humano por meio do contato, pois ele necessita do social, sendo por este moldado constantemente. A realidade emocional se constrói deste modo.

Sendo assim, ao se comparar todas as crianças observadas, percebe-se o quanto cada uma delas acaba por se desenvolver emocionalmente de forma diversa em sua circulação social, mesmo que encontremos padrões dados pela realidade mais macro social, que influencia e é influenciada pela instituição familiar. É claro que não se chegou a um manual para um bom desenvolvimento emocional, mas por meio destas redes individuais e sociais pode-se inferir alguns comportamentos futuros.

Individualmente, a previsão de comportamentos futuros favoreceria os cuidados preventivos ao orientar os cuidadores responsáveis, tanto da família nuclear e extensa, além dos cuidadores escolares e tantos outros, com seus vínculos de parentesco e laços entre amigos e vizinhos. Estas pessoas que participam com sua presença, constante ou não, marcam as trocas relacionais dos indivíduos em contato e tornam-se figuras importantes para o sujeito em determinado espaço e tempo de vida.

3.1 A CRIANÇA E SUA FAMÍLIA

Há nos argumentos de Bicalho (2008) uma compreensão jurídica de família, segundo a qual esta é a junção de duas ou mais pessoas que convivem em um espaço de tempo, unidas por laços consanguíneos, de afetividade, interesse e/ou doação, vindas de grupos sociais diferentes (familiares diferentes, com hábitos diferentes, costumes, níveis econômicos e até mesmo religiosos e culturais diferentes, com responsabilidades e direitos e que convivem em um determinado ambiente, influenciam e são influenciados sócio-econômico-culturalmente).

A ideia de vida familiar, intimidade familiar, descrita por Ariés (2006) atrela a figura do casal à criança. O autor cita que esta constituição surgiu a partir do século XVI, em pinturas nos calendários que retratavam uma tendência nova de sentimento que se volta para intimidade da vida privada. A noção de família passou a se ligar à figura da criança na sociedade como um todo. Assim, família e infância tornam-se inseparáveis a partir dos sécs. XVI-XVII. Este sentimento passa a se ligar principalmente ao ambiente doméstico.

Desta forma, esta carga emotiva ainda permanece até os dias de hoje e acredita-se que estes cuidadores familiares acolhem e posteriormente acompanham a criança lado a lado, quando estas passam a circular para além das barreiras da conjugalidade e passeiam pelo parentesco, laços de amizade, compadrio, vizinhança, dentre tantos outros contextos.

Fox (1996) descreve que a família está ligada a fatos básicos da vida: nascimento, acasalamento e morte, e que em toda a história se perpetuaram interesses diversos para formação desta instituição familiar. E Woortmann (1987) relata que esta depende da realidade estudada e que se deve considerar o parentesco como objeto de análise para a compreensão da dinâmica familiar.

O parentesco pode ser considerado uma questão puramente ideológica. Neste caso, então, a distinção entre parente e estranho passa a ser ideológica. Um organizador social que pouco se vincula à genética e à biologia, “(...) deriva de relações objetivas para com os meios de produção”. Assim, o conceito se liga à práxis (WOORTMANN, p.16, 1987).

Nesta pesquisa, observa-se claramente esse enunciado quando a professora Kátia, ao ser indagada em entrevista sobre seus sentimentos em relação a ser cuidadora, deixa claro que o vínculo é tão forte que chamou um “aluno de filho uma vez”, e que todos da sala precisam de carinho (notas da observação e entrevista). A partir da observação, percebe-se o quanto os cuidados da escola parecem um tanto com os cuidados familiares. Inclusive, afirma-se que estes pais procuram isso ao escolher a referida escola. Este pensamento não foi observado aleatoriamente, mas inscreve-se na própria constituição física institucional, onde a sala de leitura possui uma escada com vistas para o quintal da fundadora. Em sala, os alunos sinalizam quando sentem o cheiro da comida vindo da cozinha da ex-diretora, mãe da atual (anotações do diário de campo e notas da observação).

Desta forma, a instituição familiar é uma totalidade que pode ser articulada, pois os elementos podem ser combinados de diferentes maneiras e, portanto, deve ser contextualizada em termos de classe e outras condições sociais. Deste modo, a família estaria em transformação o tempo todo, tanto em seus arranjos internos quanto externos. O meio social imediato da família deve ser compreendido como uma rede de relações sociais (BOTT, 1976). Assim, nesse contexto, não se tem como diferenciar notadamente a família e a escola, visto que esta é uma extensão do lar em todos os seus aspectos, compondo, inclusive, o mesmo bairro.

Bacarji, Marturano e Elias (2005) apontam a importância da família como a principal fonte de suporte para a criança. O suporte emocional seria a ausência de hostilidade e uma relação afetiva que gere senso de permanência e estabilidade. Cavalcante, Magalhães e Pontes (2009) também descrevem a família com sua relação afetiva como provável primeiro ambiente. Citam que experiências vividas no início do desenvolvimento humano são importantes, porque apontam o caminho e a direção do desenvolvimento. Carter e McGoldrick (2008) acreditam que a família compreende o sistema emocional de três a quatro gerações; portanto, os indivíduos cuidadores reagem aos relacionamentos passados, presentes e antecipam os futuros.

Cavalcante, Magalhães e Pontes (2009) descrevem, do ponto de vista ecológico, a família, a escola, a creche, o abrigo e outras instituições, enquanto contextos de desenvolvimento na primeira infância. Porém, não é só o ambiente físico que deve ser considerado, mas o próprio ser singular.

Woortmann (1987) acrescenta um dado interessante, encontrado ao indagar as crianças sobre qual unidade doméstica faziam parte e qual consideravam ser sua família: aqueles cuidadores que passavam o dia ou aqueles que cuidavam deles de noite. Esta pergunta pôde ser feita, pois a realidade era que quando os pais trabalhavam fora suas crianças eram “vigiadas” pelos vizinhos. Assim, as respostas ultrapassaram os limites da unidade doméstica. Para elas, a unidade doméstica é constituída para além da família elementar ou nuclear. Portanto, família não pode ser observada dentro de um conceito estanque. Mesmo que aparentemente seja uma família nuclear, devem ser considerados todos os meandros inconscientes que possibilitam o fluxo dinâmico existente.

Diante disso, é importante notar um dado interessante, citado por todos os entrevistados: a família é constituída de pai, mãe e filhos. Apenas a avó de Carlos e a mãe de Nilson declararam um vínculo maior entre os irmãos quando precisam de algo, mas mesmo elas frisaram a constituição da família nuclear como espelho para o desenvolvimento de criança (notas da entrevista). Os entrevistados se esqueceram de citar que outros seres cuidam do dia a dia, tais como babás, e tias e primas, no exemplo das gêmeas e de Carla. E as avós, no exemplo de Carlos e Nilson. Se estes cuidadores não perceberem estas constituições, estas pequenas nuances de cuidados que integram a constituição da subjetividade, acabam por acreditar haver limites precisos demais nos vínculos dos quais as crianças participam e a partir dos quais se desenvolvem emocionalmente.

A mãe de Pâmela, mesmo não se referindo claramente à moça que trabalha em casa como doméstica, é um substituto na relação de parentesco. Fala o quanto sai despreocupada, porque sabe que “as crianças são bem cuidadas” (notas da entrevista). Observa-se, assim, a troca quanto aos cuidados com as crianças. Para alguns grupos, a rede de apoio existe para possibilitar que mulheres trabalhem fora. Para isso, elas dependem do apoio de parentes para “vigiar” as crianças (WOORTMANN, 1987; IGREJA e MAUÉS, 2010).

Assim, consideram-se estes contextos, estas instituições e estes ambientes internos e externos como parte do desenvolvimento humano dentro de um ciclo vital. Portanto, não podem ser estudados de forma compartimentada. Devem ser analisados como uma teia indissociável, na qual o todo nunca é igual à soma de suas partes.

Barbosa (2007) pontua que a sociedade hoje é mais diferenciada, possui poucos espaços estáveis para socialização. Até meados do séc. XX, a sociedade era mais fechada e a socialização de crianças ocorria na família, de forma controlada. Desde então, ser mãe passou a ser visto como dom, e não mais como instinto (BADINTER, 1985). Hoje as crianças são pressionadas e constrangidas desde cedo a se tornarem semelhantes e a se enquadrarem na estrutura social. Isso porque muitos destes responsáveis necessitam trabalhar e acionam outros sujeitos e instituições para cuidar de suas crianças.

Sapienza e Pedromônico (2005) afirmam que as novas configurações sociais e individuais precisam ser repensadas no intuito de compreender particularidades e diferenças. Esta mudança cada vez mais presente na vida de crianças, a partir de idades cada vez mais precoces do desenvolvimento, chama atenção da psicologia para os impactos sociais nesta etapa de desenvolvimento emocional, na qual adversidades teriam efeitos emocionais mais prejudiciais do que em outras etapas (WINNICOTT, 2000; BOWLBY, 2002; MAHLER, 1993; SPITZ, 1983).

Isso porque o dia a dia dos cuidadores interfere na forma como conduzem a rotina de suas crianças, fazendo-as estar mais voltada para o mundo, se este não apresentar ameaças e facilitar a circulação dos adultos também. Ou, em outro extremo, voltam-nas para o sistema familiar nuclear, pois o mundo parece ameaçador ou há poucas relações sociais que interessem fora do ambiente doméstico (anotações do diário de campo e observação). Portanto, as atividades de rotinas da casa e sua relação com outros sistemas interferem nos cuidados e, por conseguinte, influenciam no desenvolvimento emocional (CARTER e MCGOLDRICK, 2008).

Assim, os acordos entre os cônjuges alteram os cuidados. Há casais, cuidadores, que no seu dia a dia exercem a maioria das atividades juntos, em “papéis conjuntos”. Em outro extremo, há famílias com “papéis segregados”, suas atividades, rotinas e amigos são diferentes. É certo que todos possuem alguma conjunção ou segregação, mas deve-se atentar às marcantes diferenças de grau de segregação e de participação (BOTT, 1976).

No caso de Nilson, percebe-se o quanto estes pais estão mais segregados do que conjuntos. A mãe está concluindo a universidade e deseja trabalhar, pois está cansada de apenas cuidar de casa; enquanto o pai trabalha dia e noite em seu táxi e teme que a

mulher volte a trabalhar, razão pela qual cobra mais sua ajuda nos cuidados domésticos e com os filhos. Descreve que ela agora não reclama, porque ainda não trabalha, pois quando trabalhava era diferente. E ela, durante o diálogo com o pesquisador em casa, relata que hoje está mais calma, porque serviço doméstico nunca acaba. Então, o cansaço a faz ser diferente (notas da entrevista e da observação).

Fica claro que a família não é totalmente segregada, tanto que no início da observação a mãe relata que o pai limpou a casa, porque a pesquisadora viria e é ele quem, na maioria das vezes, leva e pega as crianças na escola. Porém, ser mais ou menos segregado pode afetar a relação com a criança, visto que a compreensão familiar nos leva a compreender o desenvolvimento das relações sociais (BOTT, 1976).

No caso de Nilson, o pai, em entrevista, não soube responder nem a idade exata da criança, nem a maioria das perguntas sobre seu filho. A única coisa que frisou é se preocupar com as bonecas imaginárias do garoto. E observou-se o quanto esta mãe sente cansaço, por estar o tempo todo em contato com o lar que a impede, além de outras coisas, de circular no terreno de casa para brincar com a criança e perceber os detalhes da subjetividade dele. Prefere, então, que a criança fique em frente à TV, assistindo o programa “Chaves” ou brincando com seus bonecos (notas da observação).

Bott (1976) descreve haver algum tipo de relação entre segregação e participação e o meio social imediato. Assim, existem famílias com malha estreita e malha frouxa. Percebe-se, assim, que o meio social no qual estas crianças vivem (malha estreita) influencia diretamente na preferência dos pais por mantê-las dentro de casa. Todos residem em um dos bairros mais pobres e perigosos da capital paraense. Esta não é apenas uma descrição retirada dos rádio-jornais escutados pelo pesquisador (anotações do diário de campo). Durante a observação de Carla, percebeu-se que o táxi solicitado ligou minutos antes de chegar à casa para buscar a pesquisadora, “só para confirmar se não era trote”. Ao entrar no táxi, o senhor disse a pesquisadora: “este local é muito perigoso!” (anotações do diário de campo). Deste modo, a malha mais estreita que permeia a maioria das relações existentes na vida destas crianças não é puramente ideológica, mas uma forma de organização das atividades e um modo de amenizar o medo que sentem do entorno da residência, o que auxilia ainda mais na reconfiguração deste modo de vida das crianças.

Desta forma, ao evitar um contato maior, estas famílias organizam suas atividades complementar ou conjuntamente, mais do que independentemente. Isso porque um dos cuidadores leva e o outro busca na escola, faz almoço ou fica com a criança, vão juntos ou sós à igreja e estão perto quando a criança brinca em casa.

Assim, o ser humano torna-se diferente de acordo com a sua cultura, a qual é transmitida por meio dos cuidados. Contudo, o homem também possui emoções, atitudes e reações somáticas que, por vezes, diferem do esperado socialmente. Isso o faz ser diferente e único, em relação aos demais.

É válido ressaltar que, apesar das diferenças, encontra-se um ponto em comum entre os participantes: “toda atividade humana está sujeita ao hábito”. O hábito estreita as opções e facilita o desenvolvimento das atividades humanas, pois fornece ao homem a direção e a especialização que faltam ao equipamento biológico humano. Isso alivia o acúmulo de tensões e acaba por formar instituições, tais como nesse exemplo: os atores “x” executam as ações “x”, e não as ações “y”, por possuírem a idade apropriada para tal feito (LUCKMANN, 2010, p. 75).

Este caráter controlador, que permeia as instituições e as tornam “tipificadas” e “habituais”, desenvolve o ser dentro de um padrão. No caso de um casal, questões simples se cristalizam. Por isso, quando nasce uma criança, a rigidez aparece para o novo elemento como algo único: o mundo. Trata-se de uma realidade dada como real, por ser a única materialidade até então apresentada para o pequeno ser (LUCKMANN, 2010).

Porém, com o passar do tempo, percebe-se que a criança passa a comparar realidades e a fazer suas indagações próprias. Ela tenta burlar as normas até então presentes e se questiona a respeito dos fatos dados. Percebemos este fenômeno, quando Pâmela reclama para a observadora que a mãe é “preguiçosinha” e, assim, perderão pontos ao faltar aula, porque ela não as acordou (notas da observação). A criança sabe que há normas na escola e em casa e que sofre represália, quando as situações em casa diferem no cotidiano educacional.

Assim, os questionamentos emocionais e o estresse da criança se ampliam em relação à mãe, que acaba por fazê-la se sentir insegura, quando este pai ou outro cuidador não esteja em casa. Sendo assim, não se pode cristalizar o desenvolvimento

emocional de um sujeito, submetendo-o apenas às relações em ambiente doméstico. Deve-se ampliar o olhar e perceber todos os outros ambientes que permeiam a vida de um ser, dando a cada ambiente o mesmo valor, pois o indivíduo é dinâmico e constante.

3.2 A CRIANÇA E SUA REDE

O grupo social interfere bastante na forma como as crianças se desenvolvem, bem como na forma como os cuidadores acreditam que a criança deva viver. Assim, ao estudar as redes sociais, é de extrema importância, conforme salientado por Bott (1976), comparar famílias que possuem a mesma cultura. Outrossim, para entender mais sobre as crianças, deve-se compreender como seus cuidadores familiares e escolares se organizam socialmente.

O comportamento dos cuidadores se inter-relaciona com o círculo social. Existe, assim, um sentimento de igualdade. Esse sentimento de grupo é muito mais arraigado do que eles pensam. Em entrevista, ao serem indagados sobre até que ponto suas ideias a respeito de como cuidar de uma criança difere, ou não, do pensamento de outras pessoas, praticamente todos responderam que pensam diferente da sociedade.

Em seu trabalho sobre casais, Bott descreve algo semelhante, mas que denomina de normas pessoais. Para ela, são aqueles ideais e expectativas que os indivíduos julgam serem seus padrões privados, diferente de outros indivíduos. Em geral, as pessoas deixam implícito que o “oposto exato de seus próprios comportamentos era a norma geral” e o que difere acaba sendo pré-julgado e rotulado como à parte de mim, meu oposto renegado (BOTT, 1976, p.197).

Um entrevistado, Sr. Souza, pai das gêmeas, sintetiza o que eles acreditam: “(...) hoje parece que existe duas referências (...) só existe o (suspiro) ‘deixa a vida me levar, vida leva eu (...)’”(notas da entrevista grupal). Essa ideia na voz do participante resume bem o que o grupo pensa sobre diferir totalmente das demais pessoas da sociedade.

A rede acaba por interferir na subjetividade e construir-se enquanto sociabilidade. É real dizer que todos frequentam ou tem contato com as mesmas ideias religiosas, moram no mesmo bairro, seus filhos estudam na mesma classe e possuem um padrão financeiro similar. Assim, para não “deixarem a vida me levar”, acreditam que a criança tem que ficar em casa, vigiada. Esta imagem não deve diferir muito se a

pesquisa fosse ampliada para todo o bairro ou até mesmo para toda a região, pois a ideia da sociedade como um mal, do qual todos têm que se defender, é constantemente noticiada. Todos os dias estes cuidadores recebem inúmeras informações sobre a violência, tanto no bairro, como em todo o país (notas do diário de campo).

Então, a rede da criança deve ser tratada como um sistema social ou um grupo organizado com suas tarefas sociais particulares. É exatamente por se apoiar nessas mesmas ideias que foi possível perceber o quanto estas famílias e o grupo escolar que frequentam se organizam em pequenos grupos. Isso porque se veem totalmente aterrorizados pelo mundo a sua volta, diante das trocas de informações do seu entorno como algo global ou um fato social total (MAUSS, 2008).

Os membros do grupo se reconhecem-se como irmãos e necessitam, então, de uma proteção sobrenatural para explicar o que ocorre à sua volta e amenizar a angústia que sentem. Esta situação acaba por se refletir emocionalmente no sujeito em desenvolvimento, o qual passa a crer que tudo aquilo que difere do seu grupo deve ser distanciado.

Portanto, o desenvolvimento das crianças pesquisadas está sendo tratado como se houvesse a possibilidade de moldar ou impedir que, de alguma forma, elas possam experimentar o contato com uma realidade não sonhada por estes cuidadores. Inclusive, na observação de Pâmela em sua própria casa, percebeu-se que, ao chegar da escola, as crianças queriam ir para o computador imediatamente, mas Joaquina, empregada doméstica, “recomendou que elas não jogassem”. Realmente, em todas as observações a moça deixou claro que não concorda com o cotidiano em frente à TV (anotações do diário de campo).

Mas, ao longo do dia, a pesquisadora observou que as crianças passam a maior parte do tempo em frente à TV ou ao computador, ato que para os pais aparentemente é melhor do que as meninas fiquem agitadas. Na entrevista, pelo menos a mãe das gêmeas, Pâmela e Susie, deixa claro que, quando recebem um sobrinho em casa, elas “inventam as brincadeiras” e ficam agitadas (notas da entrevista). Sem a presença de outra criança dentro de casa, é mais fácil mantê-las à parte do mundo, vigiadas, pois o acesso à internet é restrito aos joguinhos infantis, DVD’S Disney, livros evangélicos, gibis do “clubinho” e ao contato pelas grades com a neta do vizinho, além de poucas

brincadeiras com um pneu pendurado na varanda. Assim, tentam estreitar ao máximo a rede, para que a criança tenha pouco acesso a outras realidades não desejadas.

Em outro exemplo, averiguou-se que o cuidador mantém a criança sob seu olhar. Quando a avó de Carlos responde sobre as atividades diárias do neto, diz que prefere vê-lo brincar em casa (notas da entrevista). O que não difere da realidade de Nilson, descrita pela avó, que reclamada mãe do menino, sua nora, por deixa-lo dentro de casa “engordando em vez de brincar com a criança”, ao se referir ao jogo de futebol entre a criança e a pesquisadora. A mãe do menino, em contrapartida, relata que não gosta que ele vá para baixo brincar em frente à casa da avó, pois declara que esta nunca o convidou nem para um lanche, por não gostar do menino, coisa que faz para o irmão mais velho (notas da observação).

Maluf (2012) diz que não se deve privar o filho de viver as experiências e de cuidar de si mesmo, sob o pretexto de garantir-lhe uma infância “segura”. Caso contrário, são criados seres humanos pouco capazes de transitar no mundo adulto. O prejuízo pode se dar em nível fisiológico-cerebral: a superproteção freia o desenvolvimento, a iniciativa, a liberdade e a maturidade da pessoa. Mello (2012) e Mello (2003) descrevem que estressores precoces podem levar a psicopatologias em adultos. Outrossim, Narita (2010), Hirano e Nishioka (1998) descrevem que pais superprotetores podem levar seus filhos a desenvolverem doenças mentais, devido a constantes limitações, aliada à atenção em demasia ou, ao contrário, à negligência absoluta. O estresse resultante leva ao aumento dos níveis de cortisol e à redução da dopamina, o que atrofia a massa cinzenta.

A forma como as crianças se desenvolvem à parte do mundo está relacionada ao que os pais desejam para si e à forma como estes apreendem a realidade. No caso de Nilson, a mãe deseja trabalhar e não se sente bem em morar no cômodo acima da sogra. Em entrevista, descreve que a avó nem fala com o menino. Acrescenta que teme a redondeza, de modo que a criança se desenvolve basicamente dentro de casa (notas da entrevista).

É válido ressaltar que não é só a realidade social que estreita a malha da rede destas crianças. A própria ideologia religiosa também os fazem crer que a família é um núcleo e, como tal, se ajuda e se isola dos demais. Em entrevista, praticamente todos citaram a família formada apenas por pai, mãe e filhos. Somente a avó de Carlos diferiu,

agregando os irmãos. É provável que sua visão seja diferenciada, por conta de sua história de separação conjugal e cuidado com o neto, além da moradia conjunta com a filha e o genro (notas da entrevista e observação).

Ariès (2006) cita que, ao longo da história, a família foi o primeiro refúgio do indivíduo, ao sentir-se ameaçado com a quebra do Estado. Na pesquisa, ocorre fenômeno semelhante, quando se percebe o grau de proteção buscado no interior do lar.

Outro exemplo bem marcante é o caso de Carla, que vive em uma vila onde a maioria das pessoas são parentes, mas não podem brincar livremente. Sua irmã, Fátima, demonstra insegurança, ao comentar que muitos meninos circulam por entre as casas. D. Valquíria, mãe da menina, também concorda (notas da observação e entrevista).

Assim, a interdição da circulação por espaços sociais maiores, em razão da preocupação dos responsáveis com o mal que o mundo possa acarretar às crianças, faz com que reste apenas o ambiente doméstico e a escola como espaços livres, ao menos em parte, das “coisas mundanas” (anotações do diário de campo). Logo, a rede da criança está intrinsecamente ligada aos modos de cuidados dispensados, sendo mutuamente influenciada por eles.

4 O OLHAR DO CUIDADOR E OS MODOS DE CUIDADOS

Cuidar é transmitir às gerações subsequentes um conjunto de experiências que se atualizam no contato humano, como intuito de conservar e dar qualidade de vida. Então, o cuidado está intrinsecamente ligado à cultura. Esta é composta por núcleos e ambientes diferentes, que possuem particularidades inerentes a cada experiência do vivido e dão formas diferentes ao cuidar.

Os cuidados representam conjuntos de ações, com o objetivo de manter a vida e permitir sua perpetuação. E esta se dá no contato, com práticas cotidianas. Etimologicamente, o termo cuidar está relacionado ao termo curar. Desta forma, para curar alguém é necessário cuidar e, para prevenir algo, também é necessário cuidar. Portanto, estes dois verbos não devem ser considerados isoladamente (HOYOS, 2006).

Hoyos (2006) descreve que a forma de cuidar é passada através das gerações, nas trocas de experiências e percepções. Estas são mediadas pela cultura; portanto, emoções e pensamentos são incorporados no indivíduo por meio de símbolos, construídos e negociados publicamente (COSTA e PEREIRA, 1995). Assim, por meio dos cuidados, constrói-se a vida emocional do sujeito.

A mãe de Nilson diz que a “formação moral e o caráter são importantes na educação dos filhos” (notas da entrevista). Sustenta que hoje as crianças estão vendo muitas coisas e isso a deixa preocupada. A mãe de Carla afirma: “às vezes as crianças sabem mais do que nós!”(notas da entrevista grupal). Com toda certeza, esta percepção as fazem ser diferentes nos cuidados com seus filhos, tanto que não os deixam brincar com os meninos da rua (notas da observação). Sendo assim, de acordo com épocas e lugares, a sociedade fabrica estereótipos e modelos de comportamentos que se inscrevem no corpo. Limita-se a dor, a excitabilidade e a resistência de acordo com cada cultura, que é aprovada ou desaprovada coletivamente e não em funções particulares (MAUSS, 2001).

Para Mauss (2001), o uso rigoroso do corpo fabrica máscaras sociais. Por meio da educação das necessidades e das atividades corporais, as estruturas sociais imprimem marcas nos indivíduos. Os pais impedem as crianças atuais de se comunicar com seus pares mais próximos e vizinhos, por medo do que eles lhes possam causar. Todavia, os pais incentivam as crianças a dialogar com o eletrônico ou apenas com pessoas que

julgam ser dignas de contato. Quando muito, as crianças brincam sob a supervisão crítica de um adulto. A professora Kátia relata que sua filha não brinca com vizinhos, mas o menino que mora ao lado brinca com ela em seu pátio, vez ou outra (notas da entrevista). Esta situação não difere da realidade das gêmeas, Pâmela e Susie, relatada por seu pai, ao admitir que tem medo de permitir que as crianças brinquem na rua. Conta que um dia foi assaltado em frente à sua casa e que só permite que elas conversem com a neta do vizinho por entre as grades (notas da entrevista e observação).

Comparando-se todas as entrevistas dos pais e/ou cuidadores, é possível constatar uma preocupação dos pais em controlar estas crianças emocionalmente e fisicamente. Eles as colocam dentro de casa praticamente o dia todo, em contato com os ensinamentos religiosos e com o mundo eletrônico, fazendo-as menos participativas e aparentemente alheias ao que se passa ao redor.

Tais instrumentos são utilizados para impedir, de alguma forma, a circulação. Os ensinamentos religiosos mostram os erros que não se deve cometer, bem como o que deve ser seguido e de que forma se comportar, sem pestanejar. Portanto, a religiosidade constitui, para além da escola e da família, outro cuidado pelo qual estas crianças circulam e são cuidadas cotidianamente. Todos os dias estas crianças oram na escola, agradecem pela manhã, pelo amigo, por tudo, além de orarem em casa, com seus pais, conforme visto na casa de Nilson (notas da observação). Assim, a religiosidade passa a ser um elemento estruturante da subjetividade.

Isto ocorre porque a religião traz regulamentos que regem a vida em comunidade. Impondo limites às satisfações sexuais ou agressivas, mediante a humanização imaginária da morte e da natureza, o indivíduo encontra condições inacessíveis para pensar (MAUSS, 2001). O pai das gêmeas declara que suas ideias em relação ao cuidado de crianças estão baseadas em valores, ensinamentos e princípios cristãos. Inclusive, cita um episódio em que suas filhas viram pela fechadura vídeos pornô de seu irmão, fato que o deixa chateado diante das atitudes do filho e atento perante as meninas, que não podem ter acesso a conteúdos sexuais.

Outrossim, em relação aos cuidados dispensados por conta de princípios da religião, tem-se a avó de Carlos, a qual descreve que foi curada de câncer de esôfago (notas da entrevista). Com toda certeza, é fundamental observar a relação entre os cuidadores e os cuidados, pois o ser humano vive em rede e por meio dela se relaciona.

Assim, a glorificação de divindades pela cuidadora pode ser revivida tal qual uma criança desamparada, que idealiza a figura dos pais.

O papel da religião no mundo civilizado e os fatores que impelem o sujeito a uma aceitação incrédula dos preceitos perpetrados pela figura divina são fatores que fazem o cuidador reproduzir, em todos os seus cuidados, o que acredita ser verdade. Assim, a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida, dando ao sujeito uma forma de suportar a realidade por meio de seus cuidados (FREUD, 1974).

4.1 O DISCURSO (RELIGIOSO) E A NORMATIZAÇÃO

Nesta categoria molecular, pontuou-se o quanto a diferença é marcada por uma repugnância que, aparentemente, passa ser tão natural quanto cotidiana, não apenas para as crianças, mas para os cuidadores também. Ela surgiu da inquietação do próprio observador, por intermédio do olhar das crianças, as quais, por vezes, sentiam-se sufocadas a ponto de comunicar tal fato. Lúcia afirmou: “sinto vontade de chorar, porque a gente obedece o dia inteiro”(notas da observação). Esta categoria pareceu ainda mais pertinente quando, ao reler as observações, a pesquisadora, lembrou o que Pâmela disse: “professora a senhora não ouve nada que falo” (notas da observação). O sentimento de sufoco não era apenas da pesquisadora, mas também era vivido pelas crianças. Mauss (2001) descreve a importância de o pesquisador fazer parte do contexto e olhar através dos nativos. Assim, a pesquisadora pôde sentir a angústia vivida por todas as crianças inseridas naquela realidade.

Diante dos fatos, foi possível notar o quanto as práticas cotidianas transmitidas a estas crianças as tornam seres que repugnam as diferenças como algo totalmente natural (anotações do diário de campo). E esta naturalização da desigualdade é apresentada por meio de muitos atos e discursos, que estas crianças vivenciam não só no lar, mas na escola, na mídia, na vizinhança e etc. Em sua obra, Spink e Spink (2006) descrevem as práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade que ocorre em notícias de jornais. Esse estudo será muito bem colocado aqui, quando relacionado ao contexto da atual pesquisa.

Consoante as ideias preconizadas por Spink e Spink (2006), as desigualdades são marcas das contradições existentes entre acontecimentos e possibilidades e entre

materialidades e sociabilidades que permeiam o cotidiano dos jornais. Quando os jornais incluem ou excluem este ou aquele elemento explicativo de suas manchetes, os produtos sociais são transformados em fatos autônomos e geradores de consequências inevitáveis.

Os autores trazem à luz uma grande verdade que permeia o desenvolvimento destas crianças, que ainda não sabem em quem acreditar. Elas acreditam em conteúdos descarregados por seus cuidadores e em suas próprias vivências, enquanto sujeitos participantes. Além de escutar, as crianças experimentam em suas relações as marcas da sociabilidade, na qual, infelizmente, se materializam sentimentos naturais diante das desigualdades.

Bott (1976) preconiza que, se muitas normas diferentes e contraditórias são interiorizadas, o indivíduo constrói algumas em detrimento das outras. Ademais, constrói suas próprias normas de acordo com as necessidades pessoais. Susie deixa claro que necessita teorizar para entender a contradição que vive em sua residência, pois é educada religiosamente para respeitar pai e mãe. Logo, se o seu irmão desrespeita sua mãe, ela afirma: “Ele é assim (...) briga, grita com minha mãe. Ela é fraquinha”. Para tratar uma mãe assim, na opinião dela, só se for fraca. Ou mesmo “preguiçosinha,” como dito por sua irmã (notas da observação).

Normas pessoais podem ser indiscriminadamente tratadas como normas sociais. E como elas são adquiridas e aceitas a nível social? Bott (1976) considera que é mais fácil o indivíduo interiorizar normas quando vive em grupos do que quando vive em redes. Nesse ponto, observou-se uma questão interessante: os pais se preocupam em matricular as crianças em um centro educacional onde se priorizam os mesmos princípios cristãos nos quais acreditam e cuja diretoria se preocupa em manter professores com os mesmos preceitos. Assim, mantém-se o grupo. Desta forma, há pouca necessidade de seleção de um novo arranjo interno, dado que a maioria dos pais e alunos também concorda com os princípios morais (notas da observação).

Segundo a observação, Pâmela é chamada atenção em sala de aula, por fazer um pequeno barulho com a boca. A professora a chama para o canto e o observador só consegue ouvir: “Não! Não conta para mamãe!”. Esta forma de disciplinar realizada em sala é acordada entre pais e mestres. Assim, o ato pode impor tanto medo na criança,

que qualquer tentativa de experimentação, por mais baixa que seja, pode levar a uma exclamação diante do terror da mãe.

Aparentemente, pode parecer uma forma de disciplinar e cuidar pelo medo, pura e simplesmente, e que só geraria uma boa conduta diante de situações em que se deve ficar calada e prestar atenção. Contudo, ela aprende que deve temer fazer algo diferente, deve achar natural temer a mãe em vez de respeitar, amar e ser criativa. Assim, o medo se naturaliza diante dos pais e de todos que hierarquicamente estão na posição de superiores. Isso ocorre quando se estereotipa o extremo da obediência: coloca-se na figura do subalterno o estereótipo do temor ao superior (SPINK e SPINK, 2006).

Spink e Spink (2006), acertadamente, sustentam que as desigualdades são fruto de contradições entre acontecimentos e possibilidades. Pâmela se vê subjugada diante do poder da professora, pelo simples fato de que ela pode informar seus pais sobre sua “tolice”(notas da observação). Para os autores, a naturalização é fruto de inclusão ou exclusão de elementos explicativos. Neste caso, seria melhor explicar para a aluna que não era o momento, em vez de aterrorizá-la diante dos possíveis castigos, caso repetisse o ato. Assim, os produtos são transformados em fatos autônomos, geradores de consequências inevitáveis.

Reprender desta maneira gera na criança o temor aos mais velhos e, talvez, no futuro, lhe dê a sensação de que é melhor ser subordinado do que criativo. Caso contrário, sofrerá consequências severas diante do que possa vir. O ser humano não é fruto de uma soma ou subtração tão bem elaborada, mas os ambientes que permeiam o desenvolvimento das crianças até então observadas leva a crer que a desigualdade e o medo participam cotidianamente na construção da subjetividade destes sujeitos.

Freud (1974) descreve que a origem do medo e da angústia está no instinto de morte. O acúmulo de energias psíquicas libidinais provenientes do instinto de morte intensificam a angústia, uma vez que o medo não pode ser extravasado como agressividade. Este sentimento se torna mais evidente diante da iminência do objeto do que da sua própria presença. Portanto, medo é angústia.

Observa-se no diálogo entre Pâmela e a doméstica: “Queria que tivesse câmera para o teu pai ver o que vocês fazem!”. A menina responde: “Eu iria gostar”. A pesquisadora pergunta: “O que ele faria se visse?”. A criança responde: “Ele ia brigar,

eu gosto que ele brigue!”. É notório observar que a criança, por meio do que a doméstica chama de “tolice”, anda mais rápido em volta da mesa e se delicia com o ato, só de pensar que seu pai pode saber. Contudo, é possível perceber que, mesmo desejando continuar, para e senta-se à mesa (notas da observação).

Este sentimento angustiante de querer ser percebida pelo pai e o ato resultante faz com que Pâmela e Susie parem diante da ação e se subordinem aos caprichos de seus cuidadores, só de pensar na iminência do perigo. Nesse mesmo dia, em um diálogo entre Susie e a pesquisadora, ela diz sentir “medo de baratas, de morrer, de coisas nojentas e que andam rápido” (notas da observação).

Observa-se que estas crianças são a todo o tempo tolhidas durante o dia e adestradas para que tenham e se subordinem. Elas não podem fazer menção de andar mais rápido ou correr, então é melhor se “aquietarem” em frente à TV ou jogarem computador enquanto sugam mamadeiras, dedos e cheiram fraldinhas diante da angústia da perda e da separação. Estas marcas encarnam objetos e vestígios da separação, que ainda não puderam ser totalmente simbolizáveis. Pâmela, quando indagada pela pesquisadora se sempre toma banho sozinha, relata que ela e a irmã sabem “se virar só (...) se esquecer o bebê (...) pode crescer e se acostumar no mundo” (notas da observação). Mas não percebem que estes bebês ainda se sentem sozinhos, tanto que, várias vezes ao dia, utilizam objetos para simbolizar a angústia diante da iminência da perda.

Surge, então, a culpa diante da angústia social, aparente em quase todas as observações, nas quais Susie sempre chora frente à professora. Com medo de tirar nota baixa, ela se sente culpada, pois percebe o quanto os pais desejam que seja boa aluna. Inclusive a professora relata para a pesquisadora que os pais “cobram bastante as meninas para que tirem boas notas” (notas da observação). O sentimento de culpa denuncia o mal-estar do sujeito, que teme perder o amor dos pais.

Assim, o medo aparece diante de um objeto determinado e dirige sua atenção para este (FREUD, 1974). A proposta freudiana para o surgimento do medo e suas repercussões diante do futuro, emaranhado a possíveis fobias, é de grande valia. Porém, um caráter psicodinâmico exige critérios, além da compreensão do desenvolvimento do sujeito, pois este é social e, como tal, deve ser visualizado de forma mais ampla.

Desta forma, a cultura é um conjunto de sistemas simbólicos, que dita a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Estes sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e social. “Todos os grupos à medida que chegam ao campo Tribal se dispõem rigorosamente segundo sua orientação de origem” (MAUSS, 2001, p. 344). Mesmo que, aparentemente, estes indivíduos pesquisados não façam parte de uma tribo, possuem uma ideologia religiosa que os liga e os fazem ligar seus filhos. É o que se infere do pensamento de Mauss:

Desde o começo da evolução social, os diversos subgrupos, às vezes mais numerosos mesmo do que os clãs que eles seccionam, as diversas estruturas sociais podem imbricar-se, entrecruzar-se, soldar-se, tornar-se coerentes (MAUSS, 2001, p. 344).

Este é o problema da reciprocidade ou, inversamente, o da comunidade: obrigar à reciprocidade. Por essa razão, estas crianças não aceitam nem um simples desenho de um amigo de classe da santa “Nossa Senhora de Nazaré”, padroeira dos paraenses. Julgam o amigo, a ponto de ele riscar o próprio desenho para se sentir aceito no grupo, pois agora sabem que é contra Deus adorar imagens (notas da observação).

Embora o grupo aparente ser heterogêneo, esta reciprocidade o torna homogêneo, pois todos convergem para um desenvolvimento que busca estar em concordância. A religião é usada por estes cuidadores como um cuidado, que ameniza os aspectos em discordância dentro do grupo. Assim, estes pais temem que as crianças entrem em contato com quem não possui as mesmas bases educacionais e religiosas. Recorrem à religião para normatizar o discurso, para que as crianças os sigam, assim como muitos seguiram seus pais. Para isso, são capazes de negar o que acontece no mundo e repudiar tudo que difere daquilo que acreditam ser o certo (MAUSS, 2001).

Na sala de aula, diante da tristeza de Susie, por não poder brincar com o cachorro de pelúcia de Lúcia, Kaká diz, olhando-a com desdém: “Não é coisa de Deus!” (notas da observação). Em outro dia, o menino lança o mesmo olhar em direção à pesquisadora e diz para Dora, outra colega de classe, a qual fala alto no momento: “Olhe quem está ali!”. O sentimento da pesquisadora foi: “Olhe a espiã que tirará ponto!”. Acresça-se, ainda, que Susie perguntou em outro momento: “Anota para tirar pontos?” (notas da observação). Então, a sensação de que estão sendo espionados, vigiados e subjugados não parece simplesmente uma observação, mas um sentimento

que permeia o grupo como um todo. Este sentimento é resultado de um caráter punitivo, diante de atos e ações que são a todo o momento tolhidos e que resulta em um sentimento de que o diferente deve ser renegado e julgado. A desigualdade emerge “(...) quando quem é visto como diferente é também considerado inferior” (SPINK e SPINK, 2006, pág. 10). É o que Kaká fez com Susie, demonstrando um sentimento cotidiano e natural.

Natural é aquilo que é espontâneo. Trata-se de “(...) uma força que estabelece e conserva a ordem de tudo o quanto existe”. Então, olhar o outro e julgá-lo pode ser natural, se o grupo de convivência possui uma racionalidade que estabelece semelhanças e desigualdades na forma de agir frente à vida. Tais conteúdos de discursos são linguagens sociais que não se excluem, mas dialogam e se justapõem, se suplementam e se contradizem, “levando à sua repetição, superação ou transformação”. Assim, a naturalização das desigualdades aparece quando se pontuam as diferenças (SPINK e SPINK, 2005, p. 189).

Em sala de aula, a professora coloca Carla em frente ao quadro, porque não conseguira escrever tão rápido quanto seus colegas (notas da observação). Trata-se de um sinal de alerta para os próximos e, para a criança, uma cobrança diante de sua dificuldade. Em outro dia, a criança coloca sua cadeira em frente à lousa, chama a professora e diz: “Sabe por que sentei ali? Para não conversar!”. Realmente, a diferença entre ela e as crianças da turma aparece sempre, tal qual afirmado pela professora nas poucas observações em que a criança chora para não fazer prova e não fazer tarefas. Ela, inclusive, reprova de ano, pois este comportamento é o natural para Carla (notas da observação). É a ordem que se estabeleceu e que se espera dela. Não só na escola, mas em casa, local em que a “menina bebê” também se materializa, ao fazer uso de fralda para dormir. Então, como bebê não pode passar de ano, ela também não pode ser cobrada, a menos que alguém a ensine e mostre que pode ser diferente. Afinal de contas, como ela mesma disse: “não quero tirar zero” (notas da observação). Assim, processos cotidianos são construídos e reafirmados no contato, por gestos e ações (SPINK e SPINK, 2005).

Então, materialidades e sociabilidades são apresentadas cotidianamente para apresentar a desigualdade. A materialidade parece vir diariamente para constituir a sociabilidade destas crianças, por meio da religião ou mesmo pelos cuidados

dispensados a elas. Enfim, essas são as ações que produzem a desigualdade e a exclusão (SPINK e SPINK, 2005).

A mãe de Nilson sente dificuldade em aceitar que seu filho faz coisas de mulher. Ela e o pai da criança citaram esta preocupação em todos os momentos da pesquisa (notas da entrevista e observação). Em observação, é possível perceber que esta mãe carrega estigmas e rótulos, como fruto de uma religiosidade que cuida e ampara diante das dificuldades da vida. Todavia, a religiosidade a deixa cega perante o vivido da criança, que brinca de bonecas na tentativa de reconstruir as histórias do clubinho, estória em quadrinho da igreja evangélica, e fala para a pesquisadora que acha lindo mulheres que usam a cor rosa, como sua mãe (notas da observação).

A religiosidade permite um olhar mais atento com seu filho: um cuidado com o que brinca e com o que gosta. Mas, infelizmente, este cuidado sufoca a criança, quando não a permite ficar livre para imaginar e a faz cega diante de outras possibilidades, em decorrência da preocupação exagerada.

Em outro exemplo, Susie relata sentir inveja de seu amigo Marcos, pois ele acompanha o programa dos “Rebeldes” e ela só assiste se for escondido. Por sua vez, Carla relata à pesquisadora que “todo mundo casa”, pois “(...) é de Deus”. E nisto consiste a maior parte de suas brincadeiras (notas da observação). Então, é notório que estas crianças estão impedidas de pensar ou fazer algo que não seja da providência Divina. E que o é diferente não pode existir, exceto se for da vontade dos cuidadores.

Assim, para uma criança, ou para um ser em qualquer idade, fica difícil aceitar algo que fuja a estas normas morais. Punir uma criança ou ameaçá-la com o fogo do inferno é a forma mais segura de transformá-la em covarde (NEILL, 1976). Algo tão Supremo pode esmagar a imaginação da criança. Porém, mesmo assim, elas tentam burlar estas regras por seus próprios meios e, na medida do possível, buscam se construir emocionalmente diante do plano mais macro social.

Nesse contexto, é necessário saber que nas fases iniciais do processo de socialização o ser é incapaz de distinguir entre a objetividade dos fenômenos naturais e a objetividades das formações sociais. Assim, a linguagem aparece como inerente à natureza das coisas. A criança não percebe seu uso convencional, como no exemplo acima, em que Nilson não percebe que sua mãe fez uso de uma norma Divina para

tentar delimitar para a criança que só podem existir dois sexos, homem e mulher. Assim, as instituições aparecem como dadas, inalteráveis e evidentes, e o mundo institucional é transmitido historicamente e objetivamente (LUCKMANN, 2010).

Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido que os pais possuem sobre uma dada realidade. Os cuidadores tornam suas crenças inalteráveis, para que as crianças sob seus cuidados se mantenham dentro das normas previamente delimitadas. No grupo focal, por exemplo, observou-se o comentário do pai das gêmeas, o qual declarou que devemos fazer as crianças entenderem o que é “bom ou mau”. Cabe ressaltar que o conceito estanque de bom e mau é um conceito moral, pregado por religiosos na busca desenfreada por poder.

Estes cuidadores fazem uso deste método punitivo para que as crianças sigam inquestionavelmente o que acreditam ser melhor. Todavia, eles mesmos se perdem no que consideram ser melhor, porque não conseguem domesticar estas crianças para que se defendam de tudo, já que escondem tudo delas. Acabam transformando-as em seres frágeis emocionalmente, porque o medo faz florescer o ódio, ocasiona desistência, insegurança e abala a autoconfiança (NEILL, 1976).

Este mesmo pai relata que as crianças ficam em casa “por conta dos perigos da rua”. Contudo, em todos os contatos com o pesquisador, declara que elas viram filme pornô no computador do irmão, em casa, algo que consideram impuro (notas da entrevista). Desta forma, fazem uso desmedido da diferenciação deste irmão em detrimento delas. Para que o irmão perceba o quanto está fora das normas, da moral e dos bons costumes que pregam, os responsáveis acabam confundindo até a pesquisadora que, no início, pensou que este filho fosse de outro relacionamento da mãe, mas na verdade ele foi fruto de um momento em que ainda não conheciam “Jesus”. Inclusive, os pais ressaltam como marco desta nova fase o respeito e a relação harmônica entre o casal (notas da entrevista mãe e entrevista do pai).

Desta forma, percebe-se que a realidade objetiva das instituições não desaparece ou diminui se o homem não compreende sua finalidade. Talvez até pareça opressiva, mas se os interesses forem comuns a todos os membros da coletividade, é válido fazer uso das normas institucionais, inclusive na socialização de crianças. “A linguagem assegura a superposição fundamental da lógica sobre o mundo social objetivado”

(LUCKMANN, 2010, p. 89). Assim, o adulto cuidador atinge seus interesses por meio da linguagem.

Para Bott (1976), algumas normas de conduta estão corporificadas na religião. Segundo a autora, presume-se que existe uma concordância geral quanto às normas sociais da vida familiar na sociedade como um todo, e tais normas estão corporificadas nos ensinamentos da igreja e na justiça. Contudo, a autora ressalta que isto só se acontece em uma “sociedade homogênea em pequena escala” e não em sociedades mais urbanas, que possuem uma complexa divisão de trabalho (BOTT, 1976, p.193).

Entretanto, Bott (1976) esclarece que nem mesmo em uma sociedade em pequena escala as normas são precisas e consistentes. Mesmo que a afiliação a grupos religiosos altere os esquemas de socialização da família, não é possível fazer com que estas crianças vivam à parte do mundo. Percebe-se que os pais tentam transformar a socialização destas crianças a todo o momento, pautados neste impedimento circulatório, no qual até a escola possui os mesmos pensamentos religiosos que acreditam. Não é possível enclausurar tanto o desenvolvimento emocional das crianças, pois até na instituição escolar elas possuem outros colegas que participam de outras realidades. Desta forma, seria menos estressante para o grupo se seus membros pensassem além da moralidade religiosa, sentissem o mundo e soubessem o que é melhor para si, sem precisar recorrer à imposição hierárquica.

Outro exemplo interessante ocorreu, quando a turma assistia ao filme “Patrulha Celestial”. Em uma das cenas, o Anjinho Querubim diz: “Jesus quer de vocês que o respeito seja sua palavra! (...); BÍBLIA, nos mostra o caminho (...); Palavra de Deus é lâmpada para meus pés, luz no meu caminho (...); Quem dá é mais feliz do que quem recebe; Quem ama faz o que eu digo!” (notas da observação). É notória a existência de um discurso religioso a permear o desenvolvimento emocional das crianças pesquisadas. Tal discurso, de forma vertical e horizontal, atravessa os diálogos e as relações por meio dos ensinamentos morais, tenta cristalizar e uniformizar os comportamentos das crianças, que a todo custo tentam se desvencilhar das amarras emocionais que lhe são impostas.

Em outro exemplo, temos a mãe de Pâmela que, ao responder o que considera ser uma criança ideal, diz que “nem Jesus era perfeito” e se contradiz ao acrescentar que a “criança perfeita é aquela que conhece o amor e a obediência” (notas de entrevista).

Para Sarti (2007), a família é pensada como ordem moral, na qual as crianças são esperadas como seres obedientes.

A pesquisa de Sarti (2007) sobre a moral dos pobres não se assemelha ao presente estudo no quesito poder aquisitivo dos participantes, que aqui varia entre R\$2.000,00 a R\$4.000,00. Ademais, as crianças também não participam de atividades domésticas com seis ou sete anos de idade. Entretanto, embora não possam ser pensados tais quais os participantes da pesquisa da autora, os entrevistados possuem um ponto em comum: a família enquanto ordem moral, atravessada por um pensamento religioso de razão simbólica, onde os cuidadores tem na casa o espaço de liberdade. Neste lugar, podem mandar e dar ordens, mesmo que amparados por uma autoridade maior, Deus Supremo. A família está ligada ao Deus da provisão, de modo que a moralidade está ancorada em uma ordem sobrenatural (SARTI, 2007).

Esse pensamento cristão não democratiza as relações em franco desenvolvimento, onde o poder é sempre unilateral. O poder unilateral pode ser percebido também em sala de aula, quando se observa a professora falando em nome da autoridade religiosa na busca por explicações para as dúvidas de seus alunos. Carlos relata ter um primo que faz uso de drogas (notas da observação). A professora prontamente declara que ele fica fora de si e que isso “não é coisa de Deus”. Ancora-se na moralidade cristã para cristalizar comportamentos, o que dificulta à criança a pensar algo além e apropriar-se de outros tipos de dúvidas e sensações que possam perpassar por seus sentidos (anotações do diário de campo).

Mauss (2001) sinaliza que, para se conhecer a anormalidade, deve-se partir do que é normal. Na presente pesquisa, não se deseja discutir sobre normalidade ou anormalidade, mas deve-se pontuar que a religiosidade está de alguma forma contida em toda a vida destas crianças. Isso acaba por inserir uma subjetividade do que é comum para elas, do que se torna normal, padrão e justo sob um ponto de vista.

Cabe salientar que não se pode acomodar e construir um único pensamento na vida destas crianças, pois elas também atravessam por outros contextos, que não têm como ponto de partida o Deus absoluto, tal como apresentado para elas. O que se torna normal e comum passa a ser relativo, diante da realidade mais macro social. Portanto, o discurso imposto com tanta veemência como forma de moldar cidadãos faz com que

surjam alguns sintomas, tais como ansiedade, depressão, medo e acomodação diante da realidade da vida social (FREUD, 1974).

Porém, antes de chamar atenção para o caráter da constituição subjetiva do sujeito, pode-se dizer de antemão que é difícil encontrar uma forma de solidão maior e mais dolorosa do que o desamparo. O ser humano encontra-se inteiramente só, em uma impotência que gera dificuldade para ele encontrar sozinho a saída para a situação em que se encontra (ZEFERINO ROCHA, 1999). Todos os dias a professora inicia as aulas orando e agradecendo ao Senhor por tudo e pede forças para ultrapassar os obstáculos.

O ser emite um grito desesperado em direção ao Outro e, se não obtém resposta, o desamparo gera desespero. A palavra amparo vem do latim *anteplus*, que significa preparar antes, dispor de antemão, munir-se do que é necessário. Assim, o indivíduo pode tanto desesperar-se quanto munir-se e abrir-se para alteridade (ZEFERINO ROCHA, 1999).

Freud (1986) pontua que o desamparo é sentido precocemente. Ele descreve que o ser humano nasce inacabado. Assim, os perigos do mundo exterior adquirem uma importância maior do que o valor do objeto, de modo que o ser fica desamparado e necessita de proteção. Nasce, assim, a necessidade de ser amado, que não abandonará jamais o ser humano.

A professora todo dia canta com a turma músicas religiosas, entoando: “meu Deus é tão forte, tão poderoso, pois tudo ele pode mudar! (...)”. Outro dia a professora disse à turma: “Deus nos perdoa sempre, mesmo que ninguém nos perdoe” (notas da observação). Esta incapacidade marca a condição humana. Este é o desamparo diante do desejo do Outro. Esta marca precoce é revivida culturalmente ao longo da vida (FREUD, 1986).

Freud (1986) descreve que o sentido da religião é mantido e preservado por esta condição humana, que se perpetua ao longo da vida. Assim, a religião passa a ser o elemento estruturante da subjetividade. O desafio é assumir a condição fundamental de desamparo e lutar para encontrar soluções, devido ao desejo de plenitude imaginária. Desta forma, os indivíduos fazem sacrifícios em prol do bem estar da civilização e idealizam Deus na tentativa de fugir deste fundamento.

Macêdo (2012) sinaliza que negar o desamparo e o Deus todo poderoso faz com que o ser humano “caia na cilada do capitalismo”. Isso porque cada indivíduo se crê pai de si mesmo, sem dívida nem compromisso com os antepassados, incapaz de reconhecer o peso do laço com os semelhantes, vivos e mortos na sustentação de sua posição subjetiva.

O homem moderno teria a marca do desamparo em função de três traços principais da modernidade: i) a passagem do holismo para o antropocentrismo; ii) o autocentramento do sujeito no eu e na consciência; e, por fim, iii) a substituição do discurso teológico pelo discurso da ciência (MACÊDO, 2012).

O autocentramento absoluto do sujeito se expressa no individualismo em seu limite máximo e se apresenta sob a forma da estetização da existência, na qual o que importa para individualidade é a exaltação gloriosa do próprio eu (MACÊDO, 2012).

Neste contexto, estas crianças vivem à beira de um abismo, no qual ambos os lados as dividem ao meio, a ponto de cindir. Isso porque os cuidadores tentam um discurso teológico em que Deus é soberano e, no meio social, observam outro extremo, onde o discurso da ciência toma uma proporção tão grande quanto a teologia representa para elas.

Pâmela, ao assistir o filme “Enrolados”, fica bastante feliz quando vê a personagem principal, a filha, brigando com a mãe. A criança se joga no sofá e, depois de viver plenamente seu êxtase, olha para a pesquisadora e diz: “sou péssima filha!” (notas da observação). Ela sabe que, diante dos conceitos morais fundamentados na religião, deve amar e respeitar seus pais acima de tudo. Todavia, ao ver um filme construído com base em um cunho não religioso, porém infantil, em que a personagem principal pode se vingar da mãe diante do ocorrido, não consegue conter tanta felicidade. Mas no final prevalece sua moral enquanto uma filha má, razão pela qual não deveria estar feliz tanto quanto a personagem está. Diante disto, pergunta-se: como conter algo que rompe o ser desta criança? Será que a melhor forma é impor algo tão rigoroso?

O pai dela responde: “Quando a gente quer virar Deus, quer que nossos filhos sejam perfeitos, isso é hipocrisia!”. Mas a mãe de Nilson teme (notas da entrevista grupal): “Quando filho dá muito trabalho, busco Deus. Mas eles estão crescendo e já viram muita coisa ruim”. O Sr. Sousa, em sua fala, permite continuar: “A escola e o lugar que mora é o lugar que mais se aprende. Na igreja também, mas não tem só santo (...). Viver é difícil até para adulto, vivemos uma falsa verdade”.

Então, o autocentramento absoluto do sujeito individualista, citado por Macêdo (2012), se configura na presente pesquisa como outra forma de autocentramento, o do grupo. Quando em contato com os questionamentos da pesquisa, o Sr. Sousa observa a existência de uma dualidade. Mas ele retrocede e cita o outro grupo social, os não evangélicos, como os que tentam “ajeitar, piorando” (notas da entrevista). A comunicação é um elemento da estrutura social e aqui se configura no autocentramento do grupo em detrimento a todos os outros.

Bott (1976) relata que a comunicação é elemento da estrutura social e, se for avaliada mais profundamente, frequentemente se percebe uma boa dose de variação entre os membros das suas redes, não somente no comportamento, como também nas normas. É o que se extrai do comportamento do Sr. Sousa, descrito no parágrafo anterior, que varia em sua fala algumas vezes. Em pouco tempo de pesquisa, relata que até mesmo na igreja vive-se uma “falsa verdade”, ainda que devesse ser um local apropriado para se cuidar de crianças.

No grupo focal, nota-se que estes cuidadores estão confusos e desamparados diante da realidade que sustentam. Assim, quando se estabelece algum tipo de comportamento como norma, observa-se grande simplificação (BOTT, 1976). O modo de ver passa a ser normas pessoais, devido à idealização. Os participantes declaram que em suas redes sociais - o grupo religioso do qual participam - são todos iguais e os outros sujeitos são diferentes. Porém, eles percebem haver formas diferenciadas de cuidar de crianças, mas mesmo assim tentam igualar a todos conforme seus próprios critérios morais e, desta maneira, subjugam os demais.

É importante frisar que a estetização da existência grupal, que acaba por fixar-se em uma naturalização da desigualdade, não é uma preocupação desta pesquisa e tampouco diz respeito apenas a esta pequena população. Esta ideia está contida em um plano político nacional, no qual têm sido discutidas alternativas em relação ao surgimento de grupos que procuram se sustentar a partir da retaliação de outros grupos religiosos (CARTILHA DIVERSIDADE RELIGIOSA, 2010). Nesse sentido, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, em março de 2010, montou uma cartilha, intitulada “Diversidade religiosa e direitos humanos”. Esta cartilha busca promover a liberdade religiosa, considerada um direito fundamental, conforme a Declaração Universal de Direitos Humanos (art. XVIII) e a Constituição

Federal (art. 5º, inciso VI). Em síntese, a cartilha visa a implementar no dia-a-dia das pessoas o respeito ao semelhante, em relação a sua capacidade de pensar livremente.

Na estetização da existência grupal, o que importa e passa ser o correto e verdadeiro, devendo ser seguido, é o meio em que vivem, pois todo o resto está fadado ao fracasso. Enfim, a exaltação gloriosa do próprio grupo religioso faz com que estas crianças, e até os adultos, circulem em meio a extremos, que os tornam cindidos e mais desamparados ainda. Ambos os sistemas, além de se mostrarem incapazes de aliviar a angústia do desamparo, anulam igualmente a possibilidade de plenitude imaginária que deveriam sustentar quando se negam mutuamente. A partir de seus próprios prismas e negando um ao outro, tentam explicar todos os enigmas mais impenetráveis do mundo e da vida. Nasce, então, o desamparo do desamparo na busca pelo ego ideal. O grito desesperado em direção ao Outro gera desespero ou abre-se para alteridade (ZEFERINO ROCHA, 1999). Mas como agir diante da incerteza sobre qual o caminho o sujeito vai seguir?

A saída seria o indivíduo aceitar sua condição de desamparado, não se condenar em relação às idealizações, conhecer as faltas, os limites e as imperfeições a fim de assegurar a possibilidade de investir a libido em sonhos e projetos que nutram no movimento do desejo e possibilidades criativas, pois o desamparo estrutura a subjetividade (ZEFERINO ROCHA, 1999).

É realmente fascinante ver o quanto as amarras estruturais que permeiam a socialização destas crianças estão entrelaçadas. Verifica-se que qualquer tentativa de grito pode ecoar a tal distância que só pode ser ensurdecidor para o próprio ser, pois nenhum outro é capaz de escutá-lo, dado a distância mínima permitida.

4.2AS DIVERSAS FORMAS DO CUIDADO

Vale ressaltar que a vida não é estanque e, como tal, transforma-se sempre e adquire novo significado a cada relação e troca de cuidados. Por exemplo, no casal, uma das fases de transformação do sistema familiar é a entrada de um novo ser na díade marido e mulher. Este período é atribulado, “no qual temores, ansiedades e alegrias estão constantemente presentes e refletidos na conduta da gestante” (EIZIRIK,

KAPCZINSKI E BASSOLS, 2001, p. 30) e de todos da família. Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, após o casamento, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes.

O homem também se relaciona com seus medos, angústias e ansiedades, nos quais se encontra em jogo a sua individualidade. Portanto, é importante considerar as representações dos pais sobre o bebê e sobre eles mesmos, como pais e cuidadores. Além, é claro, de considerar outros parentes, pessoas próximas, professores e outros cuidadores que estão em contato neste dia a dia e que fazem parte do contexto de ajuda a esta família elementar.

Estes contextos surgem e modificam as relações antes existentes entre adultos e crianças. Bernardino e Kupfer (2008) afirmam que hoje há uma inversão nas relações entre adulto e criança. Nesta inversão, a criança teria um lugar de “mestre do gozo” na família atual, pois ela é a detentora do “poder”, inclusive de determinar a colocação dos móveis, as compras e as escolhas feitas por este grupo. Para as autoras, os pais não deveriam mudar tanto a configuração em razão dos filhos, pois tal situação pode acarretar dificuldades de ordem psíquica, tais como falta de limites, dificuldade de separação e agitação motora, o que prejudica o desenvolvimento da criança.

Checchinato (2001/2002) descreve a criança como sendo alvo de projeções dos ideais, frustrações e problemas dos responsáveis. Quando esta chega à terapia, traz uma história longa, da qual fazem parte seus avôs, pais e todo o contexto que a cerca. A criança está imersa na cultura dos responsáveis. Assume as identificações projetivas e sintomas que o grupo frequentemente dirige a elas. Ademais, “(...) a saída sintomática encarnada na criança responde ao recalco e aos ideais de ego dos pais” (CHECHINNATO, 2001/2002, p. 45), ou até mesmo de seus cuidadores diretos. Esse mundo mental deve ser considerado por desempenhar um papel importante na “determinação da natureza do relacionamento dos pais com o bebê” (STERN, 1997, p.23). Enfim, o cuidador também sofre influências de sua família de origem, razão pela qual seus cuidados se estruturam a partir dele próprio.

Para cuidar de uma criança, o indivíduo imerge em suas vivências anteriores relacionadas à mesma fase. Existe, assim, o bebê real e o bebê imaginado, a mãe real e seu self como mãe imaginada naquele momento. Existe a ação real de segurar o bebê e a

ação imaginada desse “holding” (forma como a mãe segura e acolhe o bebê) (WINNICOTT, 1999).

O mundo representacional inclui experiências das interações vivenciadas com o bebê, mas também “fantasias, medos, esperanças, sonhos, lembranças da própria infância, modelos de pais, e profecias para o futuro bebê” (STERN, 1997, p.23). As representações estão baseadas na experiência interativa e são construídas a partir da experiência de estar com outra pessoa. Assim, “as interações familiares de uma geração proporcionam algumas das representações que orientam as interações da nova família nuclear” em desenvolvimento (STERN, 1997, p.35). E sinalizam formas de se relacionarem com seres que necessitam cuidados.

A perspectiva psicodinâmica adotada nesta pesquisa não descarta a importância da mãe para a sobrevivência do recém-nascido e também acredita que esta relação pode ser provida tanto pelo homem (pai), quanto por outro par social que desempenhe a função maternante ou de cuidador primário. Enfim, considera que o bebê, tal qual uma criança ou adulto, relaciona-se ativamente com o ambiente como um todo e não inicialmente apenas com sua mãe ou cuidadora primária. É preciso conhecer bem quem cuida da criança, para poder cuidar melhor, identificar como o cuidado é vivido e estruturado pelo cuidador (CAVALCANTE, 2008; LEITÃO e ALMEIDA, 2000).

Bicalho (2008) relata que o cuidador é aquele que se dispõe a favor das necessidades de um indivíduo, pode ou não ter laços consanguíneos e assume responsabilidades diretas ou indiretas. Em razão da quantidade de lugares em que a criança circula, poderá haver diversos sujeitos cuidadores, ou apenas um sujeito responsável por estes primeiros cuidados, alguns até sem relação de parentesco e consanguinidade.

Existem sujeitos que nem se reconhecem nas funções de cuidados. Um cuidador “é qualquer pessoa que vivencia o ato de cuidar e este pode realizar-se com diferentes pessoas em ocasiões distintas de suas vidas” (BICALHO, 2008, p.120). Talvez a dificuldade de se reconhecer como cuidador esteja relacionada ao fato de que a forma de cuidado na sociedade humana era modulada por diversas regras e tradições que aparentemente simplificavam a arte de cuidar dos filhos. Inclusive, jargões estruturavam uma maneira de padronizar formas de dar limites, carinho, cuidado e inserir o sujeito em desenvolvimento no contexto social. Acrescente-se, ainda, que na maioria das

circunstâncias as únicas figuras presentes e aceitas como cuidadores diretos eram o pai e/ou a mãe.

Estes novos arranjos familiares também convidam outros contextos a participar da cena (IGREJA e MAUÉS, 2010). Tais contextos assumem as responsabilidades de cuidar, ato que consiste em dar suporte ao assistir uma dada necessidade da pessoa cuidada. Os diversos cuidadores que perpassam a vida da criança integram a “montagem da geografia psíquica dos filhos”, a sua subjetividade (OLIVEIRA e MARIOTTO, 2008).

Estas mudanças ao longo do ciclo causam estruturação, desestruturação e reestruturação, pois cada etapa requer esforço por parte dos seus membros, devido às mudanças ocorridas (EIZIRIK, KAPCZINSKI e BASSOLS, 2001; FALCETO e WALDEMAR, 2001).

Cuidar, então, é dar atenção e zelar. Os cuidados cotidianos fundem-se com hábitos de vida, crenças e costumes (LEITÃO e ALMEIDA, 2000). O Sr. Sousa diz que suas ideias sobre cuidado não diferem do grupo do qual faz parte: “evangélicos, mas os demais a natureza revela” (notas da entrevista). Então, para ele, o cuidado está intimamente vinculado às suas crenças religiosas e costumes e aquilo que difere está fadado ao fracasso.

É fato que alguns adultos desconhecem o que é ser um cuidador, quem é e/ou pode exercer a função de cuidador, em que momento e por quanto tempo deve-se cuidar. Ademais, muitos desconhecem haver uma relação entre cuidado e desenvolvimento emocional.

Nas entrevistas, notam-se semelhanças. D. Cintia, mãe de Nilson, diz que o lugar ideal para exercer os cuidados é o lar e “algumas escolas”. D. Sônia deixa claro o quanto se ressentiu pelo fato de que, no início da vida da criança, ela não ter tido “amor de pai, visto que o casal trabalhava muito e ficou sob seus cuidados apenas”. Já D. Marta, mãe das gêmeas, declara que o lugar adequado para cuidar de crianças é a “creche”, em especial uma que reforce princípios cristãos. D. Valquíria, mãe de Carla, descreve que primeiro a casa, e depois a escola, são os melhores locais para cuidar de crianças (notas das entrevistas).

Então, pode-se perceber que a maioria dos cuidadores descreve apenas dois lugares aptos a cuidar de crianças: a escola e a casa. A professora, em sala de aula, pergunta se Kaká tomou o seu xarope, pois tossia um pouco. Demonstrou, assim, um cuidado com a criança. No entanto, os cuidadores descartam outros tantos locais que cuidam e participam da subjetividade destas crianças (notas da observação). A moça que trabalha na casa de Pâmela e Susie, por exemplo, pode ser uma cuidadora e, de fato ela é, visto que a própria mãe das meninas descreve que, quando sai, não fica preocupada. Ela diz: “Os outros que ficam passam segurança para elas. Não tenho que sair preocupada, porque elas estão bem!” (notas das entrevistas). Portanto, existem outros sujeitos que cuidam, mesmo que no mesmo ambiente, mas que estruturam de forma diferente a subjetividade do sujeito (OLIVEIRA e MARIOTO, 2008).

Joaquina, que trabalha na casa das meninas, discorre que, quando ela dorme na casa, as crianças não dormem tarde e vão para a escola (notas da observação). Além de Joaquina, que é uma cuidadora, existe a sobrinha que, quando está em casa, acorda as meninas e as leva para a escola também. Quando dependem apenas da mão, elas faltam aula (notas da observação e entrevista). Há, ainda, muitos outros cuidadores que circulam com esta criança. No caso de Nilson, mesmo sua mãe não citando a avó, sogra dela, esta atua como cuidadora quando precisa ficar com as crianças (notas da entrevista e observação).

O próprio grupo de amigos em sala de aula cuida diariamente uns dos outros, por meio de olhares, gestos, palavras e ações. Marcos (notas da observação), ao perceber Susie curvada, pergunta o que ela sente e prontamente diz: “Professora, Susie está com dor de barriga!”. A professora responde: “Espere, vou ligar para a mamãe!” (notas da observação).

Nilson descreve gostar das gêmeas, porque “elas são legais, desenham bem, mas não cantam bem (...)”. Interessante a criança frisar o que admira nas meninas, o que tem em comum, pois também adora desenhar. Contudo, relata que não cantam bem, fato que não pode dizer sobre ele mesmo, pois canta na igreja e gosta de participar desta atividade religiosa. Inclusive, possui várias fotos em casa que retratam este momento e pôde mostrar para a observadora um pouco de seus talentos (notas da observação).

A convivência entre pares é de suma importância nesta situação para o desenvolvimento da criança. Cavalcante (2008) pesquisou a ecologia da vida

institucional de crianças abrigadas e revelou a importância de pesquisas sobre as brincadeiras que podem compensar a privação de cuidados maternos. Tais brincadeiras previnem sequelas psicológicas, estimulam o companheirismo e a intimidade, por meio de trocas afetivas.

No contexto do abrigo, Cavalcante (2008), ao estudar o comportamento pró-social para o desenvolvimento humano, relata que atitudes, gestos e interações de cuidado entre crianças institucionalizadas demonstram o cuidado e a preocupação com o bem-estar do parceiro. As crianças da presente pesquisa, quando estão entre pares, também demonstram tais comportamentos, tanto que Lúcia entregou seu bichinho de pelúcia para Susie ao vê-la chorar (notas da observação).

Nesta relação entre pares, o altruísmo e a agressividade são indissociáveis no desenvolvimento social da criança. No cotidiano, quando a criança ajuda, oferece conforto ao que chora e divide brinquedo, alimento e pertences com amigos, colegas de classe e irmãos, reflete a presença da interação social entre pares. Estes comportamentos, de certo modo, seriam modalidades de cuidado substituto e alternativo ao cuidado parental (CAVALCANTE, 2008).

Neste grupo, percebe-se a presença de uma reciprocidade alternativa indireta, na qual o sujeito retribui o que fizeram por ele (MAUSS, 2001). Este tipo de relação é muito comum em sala de aula, onde as crianças oferecem o que podem e, então, cuidam umas das outras diariamente.

É válido ressaltar que nem tudo que se observa faz parte da observação, mas deve-se estar atento para enquadrar estas nuances que permeiam a realidade do que se é observado. O pesquisador não pode esquecer que o individual não reflete o grupal, mas o completa. Além disso, a noção de dar, receber e contribuir não são imediatas, mas permeiam as relações de cuidados que são construídos a partir do social (SARTI, 2007; MAUSS, 2001).

Então, na presente pesquisa, observa-se que esta relação de cuidado presente cotidianamente no contato social não é tão linear e aparente, mas se materializa entre os grupos de afins - o grupo religioso - e encontra o pedido velado pelo cuidado pretendido. Esse último será descrito apenas na próxima categoria molecular. Mauss

(2001) descreve que os subgrupos buscam harmonia em seu interior e, entre os diversos subgrupos, estes se entrecruzam.

Sendo assim, é muito provável que a referida escola tenha sido escolhida não só pela sua aparência um tanto quanto familiar, mas pela necessidade emocional de um lugar que estes adultos considerem um substituto, mesmo que de forma parcial, do que eles consideram ser uma família (anotações no diário de campo). Com exceção do pai e da mãe das gêmeas, todos responderam que a escola é um lugar onde se cuida de crianças. O Sr. Nilton, pai de Nilson, disse ser um local no qual se pode confiar, tanto quanto a casa (notas da entrevista).

Mesmo sem perceberem, os pais adotam a escola, por saberem que, devido às novas obrigações sociais dos cônjuges, não se pode mais ter um lar tão organizado quanto outrora se acreditava que deveria ser uma família nuclear composta por seu pai, mãe e filhos, educados e felizes. A escolha parece ser uma tentativa de manter estes costumes, mesmo que às avessas. Por isso, este ambiente confunde tanto, não só os entrevistados, mas o pesquisador que, ao adentrar pela primeira vez, não viu apenas salas, carteiras e professores, mas pôde ver bicicletas, avós, mães, quintal, cheiro de comida caseira e roupas penduradas. Na observação nos corredores da escola, a fundadora caminha pelo corredor e reclama de um dos alunos que corre no recreio, como se fosse uma avó preocupada com seu neto que pode cair, se fizer “peraltices” (anotações do diário de campo).

Atualmente, devido à saída da mulher do ambiente doméstico rumo ao mercado de trabalho e à existência de inúmeros outros arranjos familiares, não se pode mais delimitar a família a indivíduos singulares. É necessário perceber a pluralidade de relações vivenciadas pela criança em tenra idade nestes contextos. Até mesmo porque, muitas vezes, os pais passam a não mais se reconhecer nas relações que antes eram fundamentalmente marcadas nas funções matriarcais ou patriarcais: “o certo é que não estamos mais na era (patriarcal ou matriarcal) das certezas; os pais estão a precisar e muito de uma ajuda a fim de descobrirem os caminhos de seus desejos e assim conseguirem alicerçar uma geração possivelmente menos neurótica” (CHECCHINATO, 2001/2002, p.43).

Esta forma antiga de encarar novos arranjos é facilmente percebida na entrevista da mãe de Carlos que, ao discorrer sobre os cuidados com o filho, sente a necessidade

de dizer que a sua mãe só cuidou dele enquanto ela “trabalhava”. Porém, durante o discurso, revela que a mãe fica com o menino a maior parte do tempo, mesmo que ela esteja sem trabalho fixo na atualidade. Assim, a negação sobrepõe o ato, por se pautar em um conceito estanque de quem se deve cuidar.

Nos novos contextos de cuidados, muitas vezes, as famílias jovens são dependentes da rede de relações familiares ascendentes. Elas se entrelaçam na gestão de recursos materiais e afetivos. Estas trocas são comuns dentro destes novos arranjos familiares e “as famílias mobilizam diferentes recursos, combinando elementos das diferentes esferas de produção de bem-estar” (PORTUGAL, 2004, p. 140).

Sendo assim, muitas vezes, é possível perceber que quem participa dos cuidados não necessariamente é mãe e/ou pai, mas outros sujeitos que circulam em torno da criança, a qual também passa a circular em diferentes contextos sociais. É o exemplo da sala de aula de Kátia, que por vezes reivindica seu lugar na vida emocional destas crianças ao pedir, dá carinho e tolher o comportamento delas (notas da observação).

Estas mudanças na família transformam o modo de socialização de crianças, o que acarreta o surgimento de várias instituições de vida coletiva, as quais fixam limites e subdividem o período da infância. Esta passa a ser compreendida por um saber determinista, psicológico, que “define e garante a normalidade social desse desenvolvimento” (BOUVIER, 2005, p. 394). Ao compararem a criança ideal ao desenvolvimento emocional das crianças que eles cuidam, os participantes demonstraram certa contradição, insegurança e fixaram uma faixa delimitadora do desenvolvimento. Para eles, a criança ideal brinca, é alegre, espontânea, deve obedecer, mas as crianças sob seus cuidados foram descritas como choronas e medrosas (notas das entrevistas).

Sendo assim, o reconhecimento do outro facilita ou dificulta os cuidados, o que pode se tornar difícil, em razão do arranjo adaptativo de cada grupo, pois vizinhos e amigos podem também ser considerados um apoio, com sua ajuda e sociabilidade, e se tornam equivalentes funcionais das relações de parentesco. Portanto, existe uma organização doméstica e interdoméstica (WOORTMANN, 1987), que deve ser considerada quando se pretende conhecer “as diversas formas do cuidado”.

Percebeu-se que praticamente todas as famílias pesquisadas possuem pouca relação com vizinhos e amigos. Quando muito, há ocorrência de relacionamento mais próximo com o grupo religioso ou com poucos amigos que frequentam o mesmo grupo. Sendo que apenas o Sr. Sousa, pai das gêmeas, citou que recebe amigos da igreja em casa. Em relação aos parentes que não compõem a família nuclear doméstica, mas possuem laços consanguíneos, a avó de Carlos, o Sr. Sousa e a mãe de Nilson afirmaram que somente encontram estes parentes em momentos festivos. Os demais declararam ter boa relação com seus vizinhos (notas das entrevistas).

Interessante notar que, durante todos os contatos, o pai de Susie descreve a proximidade e o reconhecimento do grupo religioso do qual faz parte. Assim, o grupo participa subjetivamente dos cuidados, a partir do reconhecimento de situações afins no que se refere à educação de filhos. O grupo religioso passa a ser cuidador, devido à constituição subjetiva que seus membros julgam ser comum.

Carla foi a única das participantes cuja família possui relação mais próxima com vizinhos (notas da observação). Porém, isso ocorre porque os vizinhos são parentes que moram na mesma vila, tais como primos (as) e tios (as). Assim, eles auxiliam na organização doméstica e interdoméstica, com ajuda e sociabilidade, pois facilitam ou dificultam os cuidados (WOORTMANN, 1987).

No caso de Carla, foi interessante notar que o medo permeia o grupo vizinho como um todo, constituindo um reconhecimento de sentimentos comuns. A própria prima chama atenção da criança, que deveria voltar para casa e não ficar mexendo em terra e “zanzando”, pois isso “não pode!” Mesmo a mãe não estando perto, por vezes, durante a observação, havia uma tia, uma prima ou sobrinho (a) caminhando por entre a vila, brincando e sinalizando o que podia, ou não, ser feito pela garota (notas da observação). Woortmann (1987, p.199) descreve que, na comunidade por ele pesquisada, as principais funções do parentesco encontradas foram: “ajuda, ou apoio material em momentos de crise; apoio moral; troca de serviços; cuidado com crianças”. Tais relações também foram encontradas nesta pesquisa, inclusive sob a forma de “vigiar crianças” (anotações do diário de campo).

Em outro contexto, percebe-se Carlos, em frente à TV, com outro sujeito que aparentemente não poderia integrar a subjetividade da criança, se fosse considerado um conceito estanque de cuidados. Porém, como se trata da psicodinâmica, percebe-se que

o personagem “Kiko” se torna cuidador, quando chama a atenção da criança, que para de se atirar em cima da cama de sua mãe por alguns instantes, após ser alertada várias vezes sobre seu incômodo na desarrumação do quarto. A mãe consegue, tranquilamente, se vestir para ir à igreja. Portanto, os meios de comunicação podem também ajudar na rotina doméstica (notas da observação).

Segundo Figueiredo (2009), o cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo. O personagem de algum modo cumpre seu papel dentro do seu limite, tal qual outro cuidador, tanto que serve como espelho para a criança poder se projetar como “Kiko”. Enquanto assiste, aponta para o personagem e diz para a pesquisadora: “sou eu!”. Este fato foi bastante intrigante quando, ao final da tarde, a criança veste bermuda comprida, blusas com mangas longas e meias até o joelho, ficando realmente bem parecido fisicamente com o personagem (notas da observação).

Diante desse contexto, pode-se perceber que o sujeito de cuidados deve ver em seu cuidador um espelho que reflete a si mesmo, pois “cuidar é basicamente ser capaz de prestar atenção e reconhecer o objeto dos cuidados no que ele tem de próprio e singular, dando disso testemunho e, se possível, leva de volta ao sujeito sua própria imagem” (FIGUEIREDO, 2009, p. 138). Claro que, ao refletir a imagem deste, emerge também a subjetividade carregada de toda sua história de vida.

Bicalho (2008) relata que o cuidador é o indivíduo que se dispõe a favor das necessidades de um indivíduo, pode, ou não, ter laços consanguíneos e assume responsabilidades diretas ou indiretas. Diante da realidade pesquisada, observou-se que não só a TV, mas os computadores cuidam. Em outra realidade, quem sabe, as câmeras desempenhem o mesmo papel, ao oferecer para seus pais a possibilidade de segurança de verem como estão seus filhos, muitas vezes até virtualmente e ao vivo, mesmo estando a quilômetros de distância.

4.3 A TRANSMISSÃO DISCIPLINARE OS CUIDADOS

Sabe-se que o ser é social e, como tal, é atravessado constantemente por discursos. Zornig (2009), ao analisar as dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar, pontua dois tipos de discurso como dado interessante no estudo com famílias: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a

existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.

A identificação destes dois tipos de discursos é importante para pontuar com clareza a dimensão da transmissão, bem como para averiguar o que se transmite, desvendando os discursos norteadores do grupo e, até mesmo, possíveis mitos, fantasmas, rótulos, atitudes, tabus, que controlam comportamentos e percepções de um sobre o outro dentro do contexto familiar. Vale frisar que a transmissão não passa apenas por meio de palavras, mas na interação entre pares. Portanto, se cada sujeito, dentro ou fora do contexto familiar, reconhecer que há uma transmissão e que muitas vezes ela norteia as relações, poderão diminuir a repetição dos fantasmas parentais e se reconhecer como sujeitos singulares.

Estes tipos de discursos não foram percebidos com facilidade durante a pesquisa, pois não aparecem claramente diferenciados no enunciado e, por vezes, se mostram contraditórios. Foi necessária uma boa dose de observação, que só pode se desprender do restante pesquisado devido à adoção, mesmo que pequena, da observação metodologicamente estruturada do pensamento de Mauss (1974). Este autor descreveu que a lógica simbólica resume as leis mais gerais da linguagem, de modo que há um conteúdo simbólico para além do que se tem como o significado da palavra.

Diante das palavras de Mauss (1974), encontra-se o significado das frases ditas pelos entrevistados nas entrelinhas entre o dito, o não dito e o refletido pelo pesquisador, que precisou recorrer aos pensamentos de seus próprios ancestrais para relembrar alguns discursos que também foram repassados com ou sem contato.

Desta forma, apreende-se da fala da mãe de Pâmela, quando ela relata que algumas crianças amadurecem fora da hora e que possui a preocupação de colocar princípios morais. Aliás, respeito, moral e obediência foram citados por todos os cuidadores ao se relacionarem com as crianças (notas das entrevistas). Todavia, este pensamento não é novo e sabe-se que, ao longo da história, a família foi concebida como lugar de moral (SARTI, 2007; WOORTMANN, 1987).

Portanto, a mãe de Pâmela utiliza um pensamento que foi repassado através das gerações e o repete, mesmo desconhecendo o real sentido dele. Ela o utiliza hoje,

porque esse pensamento lhe auxilia naquilo que ela acredita ser o melhor no que diz respeito à tarefa de olhar e cuidar de crianças.

Outro discurso disciplinador que acaba por controlar o desenvolvimento destas crianças é percebido na observação de Susie em casa, quando, atentamente, a criança ouve um diálogo entre a empregada doméstica e a tia das meninas, sobre a suposta falta de educação de seu irmão: “Todo mundo que tá errado fica assim! Enquanto o rapaz fica cabisbaixo e ouve” (notas da observação). A menina ouve um diálogo similar na escola por sua professora: “Não podem falar todos juntos, primeiro ouçam!”. A professora, como autoridade, se faz ouvir, bem como a tia e a empregada, em relação ao seu irmão, que faltou com respeito com a mãe. Então, diante disto, a criança na escola, em fila, repete para seus amigos: “Depois vocês falam!”. E acena com o olhar em direção à professora, que tenta organizá-los (notas da observação).

Assim, os discursos são repassados como forma de orientar sobre os cuidados e, nesse caso, tolhem o desenvolvimento por meio de inúmeras amarras transmitidas socialmente. A “família compreende todo o sistema emocional de pelo menos três e agora frequentemente quatro gerações”, sem contar os cuidadores que não possuem laços consanguíneos, mas também participam da montagem da subjetividade das crianças (CARTER e MC GOLDRICK, 2008, p. 9).

Outros ambientes, muitos destes ligados à classe educacional, acabam por utilizar-se de delimitação e fixação de padrões que, por vezes, confundem estes cuidadores, que passam a não entender a razão pela qual suas crianças são diferentes do que acreditam ser o ideal. Isso porque eles se pautam nos recortes da infância em etapas, faixas de idades, no intuito de regular a vida social da criança e delimitar esse período que precede a adolescência. Desta forma, por vezes, lançam mão de formas de cuidar e disciplinas pautadas na coerção, no intuito de alcançar o sucesso pretendido.

Filho (2008) descreve que falta reconhecer o protagonismo infantil no campo pedagógico e nas políticas educacionais. Deve-se considerar que não há uma infância ou uma criança, mas infâncias e crianças. Vale assinalar que, não apenas no campo pedagógico e na política educacional, mas também nos saberes psicológicos e no campo sócio-antropológico, verifica-se a ausência desta visão. Esta falta assinalada pelo autor é um ponto importante, no intuito de compreender um determinado fenômeno e ou objeto, com foco na interdisciplinaridade, como na presente pesquisa. A vida humana é

fruto de uma rede entrelaçada e inseparável do EU com o Outro, e o indivíduo se constrói com o que essa rede lhe possibilita, modificando-se e modificando o ambiente do qual faz parte (POMBO-DE-BARROS e ARRUDA, 2010).

Então, ainda que com limites indecisos, a infância compõe uma dimensão intencional, no que concerne à socialização das crianças, para auxiliar exigências sociais de ajustes da vida da criança à vida do adulto, devido à necessidade de seus cuidadores. Além disso, a infância amplia a dimensão econômica de mercado quanto à profissionalização dos indivíduos que cuidam de crianças, os quais necessitam de cuidados fora de casa cada vez mais jovens (BOUVIER, 2005).

Bouvier (2005) exemplifica o caráter patológico que permeia a fixação de recortes por idades, ao relatar que a faixa compreendida como primeira infância é uma herança da fixação do início da escola obrigatória aos seis anos de idade. Ferriolli, Marturano e Puntel (2007) apontam um dado preocupante, segundo o qual os escolares constituem a maior clientela encaminhada a psicólogos e que, no Brasil, há elevadas taxas de problemas psiquiátricos na infância. Os quadros mais comuns são transtornos de conduta, atenção, hiperatividade e emocionais.

Esta herança do que seria a primeira infância acabou por introduzir comportamentos que deveriam ser normais nesta determinada faixa. Ocorre que, atualmente, mudou-se a tutela ministerial e administrativa na formação de pessoas. Ampliou-se o ingresso na escola maternal, a partir de dois anos de idade, provocando questionamentos na definição de papéis e tarefas das instituições que prestam este serviço, as quais passam a ser cada vez mais cobradas (BOUVIER, 2005).

Este fato culminou na reprovação acordada entre família e escola de dois dos alunos que participaram desta pesquisa (Nilson e Carla). Isso porque, neste contexto, as crianças passam a ser mais cobradas quanto ao seu recorte adaptativo e social fixo (BOUVIER, 2005). Esta realidade, infelizmente, não contempla o vínculo social espontâneo de trocas entre gerações e não abarca a teia de diversidades possíveis entre indivíduos que circulam e são circulados em pleno desenvolvimento (anotações do diário de campo).

A disciplina em forma de cobrança demonstra apenas que o cuidador, nas entrelinhas, muitas vezes não consegue entender muito bem as diferenças que devem ser

consideradas para o desenvolvimento pleno da criança. Perdidos, estes responsáveis nem sempre percebem o quanto necessitam de auxílio e de que forma podem pedir estes cuidados.

A diretora, no primeiro contato com a pesquisadora, demonstra o quanto se sente angustiada de perceber que muitos pais não apoiam o serviço, não comparecem às reuniões e deixam seus filhos tratarem os professores com desrespeito. Desabafa o quanto se sente preocupada e demonstra claramente o vínculo emocional que tem com os alunos. Ela gostaria, de certa forma, que a pesquisa se estendesse para todas as classes, pois sente dificuldade de lidar com alguns problemas de cunho emocional que trazem as crianças para a escola (anotações do diário de campo).

Sarti (2007) descreve que, em sua pesquisa, os participantes introduziam suas preocupações em busca de um “saber” que acreditavam existir no papel do pesquisador. Descreve que por acreditarem que no observador existam chances de encontrarem soluções para os mais diversos problemas, confiavam muitos de seus pedidos de forma implícita ou explícita. Em sala, a professora declara para o pesquisador que sabe das diferenças que existe entre as crianças, mas tem dificuldade de lidar com elas. Sinaliza que se verificar algum erro, a pesquisadora pode lhe relatar. A diretora resente não poder ajudar a todos, até porque há alunos com dificuldades financeiras, o que dificulta de certo modo que sejam atendidos por profissionais, tais como fonoaudiólogos e psicólogos (notas da observação).

Na figura dos pais, observa-se que a professora também busca auxílio. Ela tenta, em sala de aula, acessar a rede familiar por intermédio das crianças, ou mesmo por intermédio dos próprios pais (anotações do diário de campo). Busca, ainda, solicitar auxílio nos cuidados cotidianos com as crianças. Tanto que, ao tentar brincar com as crianças, reclama que sua garganta dói e, não sendo ouvida, diz: “ACABOU! Vamos fazer prova!”. Além disso, chama atenção das crianças e ameaça contar para os pais. Aliás, envia recados para os pais (notas da observação). Desta forma, percebe-se que pede auxílio, de forma direta ou indireta, quando sente descontentamento com algo.

Portugal (2004) estudou o papel das redes de relações sociais das famílias no acesso a diferentes recursos, tais como emprego, habitação e cuidados de saúde. Ela mostra a forma como a rede se articula e se centra nas relações de parentesco para obtenção de recursos. Assim, ativa tipos diferentes de laços em cada situação para

obtenção de resultados. Conclui que há variáveis, tais como escola, origem familiar, profissão e níveis de rendimento, que diferencia a estratégia pela busca de acesso. Os recursos que os cuidadores da presente pesquisa tentam alcançar são os cuidados e o fazem por meio da rede que compõe o social destes indivíduos fraternos.

Em meio a tantas alterações, a família não pode esquecer que é um sistema, com suas funções e papéis. Porém, tais funções jamais são substituíveis emocionalmente e se um ente tentar se “demitir ou for demitido” das funções familiares, em casos extremos, acaba por encontrar a saída pela psicose. Enfim, o principal valor da instituição familiar são os relacionamentos insubstituíveis e seu sistema de apoio emocional aos filhos (MALDONATO, 1994; CARTER E MCGOLDRICK, 2008).

Em outro exemplo, a mãe de Nilson pede, encarecidamente, para participar da pesquisa. Pelo telefone, declara que gostaria de participar mesmo sem o pai, que não quer fazer a entrevista. Diz que precisa que seu filho seja avaliado. O próprio pai se irrita quando, na primeira entrevista, sente-se enganado pela mãe, a qual o fez pensar que seria uma psicóloga do colégio, e não uma pesquisadora que faria entrevista com ele. Por essa razão, ele sai da sala e age com grosseria no meio do corredor da escola, tanto com a mãe quanto com a pesquisadora (anotações do diário de campo).

Em momento posterior, ele declarou que só voltou, porque quer que seu filho melhore, pois “ele tem uns problemas com bonecas” (notas da entrevista). Tais episódios demonstram bem o quanto estes pais buscam respostas para as dificuldades do filho, mas não sabem de que forma e para quem recorrer. Então, cada qual, com suas expectativas, diferenças e frustrações, tenta agir na busca por soluções. E não apenas estes cuidadores responsáveis, mas professores, coordenadores e direção, buscam soluções para a circulação. Cabe salientar que esta afeta não só as crianças, mas os adultos que possuem poucos momentos para parar e refletir sobre soluções.

A avó de Carlos descreve que uma criança na faixa etária de seu neto deve ser observada para que não faça coisas de adulto. Relata que viu um menino “amiguinho” dele vendo filme na “internet de pessoas de 18 anos” (notas da entrevista). A própria comparação com outros grupos e pessoas demonstra o quanto estão precisando da ajuda, para “vigiar” suas crianças. No caso de D. Jô, acredita que é melhor para a permanecer mais tempo em casa em frente à TV, do que brincar com outros colegas que são criados de forma diferente. Isso gera estresse nestes cuidadores, que se cobram mais e cobram

as crianças, que por vezes se sentem sufocadas com os excessos. Além disso, elas confiam menos ainda nas pessoas que possam cuidar.

A cultura brasileira indica que há uma relação entre a noção de “família” e a ideia de respeitabilidade. Desta forma, esta instituição passa a ser um “símbolo forte”, uma “virtude moral” (WOORTMANN, 1987, p.58). O autor descreve que a vida familiar dos moradores dos vales não é tão estável quanto a ideologia da classe média e da elite. E mais interessante é que, para eles, o ideal de família não difere totalmente do da elite.

O resultado encontrado pelo autor sugere o quanto ainda faltam respostas, inclusive para a presente pesquisa. Isso porque os participantes desta pesquisa acreditam que é a mentalidade religiosa que possuem que os fazem ser diferentes do restante. Esse pensamento levanta a seguinte questão: será que a sociedade como um todo não está, na realidade, naturalizando diferenças em prol de uma mentalidade individualista que os fazem crer serem seres únicos, o que gera agressividade no contato, por acreditar que o outro pensa e age apenas em benefício próprio?

Woortmann (1987) encontrou a existência de um modelo ideal, mas também outro modelo que se liga à práxis, ou seja, uma ideologia realista resultante da interação entre realidade e idealismo. Por isso, ao estudar o contexto familiar, deve-se considerar não apenas a família nuclear, mas toda a rede de suporte que permite o seu funcionamento.

Ocorre que o cuidador, muitas vezes, nem se dá conta do cansaço e da confusão, em razão de tantas mudanças e de seus afazeres diários, não só com as crianças, mas com sua vida de modo geral. Assim, a súplica para que o outro cuide permanece esquecida, devido à carga cotidiana ou pela própria dificuldade de solicitar auxílio. O solicitado também não percebe as nuances, a não ser que rememore inconscientemente os primeiros cuidados, dada a sutileza da súplica, que só pode ser percebida diante da observação cuidadosa e criteriosa que a metodologia da pesquisa permitiu.

Esta situação desconfortável vivida por estes responsáveis confunde não apenas o pesquisador, mas alimenta os sonhos destes pais de fazerem da escola uma extensão do lar e, quanto a estes profissionais, de fazerem valer suas ordens, tais quais afirmados pelos cuidadores. Em consequência, nasce a dupla súplica por auxílio, pois cada qual pede que o outro cuide de seus medos e anseios, diante da circulação das crianças.

Os primeiros anos, fase em que o filho inicia seu contato com a escola, alteram o núcleo, devido à percepção destes pais diante de outras pessoas que participarão dos cuidados, além de causar uma redistribuição orçamentária, devido aos gastos com condução, escola, materiais escolares, tempo e uniformes. A família se reorganiza para inserção da criança em outro ambiente. Esta reorganização familiar, agregada ao conteúdo emotivo, também gera angústia e dúvidas nestes profissionais que recebem toda uma carga destes responsáveis, os quais anseiam que seus cuidados sejam fruto de uma extensão do que eles acreditam ser o melhor, a sua verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se desejou amarrar ao final do documento o percurso do desenvolvimento emocional de todas as crianças, mas refletir e aprofundar mais em pesquisas sobre o novo movimento de sociabilidade do qual as crianças fazem parte.

Percebeu-se uma mentalidade individualista dos participantes, em razão da qual acreditam que são seres únicos. Assim, naturalizam-se diferenças, o que gera uma agressividade no contato, por acreditar que o outro pensa e age apenas em benefício próprio. Sabe-se que a entrada da mulher no mercado de trabalho, os diversos arranjos familiares existentes e as mudanças na sociedade atual implicaram a reconfiguração dos espaços domésticos e sociais. Estes novos esquemas e contextos fizeram surgir instituições e/ou cuidadores diversos, que concorrem em vários âmbitos nos cuidados com as crianças que circulam pelos espaços.

Dentre estas instituições, observam-se as escolas que oferecem meio período ou período integral; microônibus escolares; babás; centros de diversão oferecidos em shoppings e supermercados, que facilitam a circulação dos adultos enquanto os pequenos se divertem; hotéis infantis; playgrounds em lanchonetes; salas de criança em igreja; programas televisivos; jogos infantis de computador, dentre outras novas instituições de organização social que controlam o funcionamento da sociedade e dos indivíduos e refletem no cuidado de crianças.

Cuidar de crianças não é uma tarefa nada fácil, em especial para quem realmente se ocupa e se culpa se algo der errado. É sabido, desde o tempo em que a pesquisadora fora menina, que é de “pequeno que se torce o pepino”, “que uma laranja podre é capaz

de estragar todas as outras”, “diga-me com quem andas que te direi quem és” e até mesmo que “se queres bem feito faça você mesmo”.

Talvez muitos destes pais e responsáveis, assim como o observador, puderam entrar em contato com estes e muitos outros jargões que estruturavam a forma de cuidar e educar crianças, ensinando-as como se comportar, se vestir, falar e se relacionar. Naquela época, se tinha uma segurança maior no entorno, na vizinhança e na escola. Todos almejavam o futuro e, na escola, era praticamente obrigatória a frequência à aula de ensinamentos cristãos. O catolicismo era o poder supremo sobre a sociedade e dava ao pai e ao professor o poder de governar crianças. A sociabilidade parecia ter muito mais em comum, pois se baseava na esperança do bem estar social, em detrimento do individual.

Sabia-se que o salário mínimo não era muito, mas aspirava-se ter o que comer, vestir e o futuro a Deus pertencia. Não se desejava ter inúmeras vestimentas, vários pares de sapatos, um corpo perfeito, além das descobertas tecnológicas e aspirações científicas que tentam prever até qual a doença poderá um bebê desenvolver no futuro.

Há, então, a quebra do poder católico e surgimento de diversas religiões, várias reconfigurações familiares e dificuldade de sentir-se seguro diante de um governo que vive de escândalos e, economicamente, gera instabilidade econômica e social. Nesse contexto, os cuidadores sentem uma impotência maior, devido ao desamparo natural que o ser humano vive desde tenra infância. Este quadro é decorrente dos supostos desastres naturais e impostos pelo egoísmo humano e da agressividade crescente em grandes centros, como ocorre na capital paraense.

Assim, profissionais, tais como psicólogos, terapeutas, professores, recreadores, babás; bem como familiares e instituições, formam uma rede de apoio, de ajuda, para que outros membros da família possam fluir tranquilos, transitar, circular com maior segurança nos segmentos sociais dos quais participam, sem a presença física dos pequenos.

Há, ainda, novas formas de segurança, pautadas na esperança, conforto e felicidade, conforme os ditames religiosos, que confere poder à família. Na concepção católica, religião dominante, e evangélica, a família deve ser nuclear, para servir de base para uma sociedade mais justa, e contrariamente injusta diante das diferenças que se

fazem presentes diante dos conceitos morais impostos. Deus absoluto aceita que os pais devem ser casados perante Cristo e que vivam um para o outro até que a morte os separe.

Os filhos deverão seguir seus passos dentro da evangelização, aceitar Deus acima de todas as diferenças que possam existir entre os colegas de classe ou da rua, a ponto de afastá-los de si se pensarem diferente, na esperança de ter um lugar no Céu. E na terra deverão aceitar o que seus cuidadores dizem sem contestar, pois a obediência é a lei.

Este pensamento, por mais que não pareça, cresce paralelamente e pode ser comparado ao capitalismo, no qual o consumismo não é de roupas e de sapatos, mas de um lugar no céu em busca de felicidade. Na relação das trocas, Deus da provisão retribuirá para seus filhos o que eles plantarem. Os cristãos, então, compram idéias além do que precisam, sem consciência do mal que possam causar ao impor tantas regras. A alienação resultante faz com que se multipliquem os atos supérfluos de imposição de moral que degradam as relações sociais ao discriminar os indivíduos que diferem. Assim, de um lado, o poder supremo da ciência e, de outro, o poder de Deus. Em ambos os casos, os que diferem são vistos de forma estranha à realidade vivida.

Não se nega sinceramente a importância dos pais sobre o desenvolvimento dos filhos e o caráter subjetivo que permeia o cuidar, quando os pais relembram seus próprios momentos enquanto crianças. E nem se pretendeu avaliar a forma como estes responsáveis agiam diante do medo vivido no cotidiano, subjetiva e objetivamente. Mas é fato que, durante a circulação de crianças, ela passa por uma construção social que se projeta na realidade emocional.

Então, a realidade percebida para estes participantes tem como pano de fundo o medo do visível e do invisível. Estes cuidadores acreditam que a única alternativa é impedir que as crianças circulem para além de suas barreiras. Os responsáveis buscam relações que não necessariamente se originem no vínculo de parentesco e consanguinidade, mas que comunguem pela troca dos mesmos preceitos morais, o que deixa estas os pequenos apáticos diante de possibilidades.

Estes participantes acreditam que o desenvolvimento emocional no contexto de circulação de crianças está pautado, inconscientemente, na interdição da ampliação das

redes sociais, para que o filho não trilhe por outro caminho. Como não conseguem viver sem relações, buscam grupos com características mais fixas e ligações fortes. As entrevistas mostraram que isso pode ser constatado nos responsáveis integrantes da instituição familiar, no professor, e em outros cuidadores que circularam com as crianças no momento da observação.

Hoje, por mais que estes pais tentem viver em grupos, no momento em que abrem suas portas e deixam outro sujeito, como o empregado doméstico, entrar em seu lar, ligar a televisão e colocar em um programa, ou ainda quando deixam suas crianças acessar a internet mesmo sob seu olhar, há atuação de diversos ambientes e contextos de cuidados pelos quais os pequenos sujeitos passam ao longo do seu dia. E como estes infantis sabem das interdições que seus cuidadores possuem, sentem culpa por desejarem o contrário, em razão do ambiente social do qual participam.

Assim, a dinâmica familiar atual não se dissocia da realidade de circulação de crianças e esta é uma mobilização em relação aos cuidados, orientação e socialização delas. A perspectiva psicodinâmica adotada compreende que este contexto é um dos caminhos possíveis para compreensão do desenvolvimento emocional na atualidade, tendo em vista que a sociabilidade ocorre para além da escola e do ambiente doméstico, mas nos espaços públicos e privados de brincadeira, nas atividades extraclasses, no trânsito, na TV, no computador e etc.

Locais estes em que se pode perceber a presença de vários cuidadores, em múltiplos contextos, no dia a dia da criança. Assim, a circulação é fato e ocorre na atualidade, porque aquele ambiente de cuidado, que era ou é tão comum no imaginário das pessoas (a família nuclear com seu desenvolvimento harmônico), não existe mais, se é que algum dia existiu enquanto entidade fixa.

Diante destas novas configurações, sociais e individuais, é que se faz necessário compreender as particularidades que fazem com que estas crianças tenham dificuldade de aceitar seus semelhantes e outros ambientes que não comunguem das mesmas ideologias, pois está havendo uma naturalização das diferenças o que gera agressividade no contato.

Esta mudança então, presente cada vez mais cedo na vida das crianças, chama atenção da psicologia para os impactos sociais que causa nesta etapa de

desenvolvimento emocional. Isso porque, nesta fase, as adversidades teriam efeitos emocionais mais prejudiciais do que em outras etapas.

Concluiu-se que a realidade emocional da criança que circula é totalmente diferente do que se tem descrito na maioria das pesquisas que versam sobre o desenvolvimento emocional de crianças. É também diferente da realidade ainda existente sobre a família nuclear totalmente estável.

Nesta pesquisa, foi alcançado o objetivo que visou compreender a forma como cuidadores, pais e/ou responsáveis, compreendem o desenvolvimento emocional no contexto de circulação de crianças. Diante disto, percebeu-se que o desenvolvimento dos sujeitos está pautado no valor moral que estes responsáveis possuem. E isso interfere diretamente na forma como permitem a circulação, com maior ou menor possibilidade, dentro ou fora de casa.

Os resultados analisados, a partir das peculiaridades dos participantes, apontam que os estudiosos e profissionais devem buscar junto aos cuidadores formas mais suaves e menos tensas de lidar com tantas diferenças sem sofrerem tanto por antecipação de fatos. A visão dos responsáveis foi imprescindível para futuras pesquisas, dado o aumento considerável na procura por serviços de saúde nesta faixa etária. Enfim, o conceito de circulação deve ser inserido enquanto objeto de pesquisa da psicologia do desenvolvimento humano, visto que amplia a visão sobre o modo como atualmente as crianças se socializam e se desenvolvem emocionalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Net**, Campinas v. 28, n.º. 100, out. 2007. Educ. Soc. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 25 maio 2010.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

BACARJI, K. M. G. D.; MARTURANO, E. M.; ELIAS, L. C. S. Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. **Net**. Maringá, v. 10, n.º. 1, abr. 2005 Psicol. estud. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 25 março 2010.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 8.º. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2009.

BERNARDINO, L. M. F.; KUPFER, M. C. M. A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos de “pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil”. In: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, vol. VIII, n.º. 3, p. 661-680, 2008.

BICALHO, C., LACERDA, M., CATAFESTA, F. Refletindo sobre quem é o cuidador familiar. **Net**. América do Norte, v. 13, ago. 2008. **Cogitare Enfermagem**. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php>>. Acesso em: 25 Maio 2010.

BOTT, E. **Família e rede social**. 2.º. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOUVIER, S. M. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. In: **Educ. Soc.**, v. 26, n.º. 91, p.391-403, 2005.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. 3.º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CAVALCANTE, L. I. C. **Ecologia do cuidado: interações entre a criança, o ambiente, os adultos e seus pares em instituição de abrigo**. 2007. 230f. Projeto de Dissertação (Doutorado em Psicologia)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém. 2008.

CAVALCANTE, L. I. C.; MAGALHAES, C. M. C.; PONTES, F. A. R. Processos de saúde e doença entre crianças institucionalizadas: uma visão ecológica. **Net**. Rio de

Janeiro, v. 14, n.º 2, abr. 2009. Ciênc. saúde coletiva. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 25 março 2010.

CARTILHA DIVERSIDADE RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS, Secretaria de direitos humanos da presidência da república, 2010.

CARTER, B.; MC GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2.º ed. Porto Alegre : Artmed, 2008.

CHECCHINATO, D. Psicanálise dos pais. In: **Pulsional Revista de Psicanálise**, n.ºs. 152-153, p.42-69, 2001/2002.

COSTA. L. A. F.; PEREIRA, A. M. Expressão de tristeza em camada popular urbana de Salvador, Bahia, Brasil. In: **Cad. Saúde Públ.**, v. 11, n.ºs. 3, p.448-455, 1995.

EIZIRICK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2.º ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FALCETO, O. G.; WALDEMAR J. O. C. O ciclo vital da família. In: EIZIRIK C. L., KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, M. A. S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2.º ed., cap. 4, p.49-72, Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Net**. Porto Alegre, v. 15, n.º 1, 2002. **Psicol. Reflex. Crit.** Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 23 março 2010.

FERRIOLLI, S. H. T.; MARTURANO, E. M.; PUNTEL, L. P. Contexto familiar e problemas de saúde mental no Programa de Saúde da Família. In: **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n.ºs. 2, p.48-56, 2007.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2009.

FILHO, A. J. M. Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche. **Net**. Campinas, v. 19, n.º 1, abr. 2008. Pro-Posições. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 25 março 2010.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.º ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

_____. **Qualidade**: na pesquisa qualitativa. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

FONSECA, C. L. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Mãe é Uma Só?: Reflexões em Torno de Alguns Casos Brasileiros. **Psicol. USP**, São Paulo, v.13, n.2, 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642002000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 ago. 2011.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2º ed. Brasília: Liber Livro Editora Ltda., 2007.

FREUD, S. (1974). Totem e tabu. In S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**(Vol.13, p.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).

_____. (1986) O futuro de uma ilusão. In:_____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 21, p.13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).

FOX, R. **Parentesco e casamento: uma perspectiva antropológica**. Lisboa: Coleção Veja Universidade, 1996.

HALPERN, R.; FIGUEIRAS, A. C. M.. Influências ambientais na saúde mental da criança. **Net**. Porto Alegre, v. 80, nº. 2, abr. 2004. *Pediatr*. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 25 maio 2010.

HIRANO, S; NISHIOKA, K. et al. Dysfunctional parenting a risk factor to lifetime depression in a sample of employed Japanese adults: evidence for the ‘affectionless control’ hypothesis. **Net**.28 (3), Japão, 1998.*Psychol Med*. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3315781/>>. Acesso em: 28 Jun. 2012.

HOYOS, G. ; MAGNOLIA, D. Educar para el Cuidado Materno Perinatal: Una propuesta para reflexionar. **Net**. Argentina, 18, sept. 2006. *Haciapromoc. Salud* Disponível em: <http://promocionsalud.ucaldas.edu.co/downloads/Revista%2011_9.pdf>. Acesso em: 25 Mai. 2010.

IGREJA, D. G. L.; MOTTA-MAUES, M. A. “Criar”, “cuidar”, “sustentar”: conhecendo famílias em Belém (“circulação de crianças” e socialização entre camadas populares e médias). In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 27, Belém. Anais. Belém: UFPA, 2010. p. 132, 2010.

LEITÃO, G. C. M.; ALMEIDA, D. T. **O cuidador e sua qualidade de vida**. In: *Acta Paul Enf.*, v. 13, nº. 1, p.80-86, 2000.

LUCKMANN, T; BERGER, P. L. **A construção social da realidade**. 32 º. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MACEDO, K. B. O desamparo do indivíduo na modernidade. In: **Rev. ECO**, v. 2, nº. 2, 2012.

MAHLER, M. **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. 17 ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MALUF, M. I. **Crianças de Cristal**. In: *Psique Ciência & Vida*, n 78, p. 54- 63, 2012.

MAUÉS, M. A. M. Na “casa da mãe” na “casa do pai”: anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da circulação de crianças. **Revista de Antropologia**. Belém: UFPA. 2004.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. v. I e II, São Paulo: edusp, 1974.

_____. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora perspectiva, 2001.

_____. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MELLO, A. A. F. de et al . Update on stress and depression: the role of the hypothalamic-pituitary-adrenal (HPA). **Net**. São Paulo, v. 25, n. 4, Oct. 2003 Rev. Bras.Psiquiatr. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Jun. 2012.

MELLO, Débora F. de et al . Genograma e ecomapa: possibilidades de utilização na estratégia de saúde da família. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 15, n.1, abr. 2005. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 ago. 2012.

MELLO, M. F. et al. Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. **Net**. São Paulo, 2012. Rev. Bras. Psiquiatr. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462009000600002>>. Acesso em: 28 Jun. 2012.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. 29^o ed. Petrópolis: Editoravozes, 2010.

NARITA, K. **Mom and dad, stop stifling me – it's damaging my brain** In: *Jornal: Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry*, 2012.

NEILL, A. S. **Liberdade sem medo**: Sumerhill (radical transformação na teoria e na prática da educação). 16^o ed. São Paulo: Ibrasa, 1976.

OLIVEIRA, C. M.; MARIOTTO, R. M. M. Dois casos e uma questão: qual é o lugar do cuidador na subjetivação da criança? **Net**. São Paulo, v. 13, n^o. 24, jun. 2008. *Estilos clín.* Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acesso em: 25 maio 2010.

POMBO-DE-BARROS, C. F.; ARRUDA, A. M. S. Afetos e representações sociais: contribuições de um diálogo transdisciplinar. **Net**. Brasília, v. 26, n^o. 2, jun.

2010.Psic.: Teor. e Pesq. Disponível em<<http://www.scielo.br/scielo.php>>.Acesso em: 25 março 2011.

PORTUGAL, S.As coisas, os modos e os laços: o papel das redes informais na provisão de recursos.**Net**. Coimbra,12 – 15, mai. 2004. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Famílias.Disponível em<http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/.pdf>. Acesso em: 25 maio 2010.

SANTOS, M. A. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.12, n.º.3, p. 603-625, Porto Alegre, 1999.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Net**. Maringá, v. 10, n.º. 2, ago. 2005. *Psicol. estud.* Disponível em<<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 25 maio 2010.

SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SERRA, M. M. P. Algumas considerações sobre a circulação de crianças e sua distribuição por regiões. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v 20, n.º. 2, p. 229-239, 2003.

SILVA, J. R. S; ASSIS, M. B. Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínico-qualitativa em pesquisa nos distúrbios do desenvolvimento. In:**Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v.10, n.º.1, p.146-152, São Paulo, 2010.

SMARTDRAW. Ecomapa. **Net**. 2012.

SPINK, M, J; Spink, P. **Práticas cotidianas e naturalização da desigualdade**: uma semana de notícias nos jornais. São Paulo: Cortez, 2006.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STERN, N, S. **A constelação da maternidade**: o panorama da psicoterapia pais bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humana. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Da pediatria à psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Privação e delinqüência.** 3^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WOORTMANN, K. **A família das mulheres.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3^o ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZEFERINO, R. Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia Freudiana. v. 26. n^o 86. p. 331-346. **In:Revista de Filosofia**, 1999.

ZORNIG, S. M. A. Transmissão psíquica: uma via de mão dupla? In: CARNEIRO, T. F. (org.). **Casal e Família: Permanências e Rupturas.** p. 25-37. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ANEXO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 190/11 CEP-ICS/UFPA

Belém, 17 de novembro de 2011.

Profª. Lesly Guimarães Vicenzi de Oliveira

Senhora Pesquisadora,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa "CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DE CUIDADORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL" CAEE 0143.0.073.000-11 e parecer nº154/11 CEP-ICS/UFPA foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano CEP-ICS/UFPA, do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará na reunião do dia 09 de novembro de 2011.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 30 de abril de 2012, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Wallace Raimundo Araújo dos Santos.
Coordenador do CEP-ICS/UFPA

Recebido em 15

APÊNDICES

Apêndice A

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Baseado na resolução Nº. 196 de 10/10/1996 do Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua, e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará (endereço Av. Perimetral, s.n., bairro Guamá CEP 66075-650).

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Esta pesquisa está sendo realizada pela pesquisadora e aluna de Mestrado em Psicologia Clínica e Social (UFPA) Lesly Guimarães Vicenzi de Oliveira, sob orientação do Professor Adjunto, do Curso de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso, e tem como objetivo compreender a forma como cuidadores pais e/ou responsáveis compreendem o desenvolvimento emocional no contexto de circulação de crianças. Tal estudo prevê a participação do professor do primeiro e segundo ano do fundamental, uma dupla de pais e/ou responsáveis por cinco crianças matriculadas, além das cinco crianças. A coleta de dados envolve a realização de entrevistas com os cuidadores, uma entrevista em grupo, e observação de um dia inteiro da criança. A qualquer momento poderão ser solicitadas informações sobre procedimentos ou outros assuntos relacionados ao estudo pelos participantes na pesquisa. Todo o material coletado nesta pesquisa ficará sob a guarda da pesquisadora responsável durante o período de análise e após será destruído. Dados individuais sobre os participantes da pesquisa não serão informados às instituições envolvidas e nem aos familiares.

Em nenhuma hipótese serão divulgados dados que permitam a sua identificação, guardando assim o absoluto **sigilo das informações pessoais tanto dos professores quanto dos pais e ou responsáveis bem como das crianças**. Queremos também deixar claro que **sua participação é de seu livre-arbítrio, não havendo pagamento** pela mesma, podendo se **recusar a responder quaisquer perguntas** das entrevistas. Após a conclusão da coleta de dados, os mesmos serão analisados e será elaborado um trabalho pela autora da pesquisa, o qual será divulgado apenas no meio acadêmico e científico.

Pesquisador (a) Responsável:

Lesly Guimarães Vicenzi de Oliveira

CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO:

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com as informações necessárias, assim como autorizo a participação da criança sob minha responsabilidade.

NOME: _____

Autorizo a criança: _____ a participar da pesquisa.

Belém, ____/____/____. RG: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Apêndice B

CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DE CUIDADORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

(Cuidador Pai e/ou responsável)

Entrevista N. Gravada em MP3.

Local:

Cidade e data:

Início: h. Término: h.

Duração em minutos:

Entrevistador:

Parte 1- Dados pessoais e perguntas semi dirigidas sobre a criança.

- 1) Nome Completo da criança:
- 2) Sexo:
- 3) Data de nascimento:
- 4) Naturalidade:
- 5) Atividade de lazer:
- 6) Como é a rotina da criança?
- 7) Como são os cuidados com a criança?

Parte 2- Dados pessoais com algumas questões abertas de identificação do cuidador entrevistado.

- 1) Nome Completo:
- 2) Endereço:
- 3) Sexo:

- 4) Idade:
- 5) Naturalidade:
- 6) Grau de Escolaridade:
- 7) Estado Civil (Situação Conjugal):
- 8) Com quem mora?
- 9) Situação Econômica (renda pessoal e familiar):
 - A) R\$ 0,00- R\$ 705,00.
 - B) R\$ 705,00- R\$ 1.126,00.
 - C) R\$ 1.126,00- R\$ 4.854,00.
 - D) R\$ 4.854,00- R\$ 6.329,00.
 - E) Acima de R\$ 6.329,00.
- 10) Qual a sua formação? Em que profissão atua? Há quanto tempo?
- 11) Atividade de lazer:
- 12) Tem religião? Qual? Há quanto tempo? Frequência?

Parte 3- Dados da entrevista semidirigida de questões abertas sobre o cuidador e a criança.

- 13) Como é a rotina da criança aos seus cuidados?
- 14) Como você se sente como cuidador?
- 15) Que lugares e/ou pessoas você acredita que possa cuidar da criança?
- 16) Como você compreende o desenvolvimento emocional da criança que você cuida?
- 17) O que significa a palavra família para você?

Apêndice C

CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DE CUIDADORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Grupo Focal N.

Gravada em MP3.

Local:

Cidade e data :

Início: h.

Término: h.

Duração em minutos:

Facilitador:

Pesquisador participante:

Participantes:

Pergunta Disparadora:

O que significa para vocês cuidado e desenvolvimento?

Como vocês percebem os lugares de desenvolvimento infantil?

Que sentido tem para vocês desenvolvimento emocional saudável?

Apêndice D

CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DE CUIDADORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

(Cuidador Professor)

Entrevista N. Gravada em MP3.

Local:

Cidade e data:

Início: h. Término: h.

Duração em minutos:

Entrevistador:

Parte 1-Dados pessoais com algumas questões abertas de identificação do cuidador entrevistado.

1) Nome Completo:

2) Endereço:

3) Sexo:

4) Idade:

5) Naturalidade:

6) Grau de Escolaridade:

7) Estado Civil (Situação Conjugal):

8) Com quem mora:

9) Situação Econômica (renda pessoal e familiar)

A) R\$ 0,00- R\$ 705,00.

B) R\$ 705,00- R\$ 1.126,00.

F) R\$ 1.126,00- R\$ 4.854,00.

C) R\$ 4.854,00- R\$ 6.329,00.

D) Acima de R\$ 6.329,00.

10) Qual a sua formação? Em que profissão atua? Há quanto tempo?

11) Atividade de lazer:

12) Tem religião? Qual? Há quanto tempo? Frequência?

Parte 2- Dados da entrevista semidirigida de questões abertas sobre o cuidador e crianças.

1) Como é a rotina das crianças aos seus cuidados?

2) Como você se sente como cuidador?

3) Que lugares e/ou pessoas você acredita que possa cuidar de crianças?

4) Como você compreende o desenvolvimento emocional das crianças que você cuida?

O que significa a palavra família para você?

Apêndice E

CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DE CUIDADORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

Circulação de criança e o desenvolvimento emocional (categoria molar)	
<p>Autores de base: Fonseca (1995) circulação é “toda transação pela qual a responsabilidade de uma criança é transferida de um adulto para outro.”</p> <p>Igreja e Maués (2010) a circulação é encontrada em todas as classes sociais de forma intermitente e dinâmica.</p> <p>Both (1976): a rede social do sujeito interfere nos relacionamentos do casal e modifica as formas como conduzem as atividades domésticas e interdomésticas.</p> <p>Winnicott (1990/1975): Relação ambiente/cuidados pressupõe o desenvolvimento emocional.</p> <p>Mauss (2001): A educação das crianças é repleta de detalhes, que muitas vezes não são observados, adestram-se crianças.</p>	
Pâmela	<p>Notas da observação (Susie e Pâmela): Ao chegar na casa, percebo uma bagunça... coisas espalhadas e as meninas de calcinha no sofá chupando mamadeira, vendo DVD, com uma fralda na mão... Prontamente me mostraram seus objetos.</p> <p>Notas da observação (Susie e Pâmela):”... ao acabar a aula quem aguarda as meninas é a doméstica que nos conduz até a residência a pé...”</p> <p>Notas da observação (Susie e Pâmela): Choram e reclamam da prova. Questionam que não estudaram.</p>
Susie	<p>Notas da observação (Susie e Pâmela): Ao chegar na casa, percebo uma bagunça... coisas espalhadas e as meninas de calcinha no sofá, vendo DVD, chupando mamadeira com uma fralda na mão... Prontamente me mostraram seus objetos.</p> <p>Notas da observação (Susie e Pâmela): Choram e reclamam da prova. Questionam que não estudaram. Durante todas as observações era a que mais chorava em sala seguido por sua irmã.</p>
Carlos	<p>Notas da entrevista (avó D. Jô): “os pais não eram perto... eu fiquei com ele do 0 aos 3 anos... pai trabalhava na padaria...Ela na farmácia...tenho pena... não tinha amor de pai...ficava olhando...(olha para o horizonte)...eu brigo, só porque criei. Hoje eles olham, mas eu cuidei...(suspiros)...mas como fico com ele, sabe, né? Moramos juntos...”</p> <p>Notas da observação (Carlos): O menino em sala sempre quando deseja falar algo emite um som baixo, em fila na cantina todos passam a sua frente e se a professora exige que fiquem quietos, ele é praticamente o primeiro a obedecer. Se posta sempre com ombros caídos, rosto pálido e voz suave.</p>
Nilson	<p>Notas da observação (Nilson): A mãe se aproxima e diz para a pesquisadora: Olhe! Com rosto decepcionado mostra o boneco que o menino tem nas mãos que possui um pedaço de pano na cabeça que simboliza o cabelo comprido.</p> <p>Notas da observação (Nilson): A mãe ao final da pesquisa pergunta se está tudo bem? Respondo que terá acesso aos resultados, mas pergunto se percebe algo diferente no caminhar da criança? Ela mostra uma espécie de cinta que envolve as pernas da criança para evitar a rotação da bacia ao se movimentar...</p>
Carla	<p>Notas da entrevista (irmã Fátima): “...não deixo andar na vila. Você vai vê tem um monte de menino...sei lá! ...”</p> <p>Notas da observação (prima): Enquanto observava uma moça se aproxima e pergunta: Você é a professora? Sinalizo que não. Ela olha a menina que brinca com terra e diz: não pode! Sua mãe não gosta. Pergunto: Você cuida dela. Responde: Sim, sempre que a tia precisa sair, toda semana fico com ela, mas não aqui fora... tia não gosta. Tem menino demais.</p> <p>Notas da entrevista (irmã-Fátima): ...acho ridículo...minha mãe deixa ela dormir na cama, ainda usa fralda... já falei...mas ela tem pena.</p> <p>Notas da observação (Carla): A criança chora muito, a professora se aproxima e diz: “ela não quer fazer a prova!”... Observo a coordenadora ao conversar na porta com a professora: “Não, ela tem que fazer até porque tem essa moça aí!” (refere-se a pesquisadora).</p>

Grupo	<p>Notas da entrevista (Prof Katia):... sei que são diferentes, mas não entendo? Dô amor pra todos! Tô aqui pra aprender se quiser me fale, poderei aprender... são como filhos para mim... eles tem a idade de...</p> <p>Notas da observação (Prof Katia): Não sei tudo sobre comportamento, mas quero te perguntar uma coisa depois...</p> <p>Notas da observação (Prof Katia):A Lana(filha) não faz estas coisas...</p> <p>Notas da observação (Prof Katia): “...A Lana enviou este presente... um livro! Para você que se comportou...e você...”</p> <p>Notas da observação (Prof Katia): ...Eva comeu o quê crianças?...</p> <p>Notas da observação (Prof Katia):Não pode ir ao banheiro agora, intervalo dos mais velhos! A criança insiste. Tá!!! Rápido!! (enfarrusca a cara).</p> <p>Anotações do diário de campo: Ao observar a redondeza percebe-se o quanto as pessoas andam apreensivas pelo bairro, em duas esquinas percebo movimento de drogas e um cheiro forte de “pasta” ou “merla”. Mistura de pasta de cocaína e sei lá mais o quê...</p> <p>Anotações do diário de campo: me pergunto porque Nilson, Carla e a neta da professora sempre ficam rabiscando, a professora nunca passa tarefa e quando tenta, desiste e os deixa de lado com pinturas. Sei que ela disse que a neta da diretora é mais nova, mas e os outros? Melhor não ser invasiva, mas...me incomoda!</p> <p>Notas da entrevista (prof Katia): “...quero que ela seja uma grande mulher!” (refere-se a filha). Quando pergunto o que é ser uma grande mulher? “Admirada pela sociedade!” “...uma médica...advogada!...”</p>
-------	---

Circulação de criança e o desenvolvimento emocional (categoria molar)		
	A criança e sua família (categoria molecular)	A criança e sua rede (categoria molecular)
	<p>Autores de base: Woortmann (1987) relata que o parentesco depende da realidade estudada. Carter e McGoldrick (2008) acreditam que a família compreende o sistema emocional de três a quatro gerações.</p>	<p>Autores de base: Mauss (2008): Fato social total. Hirano e Nishiaoka (1998): estressores precoces podem gerar doenças físicas ou psiquiátricas na vida adulta.</p>
Pâmela	<p>Notas da entrevista (mãe das gêmeas): “...quando saio as crianças são bem cuidadas...” (referindo-se aos cuidados da doméstica, prima e tia).</p> <p>Notas da observação (Pâmela): Ao ir até a residência atrás da menina que não havia ido a aula e havia informado o dia que iria observar “Sabe NÉ!... minha mãe é preguiçosinha...meu pai não tá... ela não levou a gente... vou tirar nota baixa... depois ela briga...”</p>	<p>Notas da observação (Pâmela e Susie): Ao chegarem em casa correm para o computador, a doméstica reclama e diz que devem se trocar, lavar as mãos para almoçar... resmungam... “essas meninas só querem isso aí...” olha para a pesquisadora e diz: “depois do almoço...” A tia chega e diz: “meninas olha o que tenho...” mostra o DVD do filme Wall-E. “vamos ver...” as meninas ficam à tarde praticamente toda vendo vários DVDs e jogos de computador... Quando vão se pendurar numa corda amarrada no teto com pneu a doméstica diz: “...vai cair...” o pai fica feliz ... a menina diz: “...minha mãe não gosta...” sai da casa...o pai limpa o carro lá fora diz: “...entra...” chama a pesquisadora e explica como foi o assalto em frente a casa... As crianças correm para dentro da</p>

Circulação de criança e o desenvolvimento emocional (categoria molar)		
	A criança e sua família (categoria molecular)	A criança e sua rede (categoria molecular)
	<p>Autores de base: Woortmann (1987) relata que o parentesco depende da realidade estudada. Carter e McGoldrick (2008) acreditam que a família compreende o sistema emocional de três a quatro gerações.</p>	<p>Autores de base: Mauss (2008): Fato social total. Hirano e Nishiaoka (1998): estressores precoces podem gerar doenças físicas ou psiquiátricas na vida adulta.</p>
		<p>casa e a mãe “olhe!!!” “...não é para correr...ai...ai...a criança pega uma caneta e uma cartolina desenhada... a mãe diz: “não pinta, vou terminar” a criança diz para a pesquisadora: vou apresentar na semana da escola, mas minha mãe que faz...</p>
Susie	<p>Notas da entrevista (mãe das gêmeas): “...quando saio as crianças são bem cuidadas...” (referindo-se aos cuidados da doméstica, prima e tia).</p>	<p>Notas da entrevista (Pâmela e Susie): “...as vezes tem um primo delas que vai lá em casa...ai...af que inventam brincadeiras...” (olhar de desaprovação). Notas da observação (Susie e Pâmela): Percebo o que o pai havia me dito sobre as brincadeiras com a neta da vizinha por entre as grades, elas trocam dois minutos de palavras por entre as grades, leves toques nos braços... sinto como se quisessem que aquela grade não existisse para ampliar o contato.</p>
Carlos	<p>Notas da entrevista (avó de Carlos): “...a família dele são os pais, mas tenho proximidade com meus irmãos e primos, e moram aqui ...” Notas da entrevista (mãe de Carlos): “a família eu, meu marido, minha mãe e ele... ah! Minha irmã e eu somos muito juntas...” Fazemos a mesma universidade.</p>	<p>Notas da entrevista (avó de Carlos): Prefiro que ele brinque em casa... “se deixar fica o dia todo...” Notas da entrevista (avó de Carlos): “...quando precisamos nos ajudamos um ao outro...” Ao responder a pergunta sobre relacionamento com familiares.</p>
Nilson	<p>Notas da entrevista (mãe de Nilson): “...não nos vemos quase, mas se precisar posso pedir... eles são diferentes da família dele” Ao responder sobre o relacionamento com a família de origem em relação a família do marido. Conclui: “...quando precisei eles me deram as costas, só somos nós mesmo no dia a dia...” “...ela queria que abortasse...” Notas da entrevista (mãe de Nilson): “...quem cuida sô mais</p>	<p>Anotações do diário de campo (mãe de Nilson): “...ele viu ali...oh!...o cara foi atirado em frente aquela igreja...não gosto que olhe pela janela...ah” (seu semblante entristece). “...olha aqui é ruim...pequeno...abafado..., mas não quero ele com estas pessoas...” Notas da entrevista (mãe de Nilson): “...não gosto que ele desça, aquela mulher (sogra) fecha a porta e a janela para não</p>

Circulação de criança e o desenvolvimento emocional (categoria molar)		
	A criança e sua família (categoria molecular)	A criança e sua rede (categoria molecular)
	<p>Autores de base: Woortmann (1987) relata que o parentesco depende da realidade estudada. Carter e McGoldrick (2008) acreditam que a família compreende o sistema emocional de três a quatro gerações.</p>	<p>Autores de base: Mauss (2008): Fato social total. Hirano e Nishiaoka (1998): estressores precoces podem gerar doenças físicas ou psiquiátricas na vida adulta.</p>
	<p>eu, meu marido...pouco...é eu!” Notas da observação: A mãe necessitou sair e deixou a criança na casa com a pesquisadora, mas avisou a avó que ela ia sair e que as crianças estavam, após um tempo avó sobe e...” Notas da entrevista (pai): “...quando ela trabalhava era diferente...” Observa-se o quão pouco este pai sabe sobre a criança no quesito cuidado, a única coisa que frisou foi sua preocupação com as brincadeiras e o jeito emotivo do menino. Notas da entrevista (mãe): “...estou cansada não era assim...” “...ele ajuda pega as crianças...” Notas da observação: Ao chegar na casa, pequena, apenas uma cozinha com aproximadamente 3 metros quadrados e uma sala de 17 metros mais ou menos disposta com mesa para 6 lugares, mas encostada na parede, uma cama de casal e solteiro, uma TV pequena... ela me recebeu super bem...disse: “...hoje ele acordou super cedo limpou o táxi e a casa para mim, fez compra ontem de noite e fez o almoço... olhou-me orgulhosa” “Ao ver a criança em frente, literalmente a dois palmos da TV, a mãe diz: “sai da frente...Ah!...” “...não gosto que ele fique lá embaixo tem essa...b...b...bruxa...” (referindo-se a sua diferença com a sogra).</p>	<p>falar com ele...”</p>
Carla	<p>Notas da observação (Carla): A mãe vai tomar banho e aparece uma tia que olha a criança... e sinaliza que ela não pode ficar andando de um lado para o outro na vila.</p>	<p>Notas da entrevista (mãe de Carla): “Não quero ela na rua, tem só menino...olha esse aí...nem sei quem é!...observo o menino que passa pela lateral da vila para a casa do fundo.</p>
Grupo	<p>Notas da entrevista e observação (prof. Katia): Sobre a pergunta sobre seus sentimentos em relação a ser cuidadora, deixa claro que o</p>	<p>Notas da observação do grupo focal (Sr Souza):“(...) hoje parece que existe duas referências... só existe o... ‘deixa a vida me levar, vida leva eu...’O</p>

Circulação de criança e o desenvolvimento emocional (categoria molar)		
	A criança e sua família (categoria molecular)	A criança e sua rede (categoria molecular)
	<p>Autores de base: Woortmann (1987) relata que o parentesco depende da realidade estudada. Carter e McGoldrick (2008) acreditam que a família compreende o sistema emocional de três a quatro gerações.</p>	<p>Autores de base: Mauss (2008): Fato social total. Hirano e Nishiaoka (1998): estressores precoces podem gerar doenças físicas ou psiquiátricas na vida adulta.</p>
	<p>vínculo é tão forte que chamou um “aluno de filho uma vez...” “...todos da sala precisam de carinho...”</p> <p>Anotações do diário de campo: Desde o primeiro dia me intrigava observar bem em frente a sala da diretora uma porta com grade, pintada de outra cor. Parecia uma casa dentro da escola. Hoje descobri que era realmente a casa da fundadora. Heheheh Interessante foi quando da sala de leitura avistei junto com os alunos as roupas estendidas no varal e o cheiro de comida. Penso que ali é mais que uma escola, é uma extensão da família!</p> <p>Anotações do diário de campo: “Já haviam me dito que era perigoso este bairro, mas senti-me estranha quando descii do táxi e tive que caminhar e me abordaram perguntando para onde iria...” “...o táxi ligou minutos antes para confirmar se não era trote...”</p> <p>Entrevista (prof Katia): “...quando não sou eu que olho é ele...” referindo-se aos cuidados em casa com a criança.</p>	<p>grupo concorda e Fátima (irmã de Carla) diz: “...na minha época era diferente... queria algo... agora ela parece que não quer nada...” (referindo-se a irmã).</p> <p>Anotações do diário de campo: Em frente a sala de aula conversei com a professora quando ela me surpreende dizendo “...não tem um ano que trabalho aqui... a diretora me convidou...ela é lá da igreja...” “...acho que sim, não sei se são todas da igreja... acho que sim, mas tem que usar os DVDs em sala...” “...é a primeira coisa que minha filha falou foi Jesus!...”</p>

Apêndice F

CIRCULAÇÃO DE CRIANÇAS: O OLHAR DE CUIDADORES SOBRE O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

O olhar do cuidador e os modos de cuidados (categoria molar)	
<p>Autores de base: Hoyos (2006) descreve que a forma de cuidar é passada através das gerações, nas trocas de experiências e percepções.</p> <p>Mauss (2001) o uso rigoroso do corpo fabrica máscaras sociais.</p>	
Pâmela	Notas da entrevista: O pai das gêmeas declara que suas ideias em relação a cuidar de crianças estão baseadas em valores, ensinamentos e princípios cristãos.
Susie	Notas da entrevista (pai das gêmeas): "...converso sempre com ele, porque lá na frente ele vai sentir.. falo com elas também...mostro" (ao relatar sua dificuldade com o filho adolescente).
Carlos	Notas da entrevista (avó de Carlos): "Fui curada de um câncer... cuidava dele na época...me ajudou também..." (ao relacionar a cura com a igreja e o neto).
Nilson	Notas da entrevista (mãe de Nilson): "...“formação moral e o caráter são importantes na educação dos filhos...” Notas da entrevista (mãe de Nilson): Quando deu umas seis horas da tarde a mãe chama os meninos e diz: "vamos orar!"
Carla	Notas da entrevista (mãe de Carla): "...ela vai para a igreja as vezes...uma evangélica aí... acho bom... tem que ir... senão fica igual a esses aí na rua..."
Grupo	Notas do grupo focal: A mãe de Carla fala: "às vezes as crianças sabem mais do que nós!" Notas da entrevista (Prof Katia): Professora Kátia relata que sua filha não brinca com vizinhos, mas o menino que mora ao lado brinca com ela em seu pátio, vez ou outra (notas da entrevista). Notas do grupo focal: Pai das gêmeas. "...não gosto que elas brinquem na rua, tem outra educação, viche!!! Sei porque vim da rua, já vi muitas coisas..." Notas do grupo focal: Pai das gêmeas. "...não gosto que elas brinquem na rua, tem outra educação, viche!!! Sei porque vim da rua, já vi muitas coisas...você sabe a minha história" Notas da observação: Todos os dias antes de começarem a aula oram.

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular) Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida. Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades. Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido	As diversas formas do cuidado (categoria molecular) Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes. Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.	A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular) Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.
Pâmela	Notas da observação (Pâmela): "...professora a senhora não ouviu nada que	Notas da observação (doméstica): A doméstica fala para a pesquisadora o quanto	Notas da entrevista (mãe de Pâmela e Susie): Relata que há crianças que

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida.</p> <p>Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades.</p> <p>Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes.</p> <p>Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>falo...”</p> <p>Notas da observação (Pâmela): Minha mãe é “preguiçosinha” ao ver a mãe acordar as 10 da manhã aproximadamente.</p> <p>Notas da observação (Pâmela): Ouço a crianças “Não! Não conta para mamãe!” após fazer um barulho com a boca.</p> <p>Notas da observação (Pâmela): Ouço um diálogo entre Pâmela e a doméstica: “Queria que tivesse câmera para o teu pai ver o que vocês fazem!” A menina responde: “Eu iria gostar”. A pesquisadora pergunta: “O que ele faria se visse?”. A criança responde: “Ele ia brigar, eu gosto que ele brigue!”</p> <p>Notas da entrevista (pai): “Eu brinco mais, eu brigo mais, ela sente dor... tento passar os princípios” (fala sobre os cuidados e diferenças entre ele e a esposa).</p> <p>Notas da observação (Pâmela): Pergunto se elas sempre tomam banho sozinhas ela responde que sabe “se virar só...se esquecer o bebê...pode crescer e se acostumar no mundo”</p>	<p>sente quando não dorme na casa, pois as crianças faltam aula, e “...quando até o pai e a prima não estão é pior!...”</p> <p>Notas da entrevista (pai das gêmeas): a criança ideal brinca. Pâmela é sensível e forte.</p>	<p>amadurecem fora da hora.</p>

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular) Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida. Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades. Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular) Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes. Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular) Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>Notas da entrevista(mãe de Pâmela e Susie):Ao responder o que considera ser uma criança ideal, diz que “nem Jesus era perfeito” e se contradiz ao acrescentar que a “criança perfeita é aquela que conhece o amor e a obediência”</p>		
Susie	<p>Notas da observação (Susie):“Ele é assim...briga, grita com minha mãe. Ela é fraquinha”. Para tratar uma mãe assim na opinião dela só se ela for fraca! Notas da observação: Ao ver o filme “enrolados” percebo a cena da filha ao temer a briga da mãe, a menina fica tensa e feliz ao mesmo tempo, a irmã diz ela gosta desta parte. Mas percebo a ansiedade da criança e o medo então pergunto se ela teme algo, responde: tenho “medo de baratas, de morrer, de coisas nojentas e que andam rápido” Notas da observação: a menina descreve sentir inveja de Marcos por ele ver Rebeldes “...vejo escondia...” Notas da entrevista</p>	<p>Notas da entrevista (mãe de Susie): Lugar para cuidar de crianças, “algumas creches”, em especial uma que conheceu que possui princípios cristãos. Notas da entrevista (pai das gêmeas): “...ela tem qualidades, são diferentes, Susie chora mais, é mais alérgica...”</p>	<p>Notas da entrevista (mãe das gêmeas): “...uma criança deve obedecer...” Notas da entrevista (pai das gêmeas):“... deve crescer com respeito e obediência... ter princípios morais...” Notas da observação (Susie): A menina após aprender repete para os amigos “depois vocês falam!”</p>

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular) Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida. Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades. Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular) Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes. Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular) Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>(mãe de Susie): “...ele nasceu eu não havia nascido no batismo, não era de cristo...” (referindo-se ao filho) “...elas são criadas diferente...”</p>		
Carlos		<p>Notas da entrevista (D. Sônia- Avó de Carlos): Lugar para cuidar de crianças é a casa e escolas, relata ter um sonho de construir sua própria escola. Notas da entrevista (Avó de Carlos): Alegre, gostar de brincar. Ele é ideal, só agora que ta mais solto, pode brincar, era muito doente...” Notas da observação: Identificação total com o personagem Kiko.</p>	<p>Notas da entrevista (avó de Carlos): “...deve respeitar...” Notas da entrevista (mãe de Carlos): “...deve respeitar a avó...obedecer... crescer com Cristo...”</p>
Nilson	<p>Notas da observação: Impressionante observar que o menino sempre esta pelo meio da sala, hoje ele deve está invisível a metade da manhã praticamente toda se escondeu atrás da lixeira, a professora o chamou uma vez e depois ele voltou e ficou um longo período. Notas da observação (Nilson): O menino declara para a pesquisadora que acha a mãe linda de rosa... em casa a criança pega uma blusa rosa dela e</p>	<p>Notas da entrevista (mãe de Nilson): lugar ideal para cuidar de filhos é o lar e algumas escolas. Notas da observação (avó de Nilson): Avó sobe na casa e fala “...não acredito você desligou o chuveiro?...pensei que era você...”, descreve que eles nunca desligam. Notas da entrevista (pai de Nilson): O Sr. Nilton que a escola é um local no qual se pode confiar, tanto</p>	<p>Notas da entrevista (mãe de Nilson): “...ter e viver princípios cristãos...” Eu aprendi assim... Notas da entrevista (pai de Nilson): “...obedecer...” “hoje eles são diferentes...” Anotações do diário de campo: Mãe de Nilson pede para participar da pesquisa mesmo o pais não participando da entrevista, pois precisa entender seu filho.</p>

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular) Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida. Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades. Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular) Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes. Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular) Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>estende sobre a cama e a mãe diz: Não digo... Este menino adora rosa, olhe só!!!</p>	<p>quanto a casa. Notas da entrevista (mãe de Nilson): "...ele é chorão...é perfeito, carinhoso..." Notas da entrevista (pai de Nilson): "...ele é sentimental..."</p>	
Carla	<p>Notas da observação (Carla): Ao receber a prova a criança chora, esperneia e diz: "não quero fazer prova! Eu não sei!" Notas da observação (Carla): "...todo mundo casa...é de Deus"</p>	<p>Notas da entrevista (mãe de Carla): Em primeiro lugar a casa que cuida de crianças, depois a escola. Notas da observação: Prima de Carla chama atenção da criança para não mexer em terra e ficar "zanzando."</p>	<p>Notas da entrevista (irmã de Carla): "...antes nós obedecíamos, agora...olha que estudava lá também...deve obedecer...olha onde estou hoje..." Notas da entrevista (mãe de Carla): "...obedecer, respeitar os mais velhos..."</p>
Grupo	<p>Notas da observação: Lúcia: "...sinto vontade de chorar, porque a gente obedece o dia inteiro..." Anotações do diário de campo: O que mais me impressionava no grupo era perceber o quanto irritava as crianças o simples fato de ouvir um choro, de ver o colega desenhar uma santa, ou ver que um quer brincar de uma coisa enquanto o outro quer brincar de outra forma os irritam tanto a ponto de perceber um olhar discriminador que elimina o rosto infantil e os fazem parecer</p>	<p>Notas da observação: Marcosao perceber Susie curvada, pergunta o que sente e prontamente diz: "Professora, Susie está com dor de barriga!". A professora responde: "Espere vou ligar para a mamãe!" Notas da observação: Lúcia entregou seu bichinho de pelúcia para Susie ao vê-la chorar. Anotações do diário de campo: a fundadora caminha pelo corredor e reclama de um dos alunos que corre no recreio, como se fosse uma avó preocupada</p>	<p>Notas da entrevista (prof Kátia): "...obedecer, viver nos princípios de Deus..." Notas da observação: A diretora no primeiro contato com a pesquisadora demonstra o quanto se sente angustiada de perceber que muitos pais não apóiam o serviço, fazem questão de nem comparecerem às reuniões e deixam seus filhos tratarem os professores com desrespeito. Desabafa o quanto se sente preocupada; demonstra claramente o vínculo</p>

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida.</p> <p>Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades.</p> <p>Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes.</p> <p>Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>adultos intolerantes e rabugentos diante do diferente.</p> <p>Anotações do diário de campo: Chego cedo e percebo as crianças em fila cantando o hino nacional. Durante o hino uma moça passa por entre a fila e vistoria a postura de todos os alunos, chama atenção. Ao final, as professoras e a coordenadora se reúnem rapidamente e em voz alta decidem quem irá levar o aparelho de som para ouvir músicas religiosas em sala.</p> <p>Notas da observação: A professora cita que há pais que cobram demais dos filhos para que sejam bons alunos, considera que realmente as gêmeas são, mas elas choram muito com medo de tirar nota baixa.</p> <p>Notas da observação: Em sala percebo Kaká chateado, me aproximo e ouço, “você desenhou esta coisa, não pode adorar imagens, não é de Deus!” A criança apaga o desenho da padroeira da cidade e fica satisfeito com o sorriso da colega.</p> <p>Notas da observação: Em outro momento</p>	<p>com seu neto que pode cair se ficar fazendo “peraltices.”</p> <p>Notas da observação: Por vezes percebo a prof. Pedir carinho e atenção para as crianças.</p>	<p>emocional que tem para com os alunos; e que gostaria de certa forma que a pesquisa se estenda para todas as classes, pois sente dificuldade de lidar com alguns problemas de cunho emocional que trazem as crianças para a escola.</p> <p>Notas da observação: A professora em sala declara para a pesquisadora que sabe das diferenças que existe entre as crianças, mas tem dificuldade de lidar com elas.</p> <p>Notas da observação: Ao tentar brincar com as crianças a professora reclama que sua garganta dói, não sendo ouvida, cuidada, diz: “ACABOU!! Vamos fazer prova!. Em sala relembra todo o tempo os alunos o que os pais dizem para elas serem em sala “obedientes” (respondem quase todos).</p>

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida.</p> <p>Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades.</p> <p>Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes.</p> <p>Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>percebo o menino chateado com sua amiga que chora, pois “não é coisa de Deus.”</p> <p>Notas da observação: A professora sempre coloca em frente a lousa a criança que faz ou fala algo que não deveria. Ou então fica com uma cara muito brava.</p> <p>Notas da observação: Ao assistirem o filme “Patrulha Celestial”. Em uma das cenas, o Anjinho Querubim diz: “Jesus quer de vocês que o respeito seja sua palavra!... B Í B L I A... nos mostra o caminho... Palavra de Deus é lâmpada para meus pés, luz no meu caminho... Quem dá é mais feliz do que quem recebe... Quem ama faz o que eu digo!”</p> <p>Notas da observação: Em sala de aula cantam: “meu Deus é tão forte... tão poderoso... pois tudo ele pode mudar!...” Outro dia a professora disse para a turma: “Deus nos perdoa sempre, mesmo que ninguém nos perdoe”</p> <p>Notas da entrevista grupo focal (pai das gêmeas): “Quando a gente quer virar Deus,</p>		

O olhar do cuidador e os modos de cuidado (categoria molecular)			
	<p>O discurso (religioso) e a normatização (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Freud (1974) a religião reprime os instintos e os cerimoniais canalizam a energia reprimida.</p> <p>Spink e Spink (2006): As desigualdades são marcas das contradições entre acontecimentos e possibilidades e das materialidades e sociabilidades.</p> <p>Luckmann (2010) descreve que a transmissão reforça o sentido</p>	<p>As diversas formas do cuidado (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Falceto e Waldemar (2001) descrevem que, ao se casarem, os cônjuges unem duas famílias que possuem histórias, tradições, expectativas e rede sociais diferentes.</p> <p>Figueiredo (2009): O cuidador ajuda o indivíduo a entender seu psiquismo.</p>	<p>A transmissão disciplinar e os cuidados (categoria molecular)</p> <p>Autores de base: Zornig (2009): Há dinâmicas formadoras do indivíduo no contexto familiar e dois tipos de discurso: i) discurso transgeracional, no qual palavras são perpassadas às gerações, sem a existência do contato físico; e, ii) discurso intergeracional, consistente na troca entre duas gerações em contato.</p>
	<p>quer que nossos filhos sejam perfeitos, isso é hipocrisia!” “Quando filho dá muito trabalho, busco Deus. Mas eles estão crescendo e já viram muita coisa ruim” (mãe de Nilson)...Sr. Sousa...“A escola e o lugar que mora é o lugar que mais se aprende. Na igreja também, mas não tem só santo... viver é difícil até para adulto, vivemos uma falsa verdade”.</p>		